



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

VANESSA ANTUNES

MULHERES DO NOVO SÉCULO:
A CONDIÇÃO FEMININA NO AMAZONAS, 1900-1910.
UM OLHAR A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA AMAZONENSE

MANAUS
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

VANESSA ANTUNES

MULHERES DO NOVO SÉCULO:
A CONDIÇÃO FEMININA NO AMAZONAS, 1900-1910.
UM OLHAR A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA AMAZONENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador:

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

MANAUS
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Antunes, Vanessa

Mulheres do Novo Século: A Condição Feminina no Amazonas, 1900-1910. Um olhar a partir das representações da Imprensa Amazonense. / Vanessa Antunes. Manaus: [s.n.], 2014, 123p.

Orientador: Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História

1. História Social. 2. História da Imprensa. 3. Periodismo.
4. Amazonas – Sociedade e Cultura.
5. Amazonas – Política e Governo.
8. Amazonas – História – 1900-1950.

I. Pinheiro, Luís Balkar Sá Peixoto
II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
(UFAM – Presidente)

Prof^ª Dr^ª Patrícia Rodrigues da Silva
(UFAM – Membro)

Prof. Dr. Davi Avelino Leal
(IFAM – Membro)

À minha família, em especial aos meus pais, meus filhos e ao meu esposo, que acompanharam e apoiaram todo árduo trabalho desta pesquisa. A eles agradeço também a paciência com que suportaram minha euforia e desejo de lhes contar tudo que eu encontrava nas páginas dos jornais, com uma empolgação similar a de uma criança com um brinquedo novo. Cada descoberta nessa dissertação calçou uma nova história em minha própria vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar como uma boa cristã quero a agradecer a Deus, por ajudar-me a não desistir nos momentos em que apenas eu Ele nas madrugadas afim lia anos de impressos, muito desgastados pela ação do tempo que nem o próprio zoom do notebook conseguia suavizar sua situação. Em seguida a Marx, que deve estar se revirando em seu túmulo pelo meu agradecimento anterior, mas sempre acreditei que corpo é matéria a alma é muito mais além do que matéria. Agradeço a Marx e Engels por suas teorias terem revelado-me toda a exploração do mundo capitalista, todas as mazelas que um governo de poucos pode trazer a uma população toda e quanto a mulher é necessária na sua luta emancipacionista no decorrer do tempo. Porque até no meio das ideias socialista ela teve que lutar para garantir a manutenção de seus ideais.

Um especial e de profunda gratidão pelo meu orientador o Dr. Luís Balkar Sá Peixoto, que mesmo ter alertado-me no início de nossas conversas na construção do projeto de pesquisa, falou em tom de brincadeira – *não vá engravidar rss-* e eu em tom irônico dizendo aqui não correria esses risco, paga-se pelo o que falasse. Pois ele já era consciente das barreiras travadas pela dedicação que se tem a pesquisa pelo simples fato de ser mulher, mãe e todas as funções que recai sobre nós. E sempre dando a palavra certa no momento certo, mesmo muitas vezes tendo a vergonha de encontra-lo, pois ficaria nítido as minhas fraquezas e dificuldades ao escrever, e mesmo assim não desistiu um minuto de mim. Quando chega próximo a minha qualificação com a noticia que o mestrado já tinha gerado um “fruto” a minha amada e pequenina Cecília que veio para mostrar que quanto mais dificuldades mas será saborosa vitória ao seu final. E de todas as maneiras ele calçou-me para conseguir levar os dois projetos que eram muito importantes na minha vida naquele momento. Muito obrigada!

E por fim, não mesmo importante a minha família, meu pai, minha mãe e ao meu amado esposo que passou horas sozinho na cama a noite sem a minha presença enquanto ficava pesquisando os jornais, servindo de motorista para os locais de pesquisa. Eu prometo que esses momentos de solidão serão recompensados, até pelo menos eu iniciar aproxima etapa da minha vida

acadêmica. Ao meu primogênito sempre fiel e companheiro meu primeiro amor verdadeiro e puro Victor Zidane que foi o meu segundo diploma em meio a graduação de História e a Cecília a minha pequena dissertação.

E não podendo esquecer dos amigos que acompanharam-me nessa longa jornada pelo mestrado, o amigo Frederico que ganhei junto com mestrado sua companhia e conhecimento, as amigas Gisele Rezk, Glaucia, Bianca, Jordana , Raimundo todos que fizeram parte da turma de mestrado. E aos meus camaradas que torceram muito por mim, entre eles Angélica, Mariane, Anderson, Nazaré, Débora e Nair. Sei que deixo muitos nomes de fora, mas é apenas nesta folha porque dentro de mim estão todos juntos em meus pensamentos e agradecimentos.

RESUMO

A dissertação aborda as representações da mulher produzidas e difundidas pelos periódicos amazonenses na virada do século XIX para o século XX, momento em que o Estado do Amazonas atravessava uma fase de expansão da economia de exportação da borracha. Vivenciando grandes transformações, a capital amazonense passou por uma fase de acentuada modernização proporcionada pela nova economia. Dentre as imagens da modernidade trazida pelo “novo século” XX, estavam as de uma “nova mulher”, cuja maior visibilidade na cena pública parecia inquietar e atemorizar a sociedade, já que suas práticas passavam a confrontar o tradicionalismo da sociedade patriarcal então vigente. Os periódicos foram testemunhas dessas transformações e suas posições, por vezes conflitivas e contraditórias, indicavam a forma como a sociedade do período pensou e sentiu aquelas transformações.

Palavras-chave:

História das Mulheres, Gênero, Imprensa, Periodismo.

ABSTRACT

The dissertation addresses the representations of women produced and disseminated by Amazonian periodicals at the turn of the nineteenth to the twentieth century, at which time the State of Amazonas undergoing a period of economic expansion of rubber exports. Experiencing major transformations, the capital of Amazonas has undergone a make a sharp modernization provided by the new economy. Among the images of modernity brought by the "new century" XX, were those of the "new woman" whose visibility in the public arena seemed to unsettle and intimidate society, since their practices went to confront the traditionalism of the then prevailing patriarchal society. Periodicals were witnesses of these transformations and their positions, sometimes conflicting, contradictory, indicating how the society of the period thought and felt those transformations.

Keywords:

History of Women, Gender, Media, Journalism.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO 1:	
A NOVA MULHER E OS AVANÇOS DA IMPRENSA	18
1.1. EM BUSCA DA NOVA MULHER	18
1.1.1. O TRABALHO E A VISIBILIDADE FEMININA	21
1.1.2. A INSERÇÃO DA MULHER PELA EDUCAÇÃO	24
1.1.3. EMANCIPAÇÃO SIM, SUFRÁGIO NEM TANTO.	30
1.2. IMPRENSA	36
1.2.1. PREOCUPAÇÕES DE MÉTODO	38
1.2.2. A IMPRENSA NO BRASIL	40
1.2.3. A IMPRENSA NO AMAZONAS	44
CAPÍTULO 2:	
O PESO DA TRADIÇÃO	52
2.1. A MODELAGEM FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL	52
2.1.1. PERFIS FEMININOS: “BOA FILHA, ESPOSA DEVOTA, MÃE DEDICADA”	56
2.1.2. CONTROLE, SUBMISSÃO, DESREGRAMENTOS.	72
2.2. IMAGENS DO DESREGRAMENTO FEMININO	76
2.2.1. SOB O ESTIGMA DE EVA: DA SEDUÇÃO À PROSTITUIÇÃO	80
2.2.2. UMA PEDAGOGIA DA VIOLÊNCIA	86
2.2.3. OS CRIMES DE HONRA	88
CAPÍTULO 3:	
A FORÇA DA TRANSFORMAÇÃO	93
3.1. DO PRIVADO AO PÚBLICO: A EXPANSÃO DO TRABALHO FEMININO	93
3.1.1. A MULHER POPULAR	95
3.1.2. AUTÔNOMAS	97
3.1.3. A PROFESSORINHA: TRABALHO HONRADO PARA MULHERES HONRADAS	99
3.2. EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO	102
3.2.1. PARA ALÉM DAS PRENDAS DOMÉSTICAS	103
3.3. LUZES DA RIBALTA?	105
3.3.1. ATRIZES E <i>COCOTTES</i>	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem mesmo penetrar na hora das orações. Silêncio nas assembleias políticas povoadas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência masculina. Silêncio no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito e a uma atitude barulhenta demais como a da “vida fácil”. Silêncio até mesmo na vida privada.

Michelle Perrot¹

A pesquisa foi desenvolvida de forma metódica e sistemática, partindo, em suas etapas iniciais, de uma avaliação do estado da arte, ou, dito de outra maneira, de uma preocupação em acompanhar os fios condutores do debate historiográfico relacionado ao tema. Isso significa que dedicamos inicialmente uma atenção especial para como a articulação dos temas *Imprensa* e *Gênero* vêm sendo desenvolvidos no âmbito da pesquisa historiográfica, em seus respectivos círculos de produção: local, nacional e mesmo internacional.

Utilizamos como base principal da pesquisa a imprensa periódica amazonense da época, cujo volume e riqueza têm sido enfatizados e explorados². Partimos de uma base previamente delimitada, com diversidade suficiente que permitisse comparações e conexões entre os diversos jornais, fossem eles órgãos da chamada “grande imprensa” ou das “pequenas folhas”, em geral efêmeras. Assim também procedemos quanto ao local de origem, fossem jornais editados em Manaus (a imensa maioria) ou títulos publicados em cidades interioranas, como Itacoatiara, Codajás, Humaitá ou Barcelos. De igual forma, buscamos a diversidade nas pautas assumidas pelos diversos órgãos de imprensa, muitos dos quais identificando em recortes temáticos, como literários, esportivos, políticos ou humorísticos.

¹ PERROT, Michelle. *As Mulheres ou o silêncio da História*. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 9.

² FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Catálogo de Jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1991; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 2001.

Buscar tais diversidades nas folhas do passado não implicava, em hipótese alguma, o desejo de diferenciá-las rigidamente, seja nas oposições acima mencionadas, seja a partir de suas linhas editoriais. Atentos para a origem e lugar social dos registros e dos periódicos analisados lançamo-nos na identificação e análise da produção e/ou difusão das representações voltadas para o universo feminino no interior desse conjunto documental.

Do ponto de vista historiográfico, a pesquisa se articula mais fortemente com a linhagem da História Social, tomada aqui como síntese histórica integradora (tudo é social!), de resto já assumida por Marc Bloch e Lucien Febvre quando da proposição da revista *Annales de História Econômica e Social*³. Contudo, nossa perspectiva guarda também relação com outra rica tradição historiográfica do Materialismo Histórico, idealizada e iniciada por Marx e Engels em meados do século XIX. Espraçando-se em diversas vertentes, abordagens e inflexões teóricas desde então – algumas das quais mostraram-se dogmáticas e esclerosadas⁴ – o pensamento marxista não parou de se renovar e de dar relevante contribuição ao pensamento social contemporâneo⁵, apesar de contínuas decretações de sua crise e esgotamento.⁶

Consagrado ao longo do século XX em primorosas interpretações, o Marxismo marcou significativamente a historiografia brasileira e internacional, desde Caio Prado Júnior a Ciro Flamarion Santana Cardoso; Georges Lefebvre à Michel Vovelle ou mesmo Carlo Ginzburg. No rastro de uma rica tradição de pensamento, têm chamado mais nossa atenção os historiadores da História Social Inglesa – Edward Palmer Thompson, Raymond Williams, Christopher Hill, Raphael Samuel e Eric Hobsbawm –, inequívocos renovadores da historiografia contemporânea.

As marcas dessa produção são muitas, a começar pela ênfase em uma história atenta não somente às elites, mas também às *pessoas comuns do povo*⁷,

³ FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 30.

⁴ FONTANA, Josep. "O Marxismo no século XX: desnaturalização e dogmatismo". In: *História: Análise do passado e projeto social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998, p. 217-232.

⁵ FONTANA, Josep. "O Marxismo no século XX: desenvolvimento e renovação". In: *História: Análise do passado e projeto social*. Op. cit., p. 233-249.

⁶ ANDERSON, Perry. *A crise da crise do Marxismo*: Introdução a um debate contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁷ HOBBSAWM, Eric. A História de baixo para cima. In: *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 216-231.

perspectiva renovadora que Thompson terminou por nomear de “*História Vista de Baixo*” em meados dos anos 1960⁸. Outro ponto central em toda essa linhagem é a atenção aos processos constitutivos do social, a partir das múltiplas relações sociais que envolvem seus diversos atores. Como sustenta Josep Fontana, a inspiração na ideia da luta de classes como motor da História imprimiu nessa tradição uma maior atenção aos conflitos sociais e a seus corolários – os movimentos sociais –, percebidos então como momentos capazes de acelerar o fluxo contínuo da transformação social.⁹

A História Social Inglesa, tendo aberto importante processo de crítica renovadora à tradição marxista, tem sido igualmente apontada como um dos esteios a partir dos quais emergiu e se consagrou em nossos dias a História Cultural¹⁰, cuja ênfase no diálogo com a Antropologia e à atenção ao conceito de Cultura tem estado em grande voga.¹¹

No bojo dessa renovação e expansão do universo historiográfico os estudos de gênero emergiram e se consolidaram, em atenção a esses vínculos e preceitos, consagrando exatamente um conjunto de historiadoras que trilharam uma trajetória acadêmica perpassada na encruzilhada dessas múltiplas tradições teóricas, notadamente Natalie Zemon Davis, Michelle Perrot e Joan Scott.¹²

Rememorando sua trajetória, Natalie Davis, a consagrada historiadora norte americana que se destacou tanto pelos estudos de gênero quanto pela exploração das dimensões culturais na História, não deixaria de explicitar essa filiação:

Além da história me fornecer aquele sentido do passado que me faltava, meu interesse por política, especialmente do tipo marxista, tornava a história particularmente importante. Marx havia dito que a história era o único tipo de ciência que poderia nos servir de guia para o futuro, e me fascinava pensar que eu – não como mulher ou judia, que àquela altura

⁸ THOMPSON, Edward Palmer. A História vista de baixo. In: *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 185-201.

⁹ FONTANA, Josep. *História: Análise do Passado e Projeto Social*. Op. cit., 8, p. 233-249.

¹⁰ VAINFAS, Ronaldo. “A História Cultural”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 155-158.

¹¹ DAVIS, Natalie Zemon. “Antropologia e História nos Anos 80”. In: NOVAES, Fernando Antonio e FORASTIERI, Rogério (Orgs.). *Nova História em Perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 329-340;

¹² Embora a obra de todas elas seja bastante extensa, lembro aqui apenas alguns de seus textos mais emblemáticos: DAVIS, Natalie Zemon. “As Mulheres por Cima”. In: *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 107-127; PERROT, Michele. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Op. cit.; SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p. 5.

não me pareciam questões particularmente interessantes – fazia parte da grande corrente, da onda da humanidade.¹³

Quanto aos marcos cronológicos adotados nesta pesquisa incidiram sobre a primeira década do século XX (1900 a 1910), não apenas porque este é um momento singular na produção periódica amazonense, ainda em expansão¹⁴, mas também pelo fato desta imprensa já referenciar com um pouco mais de constância a condição feminina, ela própria em franca expansão em todo o ocidente.

Convém registrar ainda que esta década inicial do século XX marca para a história da Amazônia um momento de pujança econômica sem precedente, proveniente da expansão da economia de exportação da borracha¹⁵. Isto permitiu uma maior aproximação do contexto local com a dinâmica econômica, social, política e cultural vivenciada tanto na Europa Ocidental, quanto nos Estados Unidos da América e uma assimilação mais pontual não apenas de produtos e técnicas, mas também de valores e ideias, em plena efervescência e mutação.

A partir dessa busca, que envolveu particularmente os meios de comunicação impressos da capital e do interior do Estado do Amazonas, conseguimos *iniciar* o processo de delineamento dos múltiplos perfis femininos e da vivência feminina. O acento no termo “*iniciar*” se faz necessário, uma vez que ficou claro que muito mais poderá ser descoberto no enfrentamento com outros periódicos que ainda não foram pesquisados. Com efeito, o acervo de periódicos produzidos no Amazonas é extremamente rico, chegando a mais de 300 títulos entre 1851 e 1908, conforme catalogou J. B. Faria e Souza¹⁶. Com isso, queremos insistir que preocupações como as nossas devem ser aprofundadas, de forma a permitir uma maior e melhor visibilização e representação feminina em um período tão rico de nossa história.

No rastro do trabalho de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, não podemos deixar de ressaltar que esses impressos guardavam muitas distinções internas, como o fato de serem temáticos (políticos, humorísticos, literários, esportivos, etc.) ou não;

¹³ Entrevista à PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas faces da História: nove entrevistas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 86.

¹⁴ Com efeito, Maria Luiza Ugarte Pinheiro argumenta que há uma crescente expansão na produção de jornais até mais ou menos 1910, começa a declinar sensivelmente logo após esta data. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. Cit., p. 55.

¹⁵ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia, 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

¹⁶ FARIA E SOUZA, João Baptista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

diários ou hebdomadários (semanais ou quinzenais); empreendimentos empresariais ou amadores, etc.¹⁷

Embora não se deva radicalizar, conforme sustenta Pinheiro, os periódicos mencionados como pertencentes a uma “grande Imprensa”, são por vezes identificados como mais “oficiais” ou conservadores, o que significa que, frequentemente, representavam a voz dos grupos políticos e oligárquicos locais. Muitos deles assumiram uma clara dimensão empresarial e, por isso, tinham uma periodicidade regular (algumas vezes diária) e grande tiragem (por vezes acima de 1000 exemplares)¹⁸, além um acabamento gráfico de melhor qualidade, já que produzidos com maquinário moderno para a época, como a linotipo.¹⁹

Por outro lado, as pequenas folhas tendiam a ser mais amadoras e, por vezes bastante improvisadas – manuscritas e datilografadas –, não conseguindo manter uma circulação periódica contínua e regular. Sendo em sua grande maioria hebdomadários – Heloísa de Faria Cruz as chamou de “folhas domingueiras”²⁰ –, tiravam poucos números e muitas não passavam do primeiro. Conseguiam, todavia, expor a voz de grupos que estavam fora da órbita do poder oligárquico, ou mesmo de grupos menos favorecidos. Com linguagem mais simples e ligeira, tentavam apontar, muitas vezes em um tom de parodia, as mazelas que sofriam a cidade e seus cidadãos menos favorecidos.

Com relação às imagens femininas, partimos do princípio de que estes impressos tenderiam a produzir representações polarizadas, da mulher da alta sociedade, em notas sociais e registros laudatórios, às mulheres populares, na crônica policial e na crítica dos costumes. Poder acompanhar as diferentes representações acerca das vivências femininas que emergiam desses periódicos assim segmentados, permitia confrontar a existência de visões diferentes de uma mesma temática, possibilitando, um posicionamento de maior criticidade. O quanto isso se corporifica nas fontes é que adiante se verá.

A dissertação está estruturada em três capítulos, sendo o primeiro de caráter mais contextual, buscando fazer um breve levantamento das correntes

¹⁷ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 53-87.

¹⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 67.

¹⁹ VAZ, Paulo Bernardo. “De Liberty a Marinoni: Feição e feita jornalística”. In: CASTRO, Maria Céres et al. *Folhas do Tempo: Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte (1895-1926)*. Belo Horizonte: UFMG / Associação Mineira de Imprensa / Prefeitura de Belo Horizonte, 1997, p. 47-68.

²⁰ Apud. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 59.

historiográficas que no século XX iniciaram a discussão sobre uma história da mulher e apontando algumas de suas conclusões e aportes. Um deles, externado por Natalie Zemon Davis, me pressionava a tentar mudar meu próprio olhar sobre a história das mulheres. Com efeito, Davis argumentava preferir “um tipo de história das mulheres que não as olhe como vítimas e que as percebam nas várias situações em que estão em colaboração e até cumplicidade com os homens”.²¹

É a mesma postura que levou Michelle Perrot a argumentar sobre os *poderes* das mulheres. Menos que vítimas, elas tentam intervir e, de fato, intervêm, produzindo mudanças. Referenciando a “pesquisa feminista” da época, Perrot argumenta que,

em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela [a “pesquisa feminista”] procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude de seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência de seus poderes.²²

Perrot ainda nos faz perceber o importante papel das mulheres para produzir a passagem de uma vida privada para as esferas mais amplas da dimensão pública, especialmente na virada do século XIX para o século XX²³. Foi ela também que me direcionou o olhar para tentar perceber na pesquisa o papel diferenciado da mulher popular.

Embora pareça estranho, um historiador de destaque para a pesquisa foi Eric Hobsbawm. Não por nos permitir perceber, como poucos, a íntima articulação entre economia e sociedade, mas por propor um entendimento de como a emergência de uma “nova mulher” na virada do século XIX para o XX se articula àquelas engrenagens.²⁴

Seu olhar não descuidava de discorrer sobre a emancipação feminina articulando-a ao advento do capitalismo. Destaca a inserção das mulheres no mundo do trabalho, desde os trabalhos braçais do campo à moderna exploração fabril, sem descuidar de registrar as suas primeiras manifestações políticas, o engajamento no socialismo, e o sufrágio.

²¹ Entrevista à PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas faces da História*. Op. cit., p. 99.

²² PERROT, Michelle. “As mulheres, o poder, a história”. In: *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 169-170.

²³ PERROT, Michelle. “Público, privado e relações entre os sexos”. In: *As Mulheres ou o silêncio da História*. Op. cit., p. 455-465.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. “A nova mulher”. In: *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 271-306.

Além dessas breves abordagens acerca da articulação mulher e história, a segunda parte do primeiro capítulo busca discutir a relação da imprensa com a produção historiográfica, em nível nacional e local. Início discorrendo sobre as dificuldades encontradas pelos pesquisadores na utilização dos periódicos, com destaque para a falta de políticas públicas para a conservação dos impressos; a necessidade do acesso livre aos acervos e de uma melhor qualificação das pessoas quem cuidam e lidam com esses arquivos. Estas dificuldades não foram apenas minhas, já que aparecem relatadas em quase todas as pesquisas que utilizaram como fonte os periódicos. Destacando especialmente as pesquisas que emergiram no âmbito local, mesmo com todos os percalços acima descritos, e que iniciaram um grande processo de catalogação, organização e disponibilização de bases de periódicos para a pesquisa, além do fomento direto à pesquisa acadêmica que tome a imprensa como fonte e objeto da análise historiográfica. Neste processo, ganhou especial destaque a tese já referenciada de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, tanto por seu caráter seminal, quanto pelas perspectivas que abriu para novos trabalhos neste campo.²⁵

A partir do segundo capítulo enfrentamos mais diretamente a pesquisa do nosso objeto, as representações femininas produzidas e difundidas pela imprensa amazonense. Iniciamos o capítulo com uma breve discussão sobre o peso da sociedade patriarcal na formação e “modelagem” da mulher no interior da sociedade. O tradicionalismo da sociedade patriarcal brasileira foi, dessa forma, patrocinador direto das práticas de dominação de gênero e difusor das visões e representações que se impuseram às mulheres. Além desse debate, também avançamos numa pequena contextualização do Amazonas na virada para o século XX, como salientamos, um período de expansão econômica e de projeção da cidade de Manaus, que passa por um vigoroso processo modernizador associado aos valores estéticos da Belle Époque.²⁶

Foi a partir dessa contextualização que discutimos as imagens produzidas pelos jornais amazonenses que, em boa medida, enfatizam os papéis sociais de

²⁵ No momento em que finalizava essa dissertação ocorreu o lançamento de uma coletânea que materializava as dimensões que aqui estou comentando. Trata-se do livro: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.

²⁶ DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

gênero, indicando e/ou reforçando os comportamentos femininos dentro da ideia modelar traduzida na tríade “boa filha, esposa devota, mãe dedicada”.²⁷

Nesse capítulo buscamos desbravar um lado mais obscuro nas representações femininas, já que relacionadas com o controle, a submissão e o desregramento²⁸. Representação que se alternavam confusamente dos crimes de honra – neles a mulher, Eva, portadora do pecado original, é ao mesmo tempo vítima e causadora de seu infortúnio – à prostituição. A mulher desregrada é o assunto das páginas policiais e ou de colunas – “os buliçosos”, “gente da arrelia”²⁹ – que exploram o submundo da cidade. As mulheres ali localizadas afrontavam a “moral e os bons costumes” de uma sociedade patriarcal, acuada pelos novos tempos. Pensamos que em todos esses casos será possível identificar tanto a força da norma disciplinadora, quanto sua transgressão.

No terceiro e último capítulo buscou-se enfatizar as mudanças nos papéis sociais e nos comportamentos femininos, por vezes em conflito aberto com as ideias modelares da submissão de gênero. Nesta direção, percorre-se a trajetória feminina em busca de sua consolidação no espaço público, em especial com a expansão do trabalho feminino. Situações diversas espraiavam-se pelos anúncios dos jornais, por vezes expondo as habilidades desejadas. Emergem ali professoras particulares (de primeiras letras, de línguas ou de pianos), modistas, costureiras, parteiras, etc.

Ancorada em Perrot, pensamos que a expansão do trabalho feminino nos espaços públicas, é uma porta por onde se pode identificar mais pontualmente a mulher popular. A visualização dessa mulher popular trabalhadora nos levará também às imagens de cozinheiras, babás e ama-de-leite, embora a busca de mão-de-obra mais qualificada por parte das famílias abastadas acabasse por valorizar e buscar as mulheres estrangeiras fossem elas portuguesas, francesas ou

²⁷ PERROT, Michelle. “Imagens de Mulheres”. In: *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 9 e 13-32. Uma abordagem recente nesta direção aparece em: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: Relações de gênero e História em José de Alencar*. Bauru, SP: EDUSC, 2012.

²⁸ O termo, escamoteando o desejo feminino de não se submeter aos ditames sociais e aos papéis de gênero que lhes eram impostos, foi magistralmente explorado em: DAVIS, Natalie Zemon. “As Mulheres por Cima”. In: *Culturas do Povo*. Op. cit., p. 107-127.

²⁹ Ambas são colunas do *Jornal do Comércio*, aparecendo já nos primeiros anos do jornal, que iniciou suas atividades em 2 de janeiro de 1904. Tanto como as “*queixas do povo*” e “*coisas policiais*”, essas colunas saíam na primeira página do jornal e eram estruturadas na forma de pequenas notas, escritas, por vezes, num tom jocoso e sarcástico, quase sempre repercutindo os registros da polícia.

barbadianas. Por fim, tentamos discutir se estariam estas mulheres populares escondidas nas grandes folhas e mais exposta nos pequenos jornais.

O tema da educação como condição para a emancipação também chamou nossa atenção, já que o estudo feminino, além de valorizar a nova mulher, abria um grande espaço para a sua atuação profissional, numa área prestigiada e respeitosa: o magistério.

Outros temas foram a narrativa dos crimes passionais, em que as mulheres aparecem ora como vítimas, ora como autoras, e a difícil afirmação do desejo: novas sociabilidades e posturas diante do amor (namoro, casamento e sexo), demarcando rupturas na hierarquia da sociedade patriarcal e produzindo imagens transgressoras e conflitivas.

CAPÍTULO 1

A NOVA MULHER E OS AVANÇOS DA IMPRENSA

1.1. EM BUSCA DA NOVA MULHER

A recente busca por reconhecimento, igualdade e liberdade tem sido, na verdade, o resultado de uma árdua trajetória de enfrentamento em que milhares de mulheres buscam firmar seu lugar na história. Muitas imagens e representações foram reproduzidas ao longo de séculos, enfatizando uma figura “frágil”, meiga e maternal. Trata-se de uma imagem quase sagrada que recupera em Maria, a mãe de Cristo e essência dessa mulher imaculada.

Sendo tais imagens construções, como romper com a força de tais representações? A imagem da tríade filha-esposa-mãe sinaliza para a principal e mais importante *função* da mulher na sociedade ocidental, correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa.³⁰

Seria audácia de nossa parte conseguir retratar nessas poucas páginas todas as suas odisséias em busca do seu espaço no mundo patriarcal que ainda marcava a primeira década do século XX. Tentamos de forma concisa traçar uma pequena parte das lutas femininas no decorrer da virada do século XIX para o século XX, período que nos propusemos a estudar.

Mais do que encontrar a verdade do passado, a pesquisa histórica é, muito frequentemente, um olhar para si próprio, um desejo de autoconhecimento. Natalie Davis sintetiza essa dimensão especial e fascinante de nosso ofício, quando sustenta que “a história nos serve somente pelas perspectivas que nos abre, pelos pontos de vista que nos descortina, a partir do qual podemos olhar e entender o presente”.³¹

Mais falar da condição feminina ao longo do tempo é defrontar-se com uma presa esquivada e fugidia e mesmo uma das mais notáveis historiadoras deste campo

³⁰ MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 374.

³¹ Entrevista à PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Múltiplas Faces da História*. Op. cit., p. 88.

revolveu-se em dúvidas³². Perrot lembrava que os próprios materiais (documentos, arquivos e acervos) com os quais lida o historiador são “produtos dos homens que têm o monopólio do texto e da coisa pública”, o que só reforça a exclusão e o silêncio sobre as mulheres. É por isso que ela frequentemente se interroga: “mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?”.³³

Para a autora, um ponto de inflexão estaria nas profundas transformações ocorridas no século XIX, embora as dificuldades não desapareçam de todo:

Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é de uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento.³⁴

Não foi fácil identificar quando essas vozes femininas começaram a romper com o silêncio e em qual intensidade fizeram ecoar seus desejos, modificando toda a estrutura engessada que estava montada a séculos. Mas ante o silêncio anterior sobressai agora uma mulher ativa e atuante: lutou, votou, fez greves, foi ao *front* nos momentos mais difíceis da história dos homens. Múltipla, a mulher foi para os homens a fontes de inspiração, temor e desejo. Perrot argumenta que elas “reinam no imaginário dos homens, preenchem suas noites e ocupam seus sonhos”.³⁵

Atuando, quase sempre dentro de espaços socialmente permitidos, a nova mulher deixou sua marca e singularidade. Em tempo, fez ver sua força “delicada”. Michelle Perrot lembra que mesmo quando a elas não se lhes permite a participação política e a atuação no espaço do (macro) poder, elas intervêm no cotidiano das relações e, portanto, “se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes...”.³⁶

Onde fincar os marcos cronológicos dessas transformações? Como mencionamos, Eric Hobsbawm argumentou que uma guinada mais decisiva em

³² No início de seus estudos sobre as mulheres, Michele Perrot chegou a levantar a questão: “uma história das mulheres é possível?”. Cf: Entrevista à Hermetes Reis de Araújo. *Projeto História*, São Paulo, (10), dez. 1993, p. 126.

³³ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Op. cit., p. 186.

³⁴ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da História*. Op. cit., p. 9.

³⁵ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Op. cit., p. 167.

³⁶ Idem.

direção à emancipação feminina parece só ter ocorrido efetivamente nas duas décadas finais do século XIX, período de consolidação do capitalismo e dos valores da sociedade burguesa³⁷. Esse momento foi efetivamente marcante para as mulheres que chegaram ao fim do século XIX, e que tentaram aos poucos evidenciar os primeiros sinais de seu desejo de emancipação. Não sendo ainda um movimento de massa, já que esse desejo se expressava a partir de um número modesto de mulheres, tais ações impactavam a sociedade, fazendo com que essas pioneiras ficassem marcadas na gênese da luta emancipacionista das mulheres.

Mesmo no centro dinâmico do mundo capitalista em expansão, principal dinamizador da sociedade burguesa, o desejo de emancipação feminina não apareceu – ou não se expressou – no mesmo momento para todas as mulheres da sociedade europeia e norte-americana. Hobsbawm argumenta que, naquele período, ela esteve quase inteiramente restrita ao estrato médio e, em formas diferentes, aos estratos superiores da sociedade, estatisticamente menos significativos.³⁸

Enormes parcelas ficaram, portanto, de fora desse primeiro impulso transformador, em especial nas zonas menos urbanizadas, onde era comum encontrar o trabalho braçal de homens e mulheres nos campos. A exploração das mulheres também campeava, em especial, nas indústrias que haviam emergido da Revolução Industrial, produzindo relações extremamente espoliativas de trabalho e condições sub-humanas de existência. Longe do idílio com que por vezes tende a ser retratada, a prostituição destruía, fosse pela doença ou pela miséria que ensejava, uma profusão vidas mobilizadas para o uso exclusivo do entretenimento masculino.

Inversamente, é possível perceber a emergência de outras frentes de luta. No interior do emergente proletariado, as mulheres começam a ensaiar suas primeiras manifestações e greves, enquanto no meio intelectual assiste-se o crescimento no número de adesões de mulheres à causa socialista e libertária, tal como aconteceu com Rosa Luxemburgo ou Emma Goldman.

Tanto num, quanto noutro caso, essa expansão da luta pela emancipação feminina esteve presente, com pequena defasagem de tempo. No caso da

³⁷ HOBBSBAMW, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Op. cit., p. 272.

³⁸ Idem, p. 272.

emergência de lideranças femininas engajadas com o socialismo o fenômeno é mais difuso e só aparecerá com mais clareza após as décadas de 1920 e 1930, mas emergiram várias lideranças femininas engajadas na conquista de direitos políticos e sociais, tais como Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura. De acordo com Célia Regina Pinto:

No Brasil... a primeira fase do feminismo teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras. Esta luta esteve definitivamente associada ao nome de Bertha Lutz, que exerceu uma inegável liderança durante a década de 1920.³⁹

Mas estas referências estão mais para o fim de uma jornada do que para o momento e as dimensões que queremos explorar, qual seja, o da lenta emergência de uma consciência política transformadora, o que, no Brasil e no Amazonas, passava inexoravelmente, pelo rompimento dos grilhões e amarras da sociedade patriarcal.

1.1.1. O TRABALHO E A VISIBILIDADE FEMININA

A mulher que vivenciou a virada do século XIX para o XX, e que tanto despertou a atenção, provocando admiração e receio, foi aquela que, movida pelas circunstâncias das transformações sociais e defrontada com as urgências ditadas pela sobrevivência, passou a enfrentar o modelo patriarcal, lançando-se a espaços bem maiores que as paredes da casa da alcova.

Trabalhar fora da segurança e do decoro do lar, passou a ser um desafio a ser enfrentado na luta pela sobrevivência, especialmente pelo estigma que a rua e o espaço público podiam provocar, plasmando-se como uma chaga no corpo e na alma feminina. Nas cidades, a associação entre a mulher popular trabalhadora e a prostituta era recorrente e podia trazer sérias consequências.

A expansão do mercado de trabalho deu maior visibilidade às mulheres e este as favoreceu na correlação de forças ante a dominação masculina, mas nem de longe essa vinculação maior ao mercado de trabalho significou a emancipação,

³⁹ PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, p. 13.

tanto desejada e esperada. Hobsbawm lembra que perdas também ocorreram nesse processo, já que

o segundo efeito da industrialização em relação à imposição feminina, e o mais importante, foi também muito mais drástico: separou a casa do local de trabalho. E, ao fazer isto, excluiu-as em larga medida da economia publicamente reconhecida – aquela em que eram pagos salários às pessoas – e agravou sua tradicional inferioridade em relação aos homens por meio da nova dependência econômica.⁴⁰

As marcas mais visíveis do trabalho feminino no início do século XX começavam a serem mais percebidas na indústria, nos ramos têxteis e de confecções, mas era bem mais visível no setor de serviços (comércio) e nos serviços domésticos:

O trabalho da mulher na indústria estava, no início de nossa época, ainda predominantemente concentrado nos poucos ramos tipicamente “femininos” notadamente têxteis e de confecção, mas também a cada vez mais na indústria de alimentos. Contudo, a maioria das mulheres que ganhavam a vida individualmente o fazia no setor de serviços.⁴¹

Essas ponderações de Hobsbawm acerca das mulheres no contexto europeu, parecem guardar forte semelhança com o que ocorreu no Brasil do mesmo período. Marina Maluf e Maria Lúcia Mott defendem a ideia de que no Brasil, desde cedo, desenhou-se um mercado de trabalho *destinado* às mulheres, onde as ofertas de emprego, em geral, estavam mais próximas daquilo que se considerava uma extensão das atribuições “intrínsecas” ao gênero feminino: professoras, enfermeiras, datilógrafas, secretárias, telefonistas...⁴²

Essas ocupações específicas tendiam a reforçar uma divisão de tarefas por gênero, e até mesmo elevar a patamares mais altos a segregação sexual⁴³, já que o homem continuaria sendo visto e valorizado como o provedor na configuração familiar, independente do trabalho da mulher e do tempo por ela despendido nesse trabalho. Registre-se que, na maioria das vezes a jornada de trabalho de homem e mulheres era semelhante, senão idêntica. A manutenção do *status* de provedor pelo homem advinha da forte assimetria nos salários, onde o da mulher poderia chegar a um terço do masculino na mesma ocupação. Desta forma, o dinheiro trazido pela mulher era visto como uma mera complementação financeira, o que,

⁴⁰ HOBBSBAMW, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Op. cit., p. 278.

⁴¹ Idem, p. 281.

⁴² MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 402.

⁴³ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Op. cit., p. 186.

nem de longe, autorizava a fazer ou propor mudanças nas hierarquias conjugais. Assim, para Hobsbawm, os ganhos das mulheres e das crianças, já que estas também foram mais fortemente inseridas no mercado de trabalho, eram

concebidos como complementares, e isso reforçavam a tradicional crença de que o trabalho da mulher (e o dos menores, é claro) era inferior e mal pago. Afinal, a mulher devia receber menos desde que não era dela que provinha a renda familiar. Uma vez que os homens, mais bem pagos, teriam seus salários reduzidos pela competição das mulheres, mal pagas, a sua estratégia lógica era a de excluir, se possível, tal competição, compelindo ainda mais as mulheres à dependência econômica a aos empregos perenemente mal pagos.⁴⁴

Dentre esses trabalhos mal remunerados que cabiam a mulher, os serviços domésticos parecem ter sido aqueles que mais concentraram as camadas populares no Brasil. Arrumadeiras, cozinheiras, amas de leite, passadeiras e lavadeiras eram ocupações recorrentes. No caso das lavadeiras, a historiografia brasileira de gênero demonstra que a lavagem de roupa nas cidades brasileiras foi, no período, uma importante fonte de renda para as mulheres, embora elas tenham passado também pelos mesmos empecilhos decorrentes do processo de urbanização das grandes cidades que as europeias. Tais empecilhos estavam especialmente vinculados a um maior controle da higiene sanitária e do comportamento: volume das vozes nas conversas intermitentes, roupas inadequadas, seja pelo decote, comprimento ou transparência ou a frequência das brigas e disputas de clientes ou mesmo de amantes.⁴⁵

Com efeito, em passagem memorável de sua obra, Perrot dissecou o funcionamento dos lavadouros, explicitando significados e práticas que iam muito mais além do que as meras relações de trabalho:

É que o lavadouro é para elas muito mais do que um lugar funcional onde se lava a roupa: um centro de encontro onde se trocam as novidades do bairro, os bons endereços, receitas e remédios, informações de todos os tipos. Cadinhos do empirismo popular, os lavadouros são também uma sociedade aberta de assistência mútua: se uma mulher está num “atoleiro”, acolhem-na, fazem uma coleta para ela. A mulher abandonada pelo seu homem merece no lavadouro, onde a presença masculina se reduz a meninos importunos, de uma simpatia especial. Uma criança abandonada certamente aí encontra uma mãe.⁴⁶

⁴⁴ HOBBSBAMW, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Op. cit., p. 279.

⁴⁵ MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 408.

⁴⁶ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Op. cit., p. 202-203.

Embora o emprego fosse um passo importante na luta pela emancipação, no Brasil a inserção da mulher no mercado de trabalho durante a virada para o século XX ainda estava sujeita a tutela do esposo, o que significa que precisavam de autorização expressa dos maridos para poderem se empregar.⁴⁷

1.1.2. A INSERÇÃO DA MULHER PELA EDUCAÇÃO

Paralelo a essa evolução econômica que amplifica o mercado de trabalho e que influenciou decisivamente na vida das mulheres, encontramos também, na virada do século XIX para o século XX, outro fenômeno que parece ter contribuído de igual forma para a emergência da nova mulher: a educação. O movimento, num primeiro instante, é, com efeito, duplo: assiste-se a expansão da alfabetização e do letramento feminino no mesmo instante em que, paralelamente, esse processo educacional passa a ser valorizado como um caminho seguro para uma conduta social moderna e civilizada. Portanto, as mulheres são alcançadas – não sem participarem do processo – por mudanças ditadas pelo comportamento social mais amplo. Como se verá, só um pouco mais tarde é que parece se fortalecer, em especial na fala feminina, a relação entre educação formal e emancipação.

A historiografia tem registrado com clareza um aumento considerável na área educacional ao longo do século XIX. O ensino formal se expande com a contínua abertura de escolas. O processo é, de fato universal e dele o Amazonas também participou. Flagrando a cidade de Manaus em 1910, Bradford Burns registrou que “Manaus possuía um sistema educacional excepcionalmente bem desenvolvido. Realmente, a maior soma sob uma única rubrica do orçamento estadual de 1910 destinava-se à educação. E a maior parte dessa verba permanecia em Manaus”.⁴⁸

No bojo dessa expansão, a presença feminina começou a se tornar mais visível na segunda metade do século XIX. Na virada para o século XX, um número

⁴⁷ “As mulheres casadas, de acordo com o Código Civil, precisavam da autorização do marido para exercer qualquer profissão fora do lar... atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal”. MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 402.

⁴⁸ BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966, p. 17-18.

considerável de mulheres já havia concluído a educação básica e muitas delas acabaram expandido sua atuação para o magistério.

Ao traçar um quadro comparativo do índice educacional de alguns países da Europa e dos EUA, Hobsbawm observou um crescimento no final do século XIX que se intensificou ainda mais a partir da primeira década do século XX, com as salas de aulas chegando a ter mais meninas do que meninos, dilema que forçou a contratação de professores mulheres, já que somente elas poderiam (ou deveriam) ensinar as meninas na escola⁴⁹. Desta forma, “o desenvolvimento da educação primária expandiu o magistério, uma profissão (subalterna) que, em um bom número de países – nos EUA e crescentemente na Inglaterra –, tornou-se notavelmente feminizada”.⁵⁰

Esse aumento nos indicadores educacionais atingiu todas as classes sociais, embora em algumas com maior intensidade. Uma primeira consequência dessa maior escolarização foi exatamente o reforço da inserção da mulher tanto no mercado de trabalho, onde muitas se tornaram professoras de primeiras letras, quanto nos círculos da cultura letrada, o que lhes facultava maior contato com a literatura e com a Imprensa – ou com a literatura através da imprensa⁵¹ – abrindo horizontes infinitos à imaginação.

A leitura e a educação escolar feminina traziam preocupação para os mais tradicionalistas, que não viam com bons olhos o anseio o avanço desse processo, já que podia desviar a mulher dos papéis tradicionais à ela dedicado.

A mulher que estuda parece abdicar dos deveres domésticos [...] toma uma posição falsa de desconfiança para a sociedade, que geralmente a julga inapta para exercer o elevado sacerdócio do lar. É este, pelo menos, o conceito que a grande maioria do nosso povo faz da mulher que ultrapassa as limitadas raias de ação concedida ao seu sexo, no vasto campo da atividade intelectual! Ser BOA DONA DE CASA, no entanto,

⁴⁹ HOBSBAMW, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p.283.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Data do final do século XIX a introdução do folhetim nos jornais, em geral ocupando a barra inferior da 1ª página. Muitas vezes o contato do público leitor com as obras literárias de grandes escritores como Dostoiévski, Vitor Hugo, Machado de Assis ou Olavo Bilac, se deu primeiramente através do romance folhetim encartado nos jornais. Cf. MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996. Pinheiro argumenta que no Amazonas os romances folhetins já apareciam nos primeiros jornais da Província (*Estrela do Amazonas*, de 1852 e o *Amazonas*, de 1866). Ainda segundo a autora, “em 1874, com quase dez anos de circulação, o *Diário do Amazonas* anunciava em primeira página uma novidade para seus leitores: decidira incorporar o Folhetim”. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 223.

deve ser uma qualidade intrínseca da “alma feminina”, não importando se de uma doutora ou de uma engomadeira.⁵²

Essa é a razão pelo qual ao longo de toda a segunda metade do século XIX os conteúdos veiculados pela imprensa e que se destinavam explicitamente às mulheres emergiam revestidos de ponderações e preocupações. Em estudo recente, destinado a investigar a emergência de um público leitor feminino no Amazonas do período Imperial (1850-1889), Jordana Coutinho Caliri flagrou alguns exemplos dessa leitura “vigiada”, como a publicada pelo Correio da Manhã:

O Correio da Manhã jamais esquecerá a família. Na falta de um jornal recreativo, destina uma parte de suas columnas para n'ellas as moças de famílias beberem alguma instrução, conhecerem o mundo pela fantasia, pelas exaltações da inteligência do homem... a mulher é hoje um ser social. Na instrução da mulher está o amor da família, o seu primeiro cuidado.⁵³

O jornal amazonense deixa claro os limites e amarrações dessa leitura feminina, seja quando define seu caráter “recreativo”, seja quando reafirma a prevalência da família, seja ainda quando percebe nesta “alguma instrução” um instrumento para a “exaltação da inteligência do homem”. Lembrando novamente Michelle Perrot, não podemos esquecer que essa tendência de conceber a mulher como um *ser desprovido de capacidade intelectual*, a persegue desde os mais remotos tempos, ancorando tais afirmações em preceitos “naturais”, relegando a mulher a uma condição inferior entre os seres humanos. Diz Perrot, aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.⁵⁴

Resistências à parte o processo educacional feminino continuou e se intensificou no Brasil, impressionando por sua dimensão. De acordo com Maria Angélica Alves, uma importante escritora brasileira do início do século XX, Júlia Lopes⁵⁵, destacou exatamente esse avanço em suas andanças pelo país. Para Alves, Júlia Lopes

⁵² MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 403.

⁵³ CALIRI, Jordana Coutinho. “Entre poesias e folhetins: Leituras femininas nos jornais do Amazonas Provincial”. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Op. cit., p. 53-54.

⁵⁴ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Op. cit., p. 177.

⁵⁵ Julia Lopes de Almeida foi jornalista e escritora na virada do século XIX para o XX no Brasil, onde escreveu para diversas revistas femininas entre elas a revista paulista *A Mensageira: Revista Literária dedicada à Mulher Brasileira*.

reconhece, enfim, estar vivendo uma “nova era”, na qual as mulheres, definitivamente, entregam-se a atividades inteligentes e úteis. Sinceramente impressionada com a atuação das mulheres da alta sociedade de Porto Alegre, Júlia Lopes anuncia aos leitores a possibilidades de autonomia intelectual do “mundo feminino sul brasileiro”, decorrido o prazo de vinte anos.⁵⁶

A busca pelo reconhecimento e pela valorização da educação feminina no Brasil conseguiu o apoio de algumas mulheres, jornalistas e escritoras, que ainda representavam uma parcela muito pequena no início do século XX. Foram elas que tentaram, por meio da imprensa feminina, demonstrar o valor e a importância da mulher letrada no novo século que chegava. Com efeito, a educação feminina como suporte para a emancipação foi a primeira grande causa levantada pelo feminismo no Brasil, sendo até mesmo anterior ao movimento sufragista. Essa importância atribuída à educação pode ser percebida na contundente fala da escritora Cecília Bandeira de Melo (Chrysanthème): “Do que a brasileira mais precisava para fazer valer o seu ‘direito de ente pessoal e civilizado’... Não é de elegâncias nem de danças, mas sim de instrução e de educação”.⁵⁷

Com uma maior inserção da mulher na educação escolar começou a esboçar-se as primeiras formas de “liberdade” da mulher letrada, tendo enfim rompido a redoma que a privava do saber, até então apanágio dos homens. Porém essa mulher letrada que, em geral, vinha de famílias abastadas ou de alguma posse, não tinha ainda o privilégio de trabalhar fora de casa, como já acontecia com algumas mulheres de camadas sociais mais desfavorecidas.

A importância dessas mulheres letradas que se atrevem a penetrar no mais restrito espaço da escrita pública é fundamental, em especial porque conseguiam canalizar todas as angústias e anseios de sua vivência em diários, lembranças, relatos de viagens, literatura e na própria imprensa, chegando mesmo a assinar folhetins nos jornais da primeira metade do século XX.

De acordo com Maria Ângela D’Incao, o espaço do privado que lhes tolhia, forneceu também as condições para essa liberdade: “As alcovas, espaço do segredo e da individualidade, forneciam toda a privacidade necessária para a exploração de

⁵⁶ ALVES, Maria Angélica. *A Educação Feminina no Brasil do entre séculos (XIX e XX)*. Imagens da Mulher Intelectual. UERJ.

⁵⁷ Apud MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 374.

sentimentos: lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis”.⁵⁸

Perrot já havia chamado nossa atenção para essa dimensão, ao argumentar que:

Uma mulher, na intimidade de seu quarto, pode escrever um livro ou um artigo de jornal que a introduza no espaço público. É por isso que a escritura, suscetível de uma prática domiciliar (assim como a pintura), é uma das primeiras conquistas femininas, e também uma das que provoca mais forte resistência.⁵⁹

Assim, com a educação formal, a leitura e a escrita, o final do século XIX trouxe a esperança dessa nova via de liberdade para essa mulher enclausurada, mas, como acima mencionado, essa liberdade foi sempre limitada e vigiada. Referindo-se mais precisamente ao ambiente da escrita, Perrot se interroga:

Sem o poder, como as mulheres ganharam influência nas redes durante tanto tempo dominadas pelos homens? Primeiro pela correspondência, depois pela literatura e, por fim, pela imprensa. Ainda que permaneçam restritas a tarefas subalternas, elas se inseriram em todas as formas do escrito. Conseguiram elas passar do oculto, que lhes é permitido, à visibilidade, que lhes é contestada?⁶⁰

Desta forma, a escrita feminina, mais do que a leitura, representou para as algumas das mulheres da virada do século XIX para o XX um verdadeiro renascimento. É por meio da leitura, cada vez mais abrangente e até transgressora (como adiante se verá), e da escrita que lhes facultava o direito de expor seu pensamento, que essas mulheres se projetam com mais intensidade e visibilidade no seio da sociedade.

O passo seguinte nesta evolução parece ter sido o de firmar o direito de ler livremente, de ter acesso, sem restrições, aos conteúdos impressos. Se boa parte das leitoras femininas parece ter se acomodado nas leituras que lhes eram dirigidas – romances leves e edificantes, livros de normas e posturas destinadas ao aprimoramento de uma conduta civilizada, manuais de prendas e afazeres domésticos, etc. –, um punhado delas buscou romper esses limites estreitos e enveredar pelos caminhos mais espinhosos de uma literatura que lhes era interdita e/ou desaconselhada.

⁵⁸ D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary. Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 229.

⁵⁹ PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo, UNESP, 1998, p.10.

⁶⁰ Idem, p. 59.

Andréa Lisly Gonçalves⁶¹ foi uma das historiadoras que se destacou na avaliação dessa relação conflitiva das leitoras com a literatura no final do século XIX, onde identificou esse embate pela “liberdade” na leitura. Gonçalves lembra o debate provocado pelo engajamento do escritor russo Dostoievski, que defendia o direito das mulheres lerem em público qualquer poema da literatura. Essa postura, segundo Gonçalves, parece ter derivado do fato de Dostoievski ter tido um relacionamento íntimo com Apolinária Suslova, escritora feminista de destaque na Rússia do final do século XIX. O controle que se fazia na Rússia de Dostoievski sobre a leitura feminina não diferia muito das interdições presentes no cenário do ocidente europeu. Em ambos os casos, sustenta Gonçalves, a leitura de um romance tido por “licencioso” seria tratado como um escândalo, tal como ocorreu em 1866 na Rússia, mas era um desafio que muitas mulheres decidiram enfrentar:

Na primavera daquele ano, a imprensa noticiava que, na cidade provinciana de Perm, a esposa de um funcionário local declamara, em uma festividade pública, o poema “Noites Egípcias” de Puchkin, considerado licencioso. Diante da manifestação indignada de um oficial presente ao evento, a mulher, Sra. Tolmatchova, teria defendido aos brados e publicamente o autor do poema e de forma ainda mais enfática os direitos das mulheres.⁶²

Um ponto de atenção para nossa pesquisa é o de que a importância da escrita para a emancipação da nova mulher ficou registrada nas centenas de jornais impressos que surgiram na Europa a partir do final do século XIX até a primeira década do século XX, principalmente na França. O quanto isso manifestou-se no cenário amazonense é ainda um desafio a ser enfrentado. Como exemplifica Perrot:

Fazer um jornal tornou-se um modo de expressão do feminismo em quase toda a Europa. Elizabeth Sharples funda *Isis* no início do século XIX, na Inglaterra. Em 1832, os saint-simonianos lançam *La Femme Libre*, e em seguida *La Femme Nouvelle*, e depois *La Tribune des Femmes*. A mesma coisa em 1848: enquanto Eugénie Niboyet funda em Paris *La Voix des Femmes*...Torna-se impossível enumerar todos os títulos: nada menos do que uma centena na França, entre 1875 e 1914.⁶³

No Brasil também identificamos essa tendência de segmentação nas páginas dos jornais e das revistas, já que, quando o assunto tratado era visto como sério ou importante era designado como “coisas de homens”. Enquanto isso, uma

⁶¹ GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

⁶² Idem, p. 21.

⁶³ PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo, UNESP, 1998, p. 82.

imprensa destinada às mulheres estava mais aferrada ao entretenimento, a moda e os afazeres domésticos. Ou seja, como afirma Dulcília Buitoni, os temas tradicionais da imprensa feminina resumem-se a meia dúzia de itens: moda, beleza, culinária, decoração, comportamento, celebridades, um conto...⁶⁴

Mas a mulher que respirava o novo século aspirava por mais. Dessas mulheres que se atreveram a escrever além do que lhes eram permitido e, desta forma, ultrapassar as fronteiras em direção ao espaço público, podemos citar: Isabel de Serpa Vieira, Adélia Vaz, Ida Scholoembach, Julia Lopes de Almeida, dentre outras.

1.1.3. EMANCIPAÇÃO SIM, SUFRÁGIO NEM TANTO.

Outra importante característica da “nova mulher” assinalada pela historiografia de gênero está relacionada com o avanço para o campo da atuação política visando exatamente conquistar e firmar direitos políticos. Com efeito, o final do século XIX também representou uma fissura nos preceitos criados pela sociedade patriarcal contra a inclusão feminina no âmbito do político. No entanto, o avanço, embora lento, foi inexorável. A inserção das mulheres nos embates políticos, sejam eles envolvidos pela luta emancipacionista ou no âmbito da causa proletária começaram a tomar dimensões impensáveis já no final do século XIX, espalhando pelo mundo as ideias e as práticas que conformaram o movimento feminista. O século XX ampliou as fronteiras dessa mulher emancipada e militante.

O feminismo criou um espaço de palavra feminina, admitida, a partir de então, com maior ou menor condescendência. O movimento operário, sindical ou socialista, permitiu um relativo confronto entre os sexos em uma convivência mista sempre difícil e contestada.⁶⁵

Hobsbawm, ao fazer sua análise dos movimentos feminista na Europa na virada do século XIX ao século XX, destaca que esses movimentos feministas ainda se encontravam em número muito reduzido, atingindo apenas a camada social da classe média burguesa e esse movimento foi muito influenciado pelo liberalismo

⁶⁴ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de Papel* a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 2009, p. 25.

⁶⁵ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da História*. Op. cit., p. 324.

burguês. Diferente da luta das mulheres da classe média burguesa, encontramos as que lutavam por acesso ao que essas mulheres já estavam conseguindo junto ao liberalismo burguês. Direito a educação superior, igualdade no trabalho e direitos sobre os bens (propriedade), que ainda eram totalmente patriarcais. Ainda segundo o autor:

As limitações do feminismo de classe média ocidental não eram apenas sociais e econômicas, mas também culturais. A forma de emancipação a que aspiravam seus movimentos, a saber, a de ser tratada legal e politicamente como o homem e a de tomar parte, como pessoas, sem considerações quanto ao sexo, na vida da sociedade, presumia a transformação do padrão de vida social, já bastante distanciado do tradicional “lugar da mulher”.⁶⁶

O Brasil também passou por esse fenômeno de ascenso emancipacionista no movimento de mulheres, embora um pouco mais tardio do que os outros países, porém marcante e crucial na primeira década do século XX. Como sustenta Célia Pinto, a luta pelo feminismo no Brasil nesse período ainda não era de associações ou de organizações, pois as mulheres que tomavam a frente dessa luta vinham de famílias abastardas e de educação elevada, quase sempre tinham o nível superior e, algumas delas, tinham estudado na Europa.

O feminismo, daquele período estava intimamente associado a personalidades. Mesmo quando apresentou algum grau de organização, esta derivava do esforço pessoal de alguma mulher que, por sua excepcionalidade, na maioria das vezes intelectual, rompia com os papéis para ela estabelecidos e se colocava no mundo público na defesa de novos direitos para as mulheres.⁶⁷

Pinto associa mais diretamente a história do feminismo no Brasil ao período da República. Tratava-se, segundo ela, de “feminismo difuso”, que se irradiava especialmente da imprensa feminina alternativa, no sentido mais direto de uma imprensa escrita por mulheres⁶⁸. Embora nem todas exercessem ainda uma profissão, estas vinham, quase sempre, dos segmentos médios urbanos, atuando, em muitos casos, como professoras, secretárias, escritoras e jornalistas.

Conforme sustenta Pinheiro, no Amazonas essa imprensa assinada por mulheres se mostrará presente já no início do século XX, embora timidamente, já

⁶⁶ HOBBSBAMW, Eric J. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p.293.

⁶⁷ PINTO, Célia Regina Jardim, *Uma história do feminismo no Brasil*. Op. cit., p. 14.

⁶⁸ Da mesma forma como se viu na Imprensa Operária, uma “Imprensa Feminina”, podia incluir, além das folhas escritas, produzidas e publicadas por mulheres, títulos que, embora produzidos por homens, eram integralmente dedicados, direcionados ao consumo feminino. BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Ática, 1986, 9-15.

que animando poucos títulos, como *O Grêmio*, de 1909⁶⁹. Em trabalho que buscou aprofundar a análise dessa atuação feminina na Imprensa amazonense, Luciane Campos mostra que *O Grêmio* entendia a educação como “a mais importante ferramenta da libertação feminina, capaz de transformar a vida das mulheres”⁷⁰, além de nos apresentar a fala dessas pioneiras:

Felizmente a mulher vai deixando de ser uma ostentação de beleza plástica dos salões, para colocar-se pela cultura intelectual no estudos de problemas que dizem respeito à comunhão social. Vê-se hoje a admiração de muitos, o elevado número de moças que frequentam os cursos secundários e superiores dos principais estabelecimentos de instrução de Manáos. São estes os primeiros ensaios da elevação e grandeza da mulher. Preza aos céos que um raio de sol as ilumine e Deus, dos arcanos de sua maravilhosa sabedoria, as proteja para o bem e a glória da humanidade.⁷¹

Onde quer que tenha emergido, o certo é que essa imprensa atuou significativamente para ampliar para a sociedade o debate de diversos temas ligado a mulher, sobressaindo a educação, a dominação masculina e a ampliação do poder feminino no espaço público, dentre outros. Discutiram também, com mais ousadia, temas muito delicados para época, como o da sexualidade e do divórcio, tabus para a sociedade brasileira do início do século XX.

Além das publicações por meio da imprensa a luta feminista no Brasil também se enveredou dentro das ideologias partidárias, principalmente a anarquista e comunista. Foram representadas por um grupo de mulheres militantes, trabalhadoras e intelectuais que defendiam radicalmente a liberação da mulher, tendo como uma das pautas principais a exploração do trabalho. Já ali apareceria uma questão que persistiria no seio do pensamento social revolucionário em suas muitas vertentes: “a dificuldade em aceitar a questão da dominação da mulher como um problema diferente do da dominação de classe”.⁷²

Não será novidade, portanto, que mesmo um historiador do porte e da abertura intelectual de Eric Hobsbawm defenda a tese de que foi dentro do movimento socialista e partidário que ecoou verdadeiramente a voz de liberdade

⁶⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 232.

⁷⁰ CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. “Na imprensa e pela imprensa: Representações da mulher amazonense”. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Op. cit., p. 96.

⁷¹ *O Grêmio*, nº 2. Manaus, 10 jul. 1910. Apud. CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. “Na imprensa e pela imprensa”. Op. cit., p. 96.

⁷² PINTO, Célia Regina Jardim, *Uma história do feminismo no Brasil*. Op. cit., p. 34.

feminina, o que nos parece ser uma afirmação tanto corajosa quanto explosiva no interior do debate feminista. Se aquele foi o melhor espaço ou não para a expressão da liberdade feminina, foi sem dúvida um espaço onde sua voz foi ouvida e ecoada com grande intensidade, mesmo que isso não significasse que tenha sido aceita.

Dentro dos movimentos socialistas e operários, as mulheres eram incentivadas a concentrar-se em seu próprio sexo, e muitas feministas socialistas realmente assim o fizeram, não apenas porque a exploração das mulheres trabalhadoras exigia, obviamente, ação, mas também por haverem descoberto a necessidade de lutar pelos direitos e interesses das mulheres dentro de seu próprio movimento, a despeito do seu compromisso ideológico com a igualdade.⁷³

A ideia central – que pode ainda ecoar em estudos contemporâneos⁷⁴ – era a de que a luta do operário era mais abrangente e definidora, e não de particularidades, o que deixava em segundo plano a luta mais específica em relação aos direitos femininos. Referindo-se a militância anarquista e comunista brasileira, Cecília Pinto, afirma que as mulheres vinculadas àqueles movimentos defendiam “a liberação da mulher de uma forma radical, tendo na maioria das vezes a questão da exploração do trabalho como central, articulando as teses feministas aos ideários anarquistas e comunistas”.⁷⁵

Para melhor entendermos o quanto foi representativo e ao mesmo tempo difícil romper com os paradigmas pré-estabelecidos dentro da luta ideológica da esquerda, a elaboração do conceito de classe se deu inicialmente ante uma concepção visivelmente masculina do operário, ignorando as dimensões do sexo (gênero) dos trabalhadores e colocando, no interior do movimento sindical, as operárias como grupo à parte, tido como sem interesse político, por essa razão afastado dos problemas maiores da classe.

Essa concepção tem se modificado sensivelmente. Edward Thompson, por exemplo, insiste nessa diversidade ao propor uma definição de *classe*, identificando-a como uma categoria dinâmica em que estariam incluídos homens e mulheres indistintamente. Diz ele: “Não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem

⁷³ HOBBSBAMW, Eric J. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Op. cit., p. 299.

⁷⁴ TOLEDO, Cecília. *Mulheres: O gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo: Sunderman, 2008.

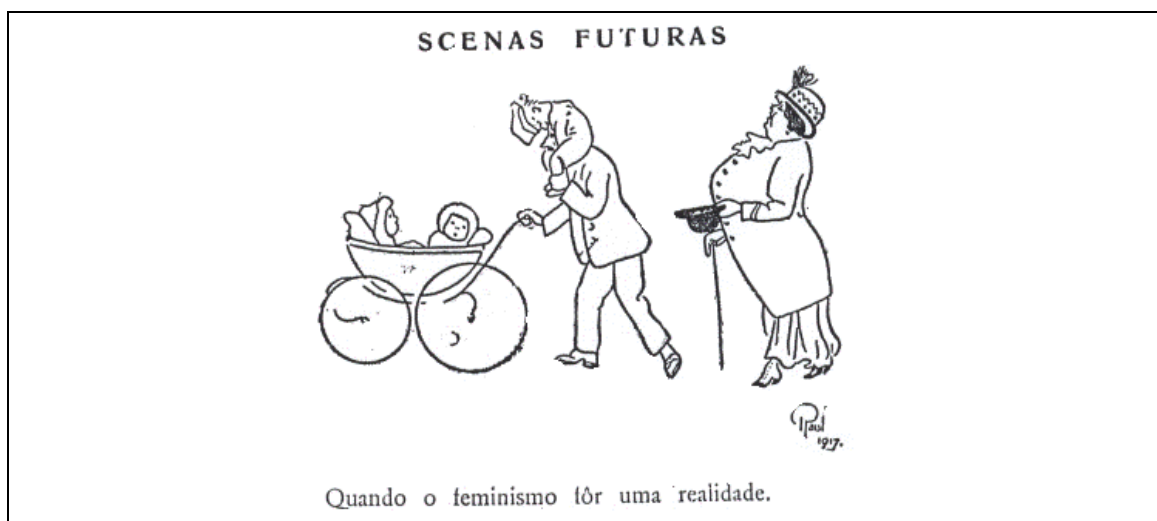
⁷⁵ PINTO, Célia Regina Jardim, *Uma história do feminismo no Brasil*. Op. cit., p. 15.

mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas".⁷⁶

Em importante trabalho, Elisabeth Souza-Lobo discutiu o intrincado processo de articulação das relações de gênero com a inflexão mais tradicional de classes sociais, de resto pouco estudados no Brasil no momento da produção de seu trabalho⁷⁷. Souza-Lobo trouxe a preocupação com a renovação do paradigma clássico das classes sociais, articulando-o ao debate sobre as diferenças e/ou heterogeneidades que deram o tom das práticas sociais da qual denominamos de relações de gênero.

Seja como for e, apesar de terem encontrado nas lutas operárias e socialistas (em seus diferentes matizes) um lugar para o discurso e a propaganda feminista, a luta em si do feminismo não era consenso no interior da sociedade, especialmente entre os homens, mas reticentes e inseguros quanto aos rumos que o movimento podia seguir. Dai que nossa expectativa tem sido a de encontrar uma imprensa (marcadamente masculina) que expressará esse mal-estar, tal como asseverou Pinheiro a partir das charges publicadas pela revista amazonense *A Nota*, de 1917.

IMAGEM 1
SCENAS FUTURAS



Fonte: *A Nota*, nº 6. Manaus, 7 out. 1917.⁷⁸

⁷⁶ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. vol. 1: A árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9.

⁷⁷ SOUZA LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁷⁸ *Apud* PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 230.

Dentre as grandes lutas que marcaram a emergência dessa nova mulher, está a campanha pelo direito ao voto (sufrágio), alavancada, na sua grande maioria, pelas mulheres dos segmentos médios urbanos. Para outros segmentos, como o das operárias, a emancipação parecia não necessariamente passar pela questão do voto feminino. De qualquer forma, ligas e associações de sufragistas ou (“*sufrajettes*”, como eram chamadas na Europa) se formaram e o movimento ganhou força ao entrar no século XX, produzindo, infelizmente, mais ruídos que resultados, já que,

Como movimento independente, não possuía maior significação, exceto em alguns países (notadamente EUA e Inglaterra) e, mesmo nestes, não conseguiu atingir o seu objetivo senão após a Primeira Guerra Mundial. Em países como a Inglaterra, onde o sufrágio tornou-se um fenômeno significativo, deu a medida da força política do feminismo organizado, mas ao fazer isso revelou igualmente sua principal limitação, um apelo restritivo principalmente a classe média.⁷⁹

Hobsbawm argumenta ainda que para a grande maioria das mulheres a radicalidade assumida pelo movimento podia ser um obstáculo significativo:

Além disso, mesmo as mulheres cujas vidas, carreiras e opiniões demonstravam seu intenso interesse no sentido de quebrar a tradicional gaiola da “esfera feminina” manifestavam pouco entusiasmo pelas campanhas mais ortodoxas das femininas.⁸⁰

O caso brasileiro, descrito por Célia Regina Pinto, guarda alguma semelhança, mas não parece ter adquirido, pelo menos ao longo da República Velha, grande radicalidade. Uma desejada mudança na carta constitucional brasileira que abrigasse o direito feminino ao voto não foi levado a sério pela maioria dos políticos republicanos, o que levou um grupo de mulheres a fundar em 1910 o Partido Republicano Feminino.⁸¹

O direito ao voto feminino encontrou mais uma vez a imprensa como chão por onde podia fazer trilhar o debate e o encaminhamento da luta política. Dentre os órgãos da imprensa feminina, destacou-se nesse embate o jornal *Voz Feminina*, fundado em 1900 por três moças de família tradicional de Diamantina (MG). Um ano mais tarde lançaria sistemática a campanha pelo voto da mulher.⁸²

⁷⁹ HOBBSBAMW, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Op. cit., p. 284.

⁸⁰ Idem, p. 296.

⁸¹ PINTO, Célia Regina Jardim, *Uma história do feminismo no Brasil*. Op. cit., p. 18.

⁸² BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de Papel*. Op. cit., p. 53.

Contudo, no Brasil os primeiros sinais da aprovação do voto feminino surgiram somente no início da década de 30 do século XX, conquistado, mas de forma muito restritiva, o acesso a esse direito. Ainda de acordo com as pesquisas de Célia Pinto, se o movimento coletivo não foi muito expressivo no Brasil, no final do século XIX já se encontravam mulheres que individualmente tentaram adquirir esse direito, solicitando o seu alistamento para serem votantes e votadas, o que sérvio para abrir um debate maior sobre o assunto. Pinto nos informa que a discussão sobre o direito ao voto no Brasil já vinha sendo debatida desde a Constituinte de 1891, alcançando alguns defensores, como Nilo Peçanha, Epitácio Pessoa e Hermes da Fonseca, figuras proeminentes da política brasileira daquela época.

Em 1881 a dentista gaúcha Isabel de Souza Matos requereu, com base em uma lei que facultava o voto aos portadores de títulos científicos, o direito a se alistar. Foi vitoriosa em sua cidade natal, mas teve o direito suspenso quando tentou se alistar no Rio de Janeiro em 1890. Ainda no século XIX, Isabel Dilon se apresentou na Bahia como candidata à Constituinte, mas não conseguiu se alistar.⁸³

Disto isto, resta firmar a convicção de que a emancipação feminina simbolizava a transição de uma vida privada (reclusa) que essas mulheres assumiram intensamente até o final do século XIX, para uma vida mais livre na esfera pública, que o novo século lhes oportunizara.

1.2. IMPRENSA

A discussão que se tem travado dentro da História em torno dos novos temas e campos de pesquisa é antiga entre os historiadores e amantes da historiografia, já que este é um campo disciplinar que está em contínua mutação. Iniciando pela escola francesa dos *Annales*, que provocou todo um processo de dirimir os dogmas da escola positivista, esse debate percorreu todas as principais gerações de historiadores, de Lucien Febvre até Jacques Le Goff. Porém, não foi apenas na França que a esse embate se travou; ele transcorreu vários grupos de pesquisadores pelo mundo a fora.

⁸³ PINTO, Célia Regina Jardim, *Uma história do feminismo no Brasil*. Op. cit., p. 15.

Foi nessa efervescência do surgimento de novas teorias, métodos e perspectivas de abordagem que a historiografia mais recente passou a refletir muito mais sobre o significado do *documento*, percebendo-o como muito mais plural, já que capaz de abranger tudo aquilo que informasse o historiador acerca da ação humana no passado. Assim, neste cômputo entram não apenas o documento tradicional, impresso ou manuscrito, como também registros visuais (pictóricos, filmicos ou fotográficos), sonoros (gravações, músicas), seriais e até mesmo objetos da cultura material (cerâmicas, pontas de projéteis, utencilagem doméstica), etc.

Outra mudança significativa foi o rompimento da postura sacralizadora adotada pelos historiadores positivistas com relação ao documento, quase sempre tomando-os – após submetidos ao escrutínio da heurística – como prova cabal e inequívoca da veracidade do passado⁸⁴. Contra tais posturas consagrou-se a perspectiva de ver o *documento* como *monumento*, no sentido de serem eles também crivados de subjetividades desde o momento de suas produções⁸⁵. Rompia-se, portanto, a preocupação antiga de distinguir documentos verdadeiros de falsos como base para a incorporação pelo historiador. Mesmo os textos ficcionais, como as obras literárias, se utilizados adequadamente, podiam ser apropriados pelos historiadores, já que, para além de suas dimensões de criação artísticas afiguravam-se como textos impregnados de história.⁸⁶

Abria-se, dessa forma, um espaço para a incorporação da Imprensa como fonte para a construção do conhecimento historiográfico, ficando derrogadas as velhas suspeitas e limitações que a haviam desqualificado no passado por ser demasiadamente opinativa e, portanto, subjetiva.⁸⁷

Para Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto:

⁸⁴ MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de História: O caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: Editora FGV / EDIPUCRS, 2010.

⁸⁵ LE GOFF, Jacques. "Documento / Monumento". In: *História e Memória*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-549.

⁸⁶ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

⁸⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 20. Comentando essa guinada, M^a Pillar Vieira, M^a RosárioPeixoto, Rosa Kolcsar e Yara Koury argumentam que: "Se durante muito tempo, a imprensa foi desprezada pelos historiadores de formação positivista que a consideravam "pouco confiável" devido à carga de subjetividade que carregava, hoje é por nós utilizada, sobretudo, não só devido a essa subjetividade, mais também, pelo seu caráter de formadora de opinião". VIEIRA, Maria do Pilar et al. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. *Projeto História*. São Paulo, n^o 3, 1984, p. 48-49.

É nesse processo de ampliação de nossa compreensão sobre as fontes, que os estudos históricos passam a incorporar de forma crescente a imprensa como documento de pesquisa e material didático para o ensino da matéria. Nesse período, a imprensa periódica, seja nas suas variedades históricas e de veículos, como grandes jornais diários, regionais e locais, revistas nacionais, de variedades, culturais, especializadas ou militantes, gibis, jornais alternativos ou de humor; quer em suas diferentes partes e seções, tais como editoriais, noticiário corrente, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados; ou ainda, nos diversos gêneros e linguagens que se articulam nos veículos, como artigo de fundo ou editorial, notícia e reportagem, as crônicas, críticas e ensaios, as cartas e pequenos comentários, a fotografia, o desenho e a charge, o classificado e o anúncio comercial – têm sido amplamente utilizadas na pesquisa acadêmica e no ensino da História.⁸⁸

1.2.1. PREOCUPAÇÕES DE MÉTODO

Não foi um caminho fácil essa incorporação da imprensa ao cotidiano do trabalho historiográfico, mas junto com as novas abordagens e interesses trazidos para a disciplina já na primeira metade do século XX, os periódicos pareciam ser materiais extremamente relevantes para dar visibilidades aos novos sujeitos procurados pelos historiadores, mais ainda quando essas preocupações lançavam o olhar em direção à vida cotidiana, neles registrados em seus múltiplos aspectos. Maria Helena Capelato sustenta que, por meio deles tornava-se possível compreender como viveram nossos antepassados, e não só os ‘ilustres’, mas também os sujeitos anônimos, as pessoas comuns.⁸⁹

Mas Capelato nos alerta também para uma dimensão importante:

A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época... A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas.⁹⁰

Fruto de seu próprio tempo histórico, “o discurso do Jornal..., como qualquer outro documento, foi produzido em circunstâncias históricas definidas,

⁸⁸ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. São Paulo, nº 35, 2007, p. 257.

⁸⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. Op. cit., p. 20.

⁹⁰ Idem, p 24-25.

dentro de uma relação concreta de classes”⁹¹ e, portanto é imperioso que o historiador perceba com clareza o lugar social de onde aquela fonte fala.

Outra pesquisadora que discute a utilização da imprensa pelo historiador é Renée Barata Zicman, para quem existem duas perspectivas diferenciadas de se trabalhar com a imprensa no campo de atuação da História. Em primeiro lugar estaria a *História da imprensa*, responsável por estudar e construir a evolução histórica dos órgãos ligados à Imprensa, enquanto em segundo lugar estaria a *História através da Imprensa*, diretamente relacionada com os trabalhos que utilizam a imprensa como fonte primária na pesquisa.⁹²

O artigo de Zicman é, na verdade, um guia de orientação para a pesquisa com periódicos, razão pela qual ela propõe um roteiro que parte da necessidade de se proceder, antes mesmo da análise de conteúdos, uma caracterização geral dos jornais com os quais se vai trabalhar. Tal caracterização passaria pela recuperação de: a) dos aspectos formais e materiais dos jornais (papel, formato, número de páginas, sistema de títulos, tipografia, etc.); b) aspectos históricos do jornal (local de origem, proprietários, corpo redacional, programa, etc.); c) aspectos econômicos do jornal (financiamento, tiragem, preço, etc.) e d) público alvo.⁹³

Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto argumentam que o papel do pesquisador que se propõe a fazer suas pesquisas através da imprensa deve entender que os periódicos ou qualquer outro objeto de estudo ligado à imprensa vêm inseridos em subjetividades e direcionamento próprios... “Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supões o seu tratamento teórico e metodológico”.⁹⁴ Com isso retorna-se à velha máxima do historiador: as fontes não falam sozinhas, cabe a nós saber perguntar para que as respostas se apresentem, mesmo não sendo a esperada, mas a verdadeira, ou melhor, as *verdadeiras*.

Atuando noutra dimensão, Maria Helena Rolin Capelato resume bem o poder que a imprensa exerceu e exerce até hoje sobre seu público alvo, que somos nós, com sua força política inibidora e construtora de utopias, de “patriotismos” e

⁹¹ VIEIRA, Maria do Pilar et al. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. *Op. cit.*, p. 49.

⁹² ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, nº 4, 1985, p. 89-102.

⁹³ Idem, p. 93-94.

⁹⁴ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador. *Op. cit.*, p. 260.

de consumo interligado ao poder. Se antes ela surgiu para enfrentar e desmascarar políticos e governos, atualmente a cada passo tem uma intenção quase que nefasta cabendo ao sujeito que a interpreta fugir ou se render ao seu magnetismo.

A imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes... Desde os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizaram e temeram; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais. ⁹⁵

Por fim, um desafio importante da pesquisa com a imprensa é exposto por diversos historiadores que se deparam com a terrível realidade que se apresenta nos arquivos no Brasil, realidade vivenciada em todas as regiões em nosso país. Em todos os trabalhos lidos para enriquecimento desta dissertação deparamos com uma queixa comum dos pesquisadores: o péssimo estado de abandono dos impressos e a desorganização dos acervos. Maria Luiza Ugarte Pinheiro expôs essa preocupação com o tratamento dado pelos órgãos administrativos do Amazonas aos arquivos públicos e seus valiosos “papéis”, para constatar que boa parte deles funciona como *meros depósitos de papéis velhos*.

1.2.2. A IMPRENSA NO BRASIL

Para além das preocupações de ordem metodológicas, e apesar dos desafios expostos quanto à busca, localização e manuseio dessas fontes, é preciso reconhecer que as pesquisas relacionadas à imprensa têm crescido de forma considerável no Brasil, trazendo contribuições significativas e consagrando um punhado de grandes historiadores – Nelson Werneck Sodré, Juarez Bahia, Maria Helena Rolin Capelato, Isabel Lustosa, Marialva Barbosa, Ana Luiza Martins, Tania Regina de Luca, Marcos Morel e Heloísa de Faria Cruz – como referências obrigatórias da área.

A partir desse momento tentaremos situar, mesmo que brevemente, um pouco da trajetória da Imprensa no Brasil até a sua chegada ao Amazonas. Embora seja um desafio já que se passaram mais de 204 anos desde a instalação da primeira imprensa oficial no Brasil, muito há do que se falar dessa jovem

⁹⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. Op. cit., p. 13.

bicentenária, que somente foi fundada com a vinda da família real portuguesa para o Brasil no início do século XIX.

Depois de esgueirar-se clandestinamente pela Colônia, em função da explícita proibição da Corte Portuguesa quanto a publicação de impressos no Brasil, a imprensa vem à tona no Brasil com a chegada da família real. Em um de seus primeiros atos no Brasil, D. João VI autorizou a criação da Imprensa Régia, que ocorreu em 13 de maio de 1808 e representou um marco na construção da história do Brasil.

Isabel Lustosa registra o périplo dessa imprensa, destacando o quadro anterior ao seu aparecimento no país. Assim, durante todo o período colonial, o Brasil, viveu em atraso e obscuridade, sem universidades e sem imprensa, ao contrário de alguns de seus vizinhos na América Latina. Era também um dos únicos países do mundo, excetuados os da África e da Ásia que não produzia palavra impressa.⁹⁶

As restrições existentes foram as causas que fizeram com que aquele que é considerado o primeiro jornal brasileiro (*Correio Braziliense*) fosse, na verdade, inglês, já que publicado para os *brasilienses em Londres*.⁹⁷ O jornal foi produzido e publicado por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, nascido na Cisplatina, ainda território brasileiro, antes de ser anexado ao Uruguai. Era, na verdade, um foragido de Portugal devido à perseguição do Santo Ofício, que viu na crise do colonialismo português uma oportunidade para, por meio da imprensa, ajudar a transformar sua terra natal, seguindo os padrões de prosperidade e progresso que ele vivenciava na Inglaterra.⁹⁸

Como reporta Renée Barata Zicman, a imprensa emerge no Brasil procurando intervir na realidade local e transformá-la, daí a razão pela qual “esta imprensa tinha características claramente políticas e apaixonadas, ultrapassando a simples função de ‘espelho da realidade’ para tornar-se um instrumento ativo de opinião pública”.⁹⁹

⁹⁶ LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 7.

⁹⁷ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7.

⁹⁸ LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Op. cit., p. 13.

⁹⁹ ZICMAN, Renée Barata, *Projeto História*. São Paulo, (4), 1981, p.91.

É o que também ressalta Marco Morel, quando argumenta que “o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais”¹⁰⁰. As grandes mutações pelas quais o país passou no pós Independência, abriu acirradas lutas em que as oligarquias locais passaram a digladiar também pelos jornais, buscando angariar apoio político para suas respectivas causas, enquanto lançavam-se ao mais franco denunciamento contra as facções contrárias¹⁰¹. Dada a instabilidade política, esse movimento cresceu de forma contínua, passando pela regência, para amenizar um pouco apenas durante o II Reinado.

Junto com os primeiros grandes jornais que surgiram no país, emergiu também um conjunto de impressos “domingueiros”¹⁰², fossem de grande circulação ou não, e apresentavam-se de uma forma quase literária, mais direcionada a um tipo específico de público.

Raymond Williams se ocupou desses jornais menos formalizados e pode descrever, a partir do contexto europeu por ele investigado, a forte perseguição desses jornais desde o início do século XIX. O público alvo desses jornais era em boa medida articulado pelas práticas de leituras públicas, já que, diz o autor, eles “eram comprados e trazidos não somente para clubes e cafeterias, mas também para barbearias, onde a visita dominical do trabalhador poderia significar sua única oportunidade de ler um jornal, ou ouvi-lo sendo lido”.¹⁰³

Em que pese a ocorrência de grandes jornais diários no Amazonas, desde a implantação da Província em 1852, a imensa maioria dos jornais animados pela experiência jornalística no estado parece ter sido deste tipo de jornal mais alternativo, amador ou domingueiro de que fala Williams.

¹⁰⁰ MOREL, Marco. “Os primeiros passos da palavra impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 25.

¹⁰¹ LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

¹⁰² Termo utilizado para distinguir os jornais de tiragem menores e não considerados como *oficiais* que circulavam pelas cidades sem a preocupação de periodicidade, já que financeiramente eram quase sempre desprovidos desse benefício. Esse termo ou outros que podemos encontrar são utilizados por diversos historiadores e pesquisadores entre eles Raymond Williams.

¹⁰³ WILLIAMS, Raymond. A Imprensa e a Cultura Popular. *Projeto História*. São Paulo, nº 35, 2007, p. 23.

O papel desses impressos é enorme¹⁰⁴ e foi na busca de traçar um estudo geral sobre sua trajetória no país que foi lançado em 1966 o clássico estudos de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*.¹⁰⁵

Em sua obra Sodré define a trajetória da imprensa como intimamente articulada a “própria história do desenvolvimento capitalista”, deixando clara a sua posi o de historiador marxista, atenta para a percep o dos mecanismos de controle e domina o que se interpõem no seio da sociedade. Falando dos primórdios da imprensa na Europa, Sodré reconhece que foi lento, mas também que ela “foi facilmente controlada pela autoridade governamental. Poderosas forças econ micas empenharam-se, desde então, por debilitar esse controle sobre as forças do capitalismo em ascensão”. Assim, segundo o autor, o princípio da *liberdade de imprensa* serviu especialmente para viabilizar o desejo de transferência e controle da imprensa para as mãos da iniciativa privada.¹⁰⁶

Com o advento da República no Brasil e os primórdios do século XX a imprensa assume um veio mais empresarial e incorpora o discurso desenvolvimentista e modernizador advindo com a forte urbaniza o pela qual passava o país, pondo-se, desta forma,   serviço do progresso, como explicita o título de seu trabalho.¹⁰⁷

A política manteve seu espaço nessa imprensa republicana, mas é preciso constatar que ela também assumiu e estampou em suas páginas os ditames da *Belle  poque*, traduzidos no francesismo como novo padrão est tico adotado pelas elites (econ micas, políticas e intelectuais), enquanto cultuava o desenvolvimento econ mico, os avanços da tecnologia industrial, dos transportes e das comunica es, e a marcha inexorável do processo civilizador, coma expansão tanto do letramento, quanto do sistema de ensino.

Ainda seguindo os argumentos de Eleutério,   possível argumentar que esta imprensa republicana trouxe uma maior diversifica o e um aprimoramento

¹⁰⁴ “Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não são testemunham, registram e veiculam nossa história, mas   [são] parte intrínseca da forma o do país. Em outras palavras, a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel”. MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 8.

¹⁰⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4  ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹⁰⁶ Idem, p. 1-2.

¹⁰⁷ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do Progresso”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 83.

tecnológico sem precedentes, o que possibilitou a experimentação e consolidação de novos formatos e linguagens, em especial pela introdução das gravuras, charges e da fotografia. O formato *revista* assumido pelo periódico neste período parece ter sido a forma mais acabada dessas mutações, associando imagens graficamente elaboradas e impressas a textos ligeiros sobre conteúdos leves que, priorizando as dimensões da vida mundana, faziam a crítica dos costumes.¹⁰⁸

Esse momento consagrou uma dezena de artistas gráficos (Ângelo Agostini, Crispim do Amaral, Pedro Américo, J. Carlos, Rafael Bordalo, Raul Pederneiras, K Listo¹⁰⁹) e um sem número de revistas ilustradas e de variedades (*Fon-Fon, Careta, O Malho, Revista Illustrada, Semana Illustrada, A Cigarra*, etc.) que eram disputadas sofregamente, atraindo especialmente as mulheres.

Como nos mostrou Fabiana Libório Correia, as revistas ditas de variedade tiveram uma penetração um pouco mais tardia no Amazonas, começando de forma quase indistinta do jornal, como em *Pontos nos ii* (1906), para um formato intermediário, como em *A Nota* (1917), até emergirem formatos gráficos e editoriais mais próximas dos grandes títulos nacionais. Neste casos, destacam-se experiências como as da *Cá e Lá* (1915-1917), *O Rionegrino* (1922-1978), *Redenção* (1924-1932), *Cabocla* (1935) e *Sintonia* (1939-1945).¹¹⁰

1.2.3. A IMPRENSA NO AMAZONAS

O processo de construção da imprensa no Amazonas está intrinsecamente ligado à criação da Província em 1851, momento ímpar que consolidou o marco divisório entre os dois estados mais longínquos de um imenso país que vivenciada ainda suas primeiras três décadas de independência, marcando o fim ao último laço que ligava a então Comarca do Alto Amazonas à Província do Grão-Pará.

Como argumenta Pinheiro, esse processo desencadeou o nascimento da imprensa em Manaus, fazendo surgir jornais com características eminentemente

¹⁰⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revistas: Imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp /Fapesp /Imprensa Oficial, 2001.

¹⁰⁹ FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 207-240.

¹¹⁰ CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010, 144p.

oficialescas. Era mais uma necessidade da burocracia estatal que começava a se constituir na nova Província e, desta forma, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, seu primeiro presidente, convidou Manoel da Silva Ramos, então funcionário na tipografia de Honório José dos Santos, em Belém, a instalar em Manaus a primeira prensa, editando também um jornal que servisse aos propósitos de dar publicidade aos atos do governo.

Silva Ramos chegando a então cidade da Barra, hoje Manaus, montou a typographia em que se imprimiu o primeiro periódico no Amazonas. Foi assim, portanto, fundada a Imprensa no Amazonas, cuja folha tinha a denominação de *Cinco de Setembro* e veio a luz da publicidade a 3 de Maio de 1851, alguns meses antes da instalação da Província.¹¹¹

Nascia na mais nova província do Amazonas a primeira tipografia com seus instrumentos usados e rudimentares vindos da província da qual acabara de ser separada, o Grão-Pará. Sobre essa primeira prensa, registra Leno José de Souza Barata que ela se localizava “em uma rua de terra batida às margens do extinto igarapé do Espírito Santo. As instalações eram módicas e os equipamentos de prensa os mais rudimentares”.¹¹²

Não podemos deixar de pressupor que a vinda de Silva Ramos ao Amazonas preencheria uma simples carência em relação aos meios de comunicação no estado, carência essa que não se fazia notar em grande parte da população. Os habitantes do Amazonas ainda, não muito diferente de outros estados do Brasil, vivenciavam a forte tradição da oralidade onde poucos sabiam ler ou até mesmo reconheciam a língua portuguesa como língua oficial de sua nação e muitos ainda utilizavam nheengatu como comunicação entre si, porém outros nem mesmo conheciam essa *língua geral* falada por muitos nativos na região norte.¹¹³

Essas dimensões foram asseveradas também por Pinheiro, quando nos lembra:

Convém enfatizar que ao problema do baixo nível de escolarização formal da população (que pelo entendimento das autoridades públicas locais deveria contemplar o controle normativo da língua falada e escrita), somava-se outro, também de grandes proporções, mais ligado à força de uma tradição de oralidade herdada tanto das culturas indígenas

¹¹¹ FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Op. cit., p. 6.

¹¹² SOUZA, Leno José Barata. Cultura impressa no Amazonas e a trajetória de um jornal centenário. *Revista Tempos Históricos*, vol. 14, nº 2, p. 109.

¹¹³ FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Atlântica, 2004, p. 246.

regionais, quanto da sertaneja nordestina imigrada para a região nas duas últimas décadas do século XIX. Trata-se de reconhecer que, ao longo de todo o século XIX, para a maioria da população indígena regional, a língua portuguesa era ainda uma “novidade” não de toda assimilada, já que em vastas áreas da Província a língua geral, ou “Nheengatu”, era largamente utilizada como elemento básico de comunicação interna das comunidades.¹¹⁴

A falta de estrutura para a educação básica no Amazonas representaria um dos fatores para a manutenção da hegemonia da oralidade entre os habitantes da região. Mas esse quadro educacional foi sendo lentamente modificado e, com a ampliação dos círculos letrados, ampliou-se também o número de periódicos impressos na Província:

Os outros periódicos que se seguiram ao *Cinco de Setembro* tinham todos o mesmo cunho primitivo, refletindo as condições da época em que surgiram. Eram pequenas folhas antiestéticas, nada interessantes, e, ainda assim, circulavam vencendo as dificuldades que cercam todos os grandes cometimentos em seu início.¹¹⁵

Esse era, na verdade, o quadro vivenciado em outras áreas do país um pouco antes, na primeira metade do século XIX. Conforme destaca Sodré, assistiu-se, portanto, um: “lento desenvolvimento... que em geral iniciou com jornais oficiais, oficiosos ou ligados aos governos provinciais. Jornais de vida efêmera, como regra, refletindo o interesse transitório de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo”.¹¹⁶

De 1851 até mais ou menos 1880, a imprensa se expande num ritmo lento, para então acelerar-se, acompanhando a emergência da economia de exportação da borracha. Consolidada a imprensa, vê-se também a emergência de novos personagens na cidade ligados de formas diferenciadas à esse universo. De um lado emerge a figura do jornalista, quase sempre desdobrando seu tempo com outro ofício que lhe garanta o sustento, já que escrever jornais ou para os jornais era ainda uma algo diletante. De outro lado, os gráficos, verdadeiros operários da imprensa que, embora mal remunerados, eram orgulhosos de seu ofício.

A força dos gráficos neste período foi inconteste e estava diretamente ligada ao verdadeiro *boom* presenciado no periodismo amazonense, com

¹¹⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 39.

¹¹⁵ FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Op. cit., p. 6.

¹¹⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, 1999, p.105.

a proliferação de tipografias e jornais, que só no período de 1889 a 1920 somaram mais de trezentos títulos.¹¹⁷

A Tabela 1, reproduzida da tese de Pinheiro, demonstra bem o ritmo e a intensidade desse crescimento.

TABELA 1:
JORNAL EDITADOS NO AMAZONAS (1851-1908)

ANO	#	ANO	#	ANO	#	ANO	#
1851	1	1873	4	1886	9	1898	11
1852	1	1874	3	1887	5	1899	19
1859	1	1875	1	1888	15	1900	13
1861	1	1876	3	1889*	17	1901	26
1862	1	1877	2	1889**	4	1902	14
1863	2	1878	5	1890	8	1903	16
1866	2	1879	1	1891	6	1904	18
1867	2	1880	3	1892	5	1905	16
1868	3	1881	3	1893	8	1906	19
1869	6	1882	9	1894	4	1907	25
1870	3	1883	1	1895	8	1908	9
1871	2	1884	7	1896	8		
1872	1	1885	6	1897	14	Total	371

* Até 15 de novembro

** Depois de 16 de novembro

FONTE: Faria e Souza, J. B. de et al. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908, 77.¹¹⁸

Como uma Imprensa Oficial só foi criada em 1892, por intervenção do Presidente Eduardo Ribeiro, o estado contratava particulares para o serviço de divulgação de suas decisões, o que acabava servindo como um mecanismo de controle sobre as principais folhas da cidade.

Os presidentes da Província do Amazonas utilizavam-se dos periódicos locais para a divulgação de todos os atos administrativos, a partir de 1852. Pode ler-se no jornalzinho ESTRELA DO AMAZONAS, que substituiu o pouco durável 5 DE SETEMBRO, a sinopse dos despachos, etc. Mais tarde seriam publicados, ainda por contrato, no COMÉRCIO DO AMAZONAS e em outros. Era então uma fase de carência de veículos promotores diários da notícia, do fato ruído, do acontecimento cotidiano, mesmo oficial, porquanto os jornais circulavam apenas uma e depois duas vezes por semana, até que a imprensa se firmasse, passando a diário e em folhas de formato grande.¹¹⁹

¹¹⁷ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro e PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Orgs.). *Imprensa Operária no Amazonas*. Manaus: EDUA, 2004, p. 11.

¹¹⁸ Apud PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 54.

¹¹⁹ MONTEIRO, Mário Ypiranga. Notas Sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. *Jornal A Crítica*, 1988, p. 10.

Essa imprensa amazonense também se envolveu nas contendas políticas e sociais de sua época, como quando passou a debater os ideais abolicionistas. De acordo com Faria e Souza, no Amazonas foram três os principais jornais da província a discutirem o assunto: *O Amazonas*, que mantinha estreitos laços com o partido Liberal; *O Jornal do Amazonas*, ligado ao partido conservador; e o *Comércio do Amazonas*, tido como neutro.

A ideia abolicionista abraçada por todos os jornais do tempo e por eles sustentada com ardor ganhava terreno, e foi essa uma das causas que maiores serviços prestou à imprensa amazonense. *O Amazonas* e o *Commercio do Amazonas* tomaram francamente e com desassombro a testa do movimento libertador.¹²⁰

Com poucas distinções, mais de intensidade, que de inovação, a imprensa amazonense da década inicial do século XX, acompanhou tanto a inovação tecnológica, quanto a diversificação de conteúdos e linguagens já apontados para o cenário brasileiro. Quanto ao primeiro ponto, a inovação tecnológica, alavancada pelas rendas da exportação da borracha, então em alta, permitiu a contínua compra de equipamentos modernos, chegando a assumir, neste particular, posições de vanguarda, já que foi no *Jornal do Comércio* amazonense onde foi introduzida pela primeira vez no Brasil as máquinas de linotipo.

Quanto ao segundo ponto, convém reconhecer o espraiamento da imprensa em direção ao universo operário e feminino, com a correlata introdução, como já se mencionou, das revistas de ilustradas e de variedades. Surgiram ainda uma profusão de títulos humorísticos e literários, enquanto os grandes jornais consolidavam um perfil mais profissional de jornal empresa, abordando diversos conteúdos, do folhetim às questões policiais.

Por fim, é preciso reconhecer que a existência desta rica e proffuca produção periódica produziu também um olhar organizador e investigador que se lançou sobre ela. Tanto é assim que, em 1908, quando da comemoração dos cem anos da Imprensa no Brasil, foi produzido um catálogo de jornais onde foram reunidas as publicações periódicas desde a instalação da primeira tipografia no Amazonas, em 1851, até a data do centenário, 1908. O catálogo foi organizado pelo

¹²⁰ FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Op. cit., p. 9

jornalista João Batista de Faria e Souza, com a colaboração de Alcides Bahia e Monteiro de Souza. Sobre o empreendimento, diz Faria e Souza:

Este livro que representa uma soma de fastidiosas pesquisas é, principalmente, destinado a auxiliar o espírito de quantos quiserem examinar as coleções de jornais que o Estado do Amazonas envia ao certame do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não tem outra pretensão de utilidade e, simples e metódico, foge aos cuidados estilísticos para ser, sobretudo, um guia, um elucidador embora resumido, das aludidas seleções.¹²¹

O catálogo de J. B. Faria e Souza, cuja origem remontava a sua própria coleção particular e ao seu devotado e pioneiro interesse pela imprensa, cumpriu um papel importante, chegando a registrar mais de trezentos títulos entre 1851 e 1908.

Outro empreendimento do porte do realizado por Faria e Souza, só seria retomado mais de oito décadas mais tarde, em 1991, quando, por interveniência de José Ribamar Bessa Freire, realizou-se um minucioso inventário dos periódicos amazonenses que foram publicados até 1951, inventário este que registrou mais de seiscentos títulos, computados, é claro, os identificados por J. B. Faria e Souza.

122

Para além das importantes obras catalográficas, é importante mencionar o já citado trabalho de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*, não apenas pelo pioneirismo em investigar e analisar a imprensa no estado, indicando suas linhas de força e características, como também pelo caráter disseminador que tal obra e autora produziram, uma vez que responsáveis diretas por uma dezena de trabalhos novos em que os temas ali apenas sinalizados e pouco referenciados, tiveram a oportunidade de serem desenvolvidos com mais profundidade. O trabalho de Pinheiro ressalta ainda que sendo

tão dinâmico quanto a sociedade que o produziu, o periodismo amazonense também expressou, tanto quanto instituiu, clivagens e segmentações, abrindo contradições as mais diversificadas. Neste sentido, foi possível identificar nas pequenas folhas, marcadas pela efemeridade, posturas dissidentes à norma culta (então mais aferrada ao refinamento burguês), que davam visibilidade a pontos de tensão no interior de uma sociedade em plena mutação. A maior presença feminina, bem como a expansão do universo operário e de suas lutas no

¹²¹ FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Op. cit., p. 10.

¹²² FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem anos de Imprensa no Amazonas*. Op. cit.

espaço público, projetando-se igualmente na arena onde se desenvolvia, o periodismo amazonense foi capaz de trazer à tona a visão de uma sociedade bem mais problemática (porém mais humanizada) que as da crônica memorialística e de uma historiografia conivente com os processos dominantes.¹²³

Outra contribuição do trabalho de Pinheiro que nos diz respeito mais diretamente é o olhar que ela lança para a articulação entre mulheres e imprensa no Amazonas, partindo da percepção de um momento inicial em que a imprensa apenas referencia a mulher, para outro em que os periódicos passam a se importar com o público feminino (que também se configura como um público leitor) e a dirigir conteúdos para o seu consumo, para finalmente localizar a escrita feminina e os primeiros ensaios de uma imprensa propriamente feminina no Estado.¹²⁴ Assim, diz a autora:

Acima de tudo, a presença das mulheres nos jornais do Amazonas tendeu a refletir o desconforto com que uma sociedade que se queria moderna e atualizada com o mundo europeizado burguês, lida com os limites de sua capacidade em assimilar certas facetas dessa modernidade alardeada. Não raro, o tradicionalismo da cultura regional, por vezes escamoteado em favor do discurso sobre a novidade e o progresso, se impõe, imprimindo suas marcas e impondo um conteúdo extremamente vago a essa modernidade que tanto se exaltou como inexorável.¹²⁵

Mais recentemente, e em especial a partir da estruturação do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Amazonas, os estudos ancorados na e pela imprensa vem alcançando uma projeção significativa. Exemplos do primeiro caso – o dos estudos ligados mais diretamente a uma História da Imprensa – seriam, além do já citado estudo sobre as revistas de variedades amazonenses produzido por Fabiana Libório Correia¹²⁶, as dissertações de Jordana Coutinho Caliri acerca do periodismo durante o período da Província do Amazonas (1851-1889)¹²⁷, o Priscila Daniele Tavares Ribeiro, que investigou a trajetória de um dos mais importantes jornais amazonenses, o *Jornal do Comércio*, fundado em 1904 e ainda em plena atividade.¹²⁸

¹²³ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 2.

¹²⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. “A Mulher no Periodismo”. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 209-237.

¹²⁵ Idem, p. 217.

¹²⁶ CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo*. Op. cit.

¹²⁷ CALIRI, Jordana Coutinho. *Folhas da Província: a imprensa amazonense durante o período imperial, 1851-1889*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.

¹²⁸ RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Jornal do Comércio: construtor e artífice dos hábitos de modernidade em Manaus, 1904-1920*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.

Esse acompanhamento da trajetória específica de periódicos aparece ainda em duas outras dissertações articuladas ao tema da História do trabalho e dos movimentos sociais. Num primeiro caso, Luciano Everton Costa Teles analisou a trajetória do jornal *Vida Operária*, um dos mais importantes títulos da imprensa operária amazonense da República Velha¹²⁹, enquanto Alexandre Nogueira Avelino voltou sua atenção para as ações patronais por intermédio do estudo da *Revista da Associação Comercial do Amazonas*.¹³⁰

Já no campo dos estudos que se direcionam mais para uma utilização da imprensa como fonte prioritária da investigação, ou seja, daqueles que chamaríamos de uma história através da imprensa, estariam as dissertações de Hosenildo Gato Alves, acerca da relação de Getúlio Vargas com órgãos da imprensa amazonense¹³¹; a de Erivonaldo Nunes de Oliveira, sobre a imigração de nordestina para a Amazônia durante o período de expansão e crise da economia de exportação da borracha¹³²; e a de Alba Barbosa Pessoa, acerca do trabalho infantil na chamada Manaus da *Belle Époque*.¹³³

Articulando mais pontualmente as relações de gênero, está a recente dissertação de Bianca Sotero, ancorada na busca e análise das representações sobre as mulheres que foram produzidas nos jornais da Província do Amazonas.¹³⁴

Por fim, da mesma forma que o trabalho de Pessoa, outra importante dissertação explora claramente o viés da história através da imprensa, sem, contudo, expressar essa relação no título do trabalho. Trata-se do estudo de Luciane Maria Dantas de Campos, voltado para o acompanhamento da trajetória feminina relacionada ao universo do trabalho na primeira metade do século XX.¹³⁵

¹²⁹ TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.

¹³⁰ AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: A Revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas, 1909-1919*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.

¹³¹ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2009.

¹³² OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara, 1877-1917*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

¹³³ PESSOA, Alba Barbosa. *Infância e Trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus, 1890-1920*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

¹³⁴ MENEZES, Bianca Sotero de. *Imprensa e Gênero: A condição feminina e as representações da mulher amazonense na Imprensa Provincial (1850-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.

¹³⁵ CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus, 1890-1940*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

CAPÍTULO 2 O PESO DA TRADIÇÃO

2.1. A MODELAGEM FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Como indicado no capítulo anterior, a virada para o século XX trazia consigo toda uma onda de grandes mudanças e transformações, onde a modernização e o progresso foram sentimentos comuns aspirados e percebidos por muitos no âmbito das sociedades ocidentais. Foi esse novo século XX que abriu as portas para essa *Nova Mulher* que almejava se apresentar independente, sufragista, trabalhadora e (por que não?) sedutora. O mais importante é que esse novo século permitiu o despertar dessa mulher que já trazia dentro de si, por décadas, o desejo latente de libertar-se das amarras de uma sociedade patriarcal.

A condição feminina era, de fato, acanhada, oprimida, e sempre pensada dentro de limites estreitos, sendo muitas vezes justificada pela medicina e sacramentada pela religião: “A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia à aquilo que era pregado pela Igreja, ensinada por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa”.¹³⁶

Para muitos historiadores não há dúvidas de que o advento do capitalismo e suas transformações na virada do século XIX para o XX impulsionaram muitas mudanças no seio da sociedade patriarcal da época, com a inserção feminina no âmbito dessas mudanças. Para Hobsbawm, a industrialização havia mudado a vida de grande parte das mulheres do mundo, mas não necessariamente para melhor. Neste momento enrijecia o grande abismo social na humanidade determinada não mais pela cor de sua pele, mas pelo fator material: o dinheiro. Aqueles que traziam o dinheiro não eram necessariamente apenas os homens; mas quem achava difícil levar dinheiro para casa era tipicamente a mulher casada.¹³⁷

O quadro traçado pelo historiador britânico pode passar uma ideia equivocada de determinação última do econômico sobre a condição de gênero, mas não é esse o caso. O quadro descrito aponta para uma dupla condição e é por isso que é preciso asseverar o cuidado em não restringir ou subordinar gênero à classe,

¹³⁶ MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p.374.

¹³⁷ HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Op. cit., p. 279.

pois ambas além de significativas, operam indistintamente e de forma imbrincada, embora essas instâncias do social possuam também autonomias relativas.

Quando Simone de Beauvoir afirmava que “*ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”, estava alertando para o fato de que a própria condição de gênero, menos que biológica, é social¹³⁸. Desnaturalizando os papéis de gênero, reforça-se a ideia de sua construção, modelagem, pelo meio social. De acordo com Rachel Soihet, esta foi a razão pela qual, desde a década de 1970 o pensamento social passou a utilizar preferencialmente a categoria gênero para tratar da diferenciação sexual:

A palavra indica rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. O “gênero” sublinha ainda o aspecto relacional entre as mulheres e os homens.¹³⁹

As causas da sujeição feminina foram, no passado, investigadas por muitos pensadores. Sensível à condição feminina, Engels foi um dos primeiros a constatar o que chamou de “derrota histórica do sexo feminino”. Para ele tal derrota estava ligada à consolidação da propriedade privada, vindo na “monogamia e sua forma moderna – o casamento burguês – a chave da opressão das mulheres”.¹⁴⁰

Assim, a instituição da família monogâmica, com o advento da sociedade de classes, reduz a produção doméstica a um serviço privado, feito por cada mulher, no interior de cada unidade familiar. A partir de então a vida social cinde-se em duas esferas: a pública, domínio dos homens, que sofrerá grandes transformações no decorrer da História e a esfera privada, lugar da família, domínio da mulher, que se vê, pois, excluída de qualquer participação social que ultrapasse os limites do seu “lar”.¹⁴¹

Essa era uma realidade para a ampla maioria das mulheres que, no Ocidente, perfaziam os segmentos médios urbanos ou que estavam vinculadas às elites socioeconômicas. Diante delas é que se estabeleceu mais fortemente as oposições de gênero: às mulheres o privado, aos homens, o público; à mulher o cárcere, ao homem a liberdade.

¹³⁸ BOUVOIR, Simone: *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, p. 9.

¹³⁹ SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, p. 279.

¹⁴⁰ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Op. cit., p. 175.

¹⁴¹ QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. *Vinte Anos de Feminismo*. Tese de Livre Docência. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 16.

Todavia essa realidade se distorcia quando contraposta à vivência das mulheres populares, em especial porque essas mulheres se viram obrigadas a garantir o sustento de suas famílias, mesmo sendo casadas ou estando em algum tipo de relacionamento não formalizado pela Igreja, mas com o vínculo familiar.

Para além das distinções, uma das grandes contribuições do feminismo que se esboça na virada para o século XX, foi a capacidade de unir os interesses dessas mulheres de mundos tão diferentes – já que dificilmente partilhavam as mesmas experiências e vivências –, em não quererem mais serem vistas como mero objeto de posse masculina, além de ter contribuído também para visibilizar e ampliar o desejo de emancipação.

Desta forma, o gênero transcendia as tradicionais distinções de classe, sem as excluir, obviamente. De acordo com Soihet:

As aspirações das mulheres brasileiras mudaram significativamente a partir de fins do século XX, com o advento da república. Ao lado das mulheres pobres, desde sempre inseridas no mercado de trabalho, passaram a buscá-la também aquelas dos segmentos médios e mesmo mais elevados da sociedade.¹⁴²

Ao se interrogar sobre quais seriam os locais que melhor articulavam a sociabilidade feminina, Perrot indica que as mulheres de “certa condição” circulavam em torno de três lugares principais: “os grandes magazines, o salão de chá e a igreja”, enquanto “As mulheres das classes populares, que circulam mais livremente, encontram-se na rua, no mercado e na lavanderia”.¹⁴³

Perrot ressalta ainda que, enquanto os lugares frequentados pelas mulheres populares estavam intimamente ligados ao universo do trabalho, para as mulheres de melhor condição socioeconômica os locais de convivência estavam diretamente ligados ao *status*.

Tanto as mulheres populares, quanto aquelas dos segmentos médios urbanos e as mulheres abastadas passaram a interagir com a sociedade, em especial pelas transformações causadas pela aceleração do desenvolvimento urbano. Ocupar mais pontualmente os espaços da cidade, era mostrar-se também “fora de lugar”, o que atraía os olhares inquietos do segmento masculino. Suas condutas eram,

¹⁴² SOIHET, Rachel. “A conquista do espaço público”. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 218.

¹⁴³ PERROT, Michele. *Mulheres Públicas*. Op. cit., p. 38.

portanto, permanentemente vigiadas, já que esses espaços representavam o *locus* de uma convivência social nova que se abria a novas sensações e emoções.¹⁴⁴

O Brasil, como o Amazonas não ficavam a parte dessas novas condutas sociais e também presenciaram, ao longo da segunda metade do século XIX, a separação de espaços entre público e privado, como elemento delimitador das áreas de atuação das mulheres e dos homens na sociedade.

O Brasil da segunda metade do século XIX, era visto por muitos historiadores como um país repleto de paradoxos, sendo um deles o fato de que o surgimento de uma nova e moderna sociedade urbana, convivia ainda com relações sociais arcaicas, e isso não dizia respeito apenas a escravidão. Assistia-se, dessa forma, a perenização de uma mentalidade não apenas escravocrata, mas também machista, mentalidade essa herdada do patriarcalismo colonial. Para Nanci Sanches:

A independência além de não alterar a estrutura social também não alterou as relações de gênero: a mulher, constitucionalmente, politicamente e civilmente continuou invisível. Nos mais diversos universos sociais, no comércio, na política, no exercício do poder espiritual, ou seja, nas principais estruturas dominantes a mulher estava subliminarmente caracterizada como incapaz.¹⁴⁵

Com a efervescência da vida urbana, o fim do século XIX marcou a proeminência dos valores estéticos da Belle Époque, quando a cultura francesa passou a ditar a moda e padrões de comportamento, supostamente a partir dos grandes salões parisienses. Essa influência contagiou o Brasil, chegando também a Manaus e Belém, núcleos mais dinâmicos do efêmero ciclo da economia gomífera.

Urgia adequar a dinâmica dessa vida urbana os padrões estéticos em voga e este foi o momento de grande vigor dos códigos de posturas, e dos manuais de civilidade, por vezes chamados de *códigos de bom-tom*¹⁴⁶.

¹⁴⁴ D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". Op. cit., p. 235.

¹⁴⁵ SANCHES, Nanci Patrícia Lima: Fora do tom, fora da ordem: mulheres e escravos no Império do Brasil. *Revista Caderno Espaço Feminino*, UFU, Uberlândia, 2007, p. 87.

¹⁴⁶ De acordo com Francine Silva, um dos primeiros códigos de bom-tom foi escrito pelo cônego J. I. Roquette. Sua origem é atribuída a "um bom pai, que tendo perdido a esposa saiu de Portugal e decidiu educar os dois filhos em Paris. Escrito em português este guia ganhou leitores fiéis em meio à nobreza recém-criada no Brasil imperial. Considerando que, a família é uma instituição em eterna mutação na qual se conjugam valores, crenças, conhecimentos e práticas, e uma das entidades mais antigas do mundo, percebe-se que, ao longo da história, a família sofreu fortes influências culturais, ocasionando mudanças nos papéis e nas relações em seu interior, bem como alterando sua estrutura no que diz respeito à composição familiar". Cf.: SILVA, Francine Medeiros da. Código de bom-tom: Os manuais de etiqueta e a formação de uma "boa sociedade" nos trópicos (Rio de

Primeiramente utilizados na França chegaram posteriormente a Portugal e ao Brasil.

Uma confrontação dos preceitos destes manuais com o comportamento mais geral das mulheres populares no Brasil levou Sanches¹⁴⁷ a argumentar que o comportamento deste segmento parecia estar, claramente, “*fora da ordem*”. Perrot, também corroborava com essas afirmações ao demonstrar que a mulher popular francesa, a mãe, a responsável pela vida nos subúrbios, em nenhum momento se via alinhada aos códigos impostos pela “alta” sociedade francesa.¹⁴⁸

Analisando os códigos do bom-tom, cujas intenções eram bastante amplas, já que trazia novas concepções e hábitos de higiene, moral e respeitabilidade, Francine Silva, vê neles um alvo prioritário: a mulher. Os manuais traziam embutidos claras perspectivas de limitar as ações das mulheres no cotidiano, embora estas normas nem sempre conseguiam se impor facilmente, exatamente por esbarar na resistência da mulher popular, mais livre em suas ações. De qualquer forma:

Além do modo de vestir, os manuais também tratavam das maneiras de se comportar nos diversos locais públicos. Destinados à sociedade de corte, os manuais prescreviam comportamentos diferentes para homens e mulheres e crianças e adultos. Por exemplo, aos homens cabia a polidez e a urbanidade e às mulheres um falar suave e um ar reservado, entre outros milhares de comportamentos.¹⁴⁹

2.1.1. PERFIS FEMININOS: “BOA FILHA, ESPOSA DEVOTA, MÃE DEDICADA”

Antes de adentrarmos na pesquisa em si, não podemos deixar de salientar que cada impresso pesquisado falava de um lugar social específico, e alguns mais abertamente declaravam suas posições políticas, e outros, num disfarce de autonomia, pregavam a neutralidade, no exato momento em que tomavam partido e externavam suas ideias. Em sua grande maioria, ditavam, de alguma forma, a ideologia da sociedade dominante, tornando-se, de forma consciente ou inconsciente, legitimadores do poder.

Janeiro, 1840-1850). *Anais do XVIII Encontro Regional de História*. ANPUH/SP. Assis, 24 a 28 de julho de 2006. CD-ROM, p. 4.

¹⁴⁷ SANCHES, Nanci Patrícia Lima: *Fora do tom, fora da ordem*. Op. cit., p. 87.

¹⁴⁸ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Op. cit., p. 188.

¹⁴⁹ SILVA, Francine Medeiros. *Código de bom-tom*: Op. cit., p. 4.

Como mencionamos, em geral, as grandes folhas tendiam a representar mais pontualmente os interesses das elites socioeconômicas, desejosas de assegurar seus espaços, privilégios e dominações, o que passava também por estabelecer controles ideológicos na cidade. E isso, porque o poder não se estabelece apenas pela opressão, mas também pelo estabelecimento de uma “direção intelectual que é imposta por um grupo a toda a sociedade, através do convencimento e não apenas da coerção explícita”. Assim, para Marialva Barbosa os jornais tem um peso extraordinário neste processo já que “cumprem a ‘missão’ não apenas de disseminar ideias, mas ao transportar o relato da narrativa para o nível do real, são responsáveis pela criação de uma outra realidade”.¹⁵⁰

O que queremos argumentar é que as imagens femininas trazidas pelos jornais não podem ser entendidas como a mera descrição da realidade do passado, já que também buscam estabelecer uma nova realidade e, portanto, pelas ações de representação, falam muito mais de uma mulher modelar, desejada, impondo-a como força normativa, quanto maior for o poder dos grupos e segmentos aos quais se filia. Assim é que, para Barbosa, “as representações, valores e concepções, apresentadas muitas vezes como divergentes ou conflituosas, fazem parte de um único processo, onde o que está em jogo é a imposição de projetos elaborados pelos grupos dominantes”.¹⁵¹

As imagens criadas e difundidas sobre a figura da mulher revelam, portanto, construções simbólicas, que não estão desvincilhadas dos ideais e desejo de dominação no interior da sociedade. Por esta razão tais imagens induzem sempre à passividade e à acomodação. Nesse sentido, sustenta Kellen Folador que a imagem ideal da mulher é a de Maria, a mãe que abriu mão de tudo para seguir e acompanhar seu filho; a mãe virgem que fez de sua vida a vida de seu filho. Ser esposa e mãe, a mulher era a “divindade do santuário doméstico”, como designou Michelle Perrot¹⁵². Foi essa mulher, intrínseca à mentalidade patriarcal, que se difundiu como o ideal feminino: uma boa filha, uma esposa devota e uma mãe dedicada. Tratava-se, portanto, de:

¹⁵⁰ BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: Imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, p.115-116.

¹⁵¹ Idem, p.115.

¹⁵² PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. Op. cit., p. 213-214.

Um ideal que deveria ser seguido pelas demais mulheres em detrimento da herança deixada por Eva, pois, enquanto essa carregava o castigo na sua sexualidade, Maria trazia a redenção às mulheres mostrando que era possível cumprir o papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal.¹⁵³

Uma mulher “de família” era distinguida, dentre outras coisas, pelo recato, e, portanto, não deveria expor seu cotidiano, deixando que todos tivessem conhecimento dela. De acordo com Marina Maluf e Maria Lúcia Mott a atuação das mulheres ficou, muitas vezes, limitada ao “recôndito do lar”, sendo-lhe reduzida ao máximo suas atividades e aspirações, visando encaixá-la no idílico papel de ‘rainha do lar’, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa”.¹⁵⁴

Como se verá adiante, a busca de imagens da mulher na imprensa amazonense parece ter seguido esses preceitos, assemelhando-se, nesse período, as imagens que emergiram em qualquer outro jornal pelo Brasil a fora. Ali também o seu papel primordial era o lar.

Se a imagem predominante nas representações femininas na virada para o século XX essa da mulher no papel de boa filha, esposa e mãe dedicada, logo os jornais começaram a mostrar situações em que era possível perceber os primeiros “desvios” nos comportamentos femininos. Não se trata de que a primeira década do século XX já se mostrasse tão diferente à última do século que findava, mas trazia gradações, por exemplo, já se observava, por exemplo, uma maior presença das mulheres trabalhos relacionados ao “nobre” ofício da educação infantil. Havia também visível restrição a seus movimentos no espaço público, e, dessa forma, seus deslocamentos na cidade, fossem passeios ou não, deveriam restringir-se a saídas rápidas, sempre que possível, acompanhadas.

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal era muito recente a presença de moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade...¹⁵⁵

As imagens da boa filha apresentadas nos periódicos do Amazonas eram, quase sempre, esparsas e emergiam, por exemplo, em lembranças e felicitações natalícias para elas dirigidas, ou em parabenizações por um desempenho mais

¹⁵³ FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado Brasileiro: uma herança ocidental. *Revista Fato & Versões*, n. 2 v. 1, 2009, p. 6-7.

¹⁵⁴ MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 373.

¹⁵⁵ Idem, p. 369.

elevado dentro da escola ou dos programas destinados às moças de família. As notas escolares eram enviadas pelos pais para amigas, parentes ou até mesmo para a família de um futuro pretendente, o qual, quando se identificava, é porque já era da aceitação da família a ocorrência de um possível enlace. A quantidade de registros desse tipo podia variar de uma simples lembrança a varias notinhas, isso tudo de acordo como nível social que as famílias representassem na sociedade Amazonense.

A exma. Senhorita Rosa Mystica teve ensejo de observar terça-feira da semana transacta, quando viu rebentar mais uma pétala na flor de sua existência, o quanto é apreciada em nosso meio social. Reiteramos-lhes os nossos mais efusivos embora, extensivos aos seus dignos progenitores.¹⁵⁶

SALAS E SALÕES – Foi hontem bastante felicitada, por motivo de seu aniversário natalício, a gentil *demoseille* Eulina de Mendonça Lima, irmã do Sr. Manoel de Mendonça Lima, empregado no Gymnasio. Parabéns.¹⁵⁷

Percebe-se assim, que, embrionariamente, já se projetava nos periódicos um espaço de consagração, exaltação e promoção social dos segmentos hegemônicos, prefigurando o que, anos mais tarde, iria conformar o que se convencionou chamar de colonismo social.¹⁵⁸

Identificamos também algumas mensagens para as “boas filhas” de jovens mais ousados que publicavam poemas – alguns de autoria própria – ou declarações de amor nas paginas dos jornais das “pequenas folhas”, mas em nenhum momento o nome verdadeiro das moças era identificado ou anunciado, ficando a cargo das pistas soltas no texto, o reconhecimento da destinatária.

Quando se tratava da divulgação de conteúdos acerca das moças, o recato, nos pequenos jornais, menos formalizados, o recato poderia diminuir e ganhar tons um pouco mais ousados para a época, sendo esta postura mais difícil de ser encontrada nas grandes folhas diárias. Desta forma, o pasquim popular podia, vez por outra, alardear em tom de escândalo algum mal feito – ou descaminho – atribuído a essas jovens, sem contudo identifica-las muito claramente.

¹⁵⁶ *A Farpa*, nº 4. Manaus. 1º nov. 1909.

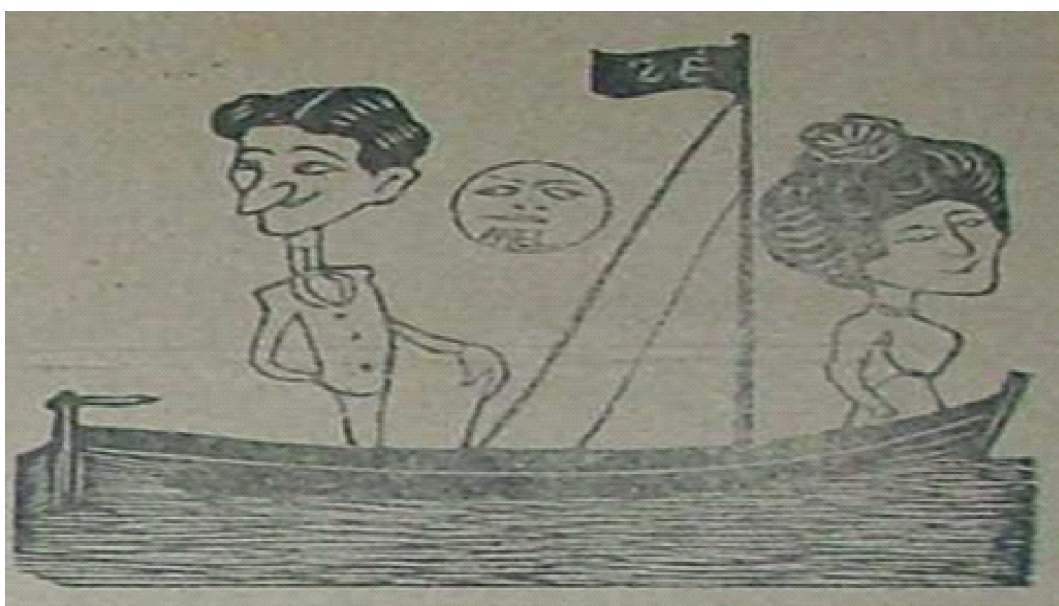
¹⁵⁷ *Correio do Norte*, nº 53. Manaus, 23 mar. 1906.

¹⁵⁸ Veja se outro exemplo: “A 30 a gentil senhorinha Candinha Martins, filha do Sr. Coronel Avelino Martins, iniciadora do ‘club recreatico itacoatiarense’ e um dos mais belos ornamentos da nossa elite social”. *Paladio*, nº 1. Itacoatiara, 9 set. 1908.

Foi comum que a fofoca insidiosa campeasse pelos pasquins, acobertando-se, todavia, tanto no anonimato de quem as produziam (frequentemente assinando as matérias por pseudônimos), quanto numa descrição propositalmente vaga da(s) vítima(s), ou ainda revestida pela jocosidade ou escracho.

Tomemos como exemplo uma dessas informações, publicada pelo pequeno jornal *Pontos nos ii*, assinado por Gato Preto, pseudônimo de ninguém menos que o próprio J. B. Faria e Souza, conforme sugere Pinheiro.¹⁵⁹

Trata-se da matéria intitulada de “O Rapto de Gisella”, ancorada na imagem e no texto que lhe segue:



O Rapto de Gisella

O Zé Duarte gosa neste momento uma deliciosa lua de mel nos braços de sua adorada Gisella.

Bem cantava o zé:

– nunca percas a esperança...

Quem espera sempre alcança. Água mole em pedra dura, tanto dá até que a fura. Quem porfia mata a caça.

O Zé, um belo dia azulou de Manáos e foi pousar na Veneza brasileira. A terna Gisella aguardava-o com o coração em sobressalto.

Vel-a e raptal-a, foi obra de um momento.

E lá foram os dois numa barquinha, gosando a lua de mel, ele sempre atento ao leme, ella olhando a proa.

No mastro, a graciosa raptada içou a bandeira do Zé e a lua maliciosamente catrapisca o olho àquele par venturoso.

Que temos muitos Zezinhos, é o que lhes desejamos.¹⁶⁰

¹⁵⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 190.

¹⁶⁰ *Pontos nos ii*, nº 2. Manaus, 4 ago.1906.

As matérias relacionadas à “honra e correção” das meninas e moças, embora frequentemente difundidas para alimentar o desejo e predileção pelo mexerico, podem ter cumprido também um papel pedagógico, especialmente pela frequência com que ocorriam e pelo temor da desonra que causavam¹⁶¹. Com efeito, a perda da honra era vista pelas famílias como um perigo constante e motivo da rígida vigilância que se devia lançar sobre as filhas, indefesas que eram diante da sistemática sanha sedutora masculina. A crítica dos costumes a que se dedicavam inúmeros periódicos podiam explorar essa situação por meio de uma linguagem intencionalmente jocosa:

Beijos...

- Vamos a saber [se] tu gostas de mim:

- Muito, duvidas?

- Não, queridinha. Porem, não creio que tenhas amor.

- Queres uma prova?

- Quero.

- Dize lá o que queres que te dê como prova do grande amor que te consagro.

- Uma coisa simples.

- Que é?

- Um beijo.

(Ella envergonhada e corada)

- A mamãe está alli tão perto...

- Ella não vê, está de costas voltadas para nós.

- Vê sim. Ella nos olha pelo espelho.

- Então, não dás?

- Dou, porem, agora... *(Entram duas amiguinhas, trocam-se os beijos do estylo. Depois de uma conversa fiada e de ter-se dito muitas tolices, as senhoritas Zizi e Yayá beijam a sua amiguinha e retiram-se acompanhadas até a porta pela D. Joanna, a velha mãe, que vê pelo espelho, o que a filha faz com o noivo)*

- Agora, Maria, estamos sós.

- Toma! *(ouve-se o estalido de um beijo)*

- Que pouca vergonha é esta? Beijando-se na minha presença. Ah! Desavergonhada!

- Não me bata, mamãe. Eu estava mostrando ao seu Oliveira como é que a Zizi me beija...¹⁶²

Os textos dirigidos às mulheres traziam, como já argumentamos, marcas de amenidades, passando longe da política e da economia. Nos periódicos, as “futilidades” destinavam-se às mulheres, assim como os *folhetins*, que tiveram nas moças suas grandes leitoras. Destas *futilidades*, faziam parte a correspondência, a

¹⁶¹ O cotidiano das delegacias alimentava continuamente as redações, permitindo com que os jornais transformassem as ocorrências policiais em matérias jornalísticas de grande aceitação pelo público leitor: “O capitão prefeito de Segurança do lago do Aleixo ordenando que com brevidade fizesse apresentar à prefeitura o menor Francisco Macedo, conhecido por Chiquinho, sobre quem recahem suspeitas de ser o auctor do defloramento da menor Hermenegilda de tal, que se acha refugiada em casa de José Florentino Vidal”. *Quo Vadis*, nº 7. Manaus, 26 nov. 1902.

¹⁶² *A Tezoura*, n. 03. Manaus, 23 out. 1909.

literatura e a moda. Por meio dessa imprensa as mulheres foram também produzindo maior visibilidade e conquistando o espaço público.¹⁶³

Mesmo após os anos de 1920, quando as revistas de variedades se proliferaram no Amazonas essa preocupação de acessar as leitoras a partir de temas leves e frivolidades ainda será bastante sensível. Desta forma, a *Revista Redenção* – que iniciou suas atividades em 1924 e estendeu-se até 1933 – trazia sessões específicas, como a *Chronica Feminina* ou o “*Jornal Fútil*”, que ocupava, em folha dupla, a parte central da revista.¹⁶⁴

É certo também, que a crítica a esses enquadramentos já começara, mesmo no Amazonas. Tanto é assim que Luciane Campos assinala:

O artigo “Miss Frivolidade” de Anna Pereira, que colaborou no *Rionegrino*... é na verdade uma crítica a um novo perfil feminino surgido a partir do início do século XX. A mulher frívola, ou melindrosa, resultado da modernidade, era aquela extremamente preocupada com a aparência e com as coisas mundanas. Vivia para o flerte e não se preocupava com o futuro, com a maternidade, com educação e trabalho. Este “modelo” feminino passou a ser objeto de acirradas críticas na sociedade e combatidas por alguns segmentos da imprensa...¹⁶⁵

Na visão de muitos jornalistas e escritores da época esse público feminino que lia periódicos não estava interessado em grandes questões – ou pelo menos não deveria se interessar – o que induzia os jornais ao oferecimento de uma pauta pequena de temáticas ditas femininas, como moda, culinária, puericultura ou receitas para o correto comportamento social.

Nem no Brasil, nem no Amazonas, as mulheres não constituíam um público especializado já plenamente configurado no final do século XIX. Esse público foi sendo constituído pela própria imprensa a partir de experimentações de temas, de linguagens e de formatos. Mais refratárias aos jornais, elas se entregam sofregamente às revistas que com elas “dialogam” a partir dos temas e das questões que conformam ou que se afiguram mais próximos do seu cotidiano.

Mas as representações das mulheres podiam variar conforme a condição social que assumiam. Se pertencente aos estratos mais altos da sociedade, as mulheres eram quase que invariavelmente associadas à visão idealizada da “santíssima trindade”, para usarmos uma expressão cunhada por Michelle Perrot, para expressar tríade boa

¹⁶³ GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Op. cit., p. 101.

¹⁶⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 226.

¹⁶⁵ CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. “Na imprensa e pela imprensa”. Op. cit., p. 107.

filha, esposa devota, mãe dedicada¹⁶⁶. Se, inversamente, a mulher retratada é a mulher popular, os arquétipos de referência podem mudar sensivelmente, variando da sedutora Eva à soturna feiticeira.

Quando uma mulher “caia em desgraça” podia a arrastar consigo toda a família, e isto porque o conceito da família passava pela premissa de que a instituição matrimonial era ancorada em dois alicerces básicos: em primeiro lugar o pai, provedor e responsável pela sobrevivência da família a partir dos seus rendimentos monetários e, em segundo lugar, a mãe, a quem cabia não apenas manter a ordem do lar e a educação dos filhos, mas também e, principalmente, zelar pelo respeito e integridade da família perante a sociedade.

Não podemos esquecer ainda que a contrapartida do marido provedor era a mulher responsável pela honra familiar. Ou seja, em troca do sustento garantido, a mulher casada deveria se distinguir socialmente, respeitando os ditames da moral e dos bons costumes, evitando assim em injúrias grave, defendida como o procedimento que “consiste” em ofensa à honra, respeitabilidade ou dignidade do cônjuge.¹⁶⁷

As grades folhas atendiam mais pontual e diretamente as necessidades de uma elite que se forjava através da economia gomífera, sendo composta pelas grandes famílias da sociedade; enquanto as pequenas folhas podiam mais facilmente atrair o pensamento divergente, já que constituídas quase sempre por segmentos médios urbanos, em forte relação com os espaços boêmios da cidade. Ali, ao lado de uma ou outra “raposa” da imprensa diária, circulavam os jornalistas iniciantes, professores à beira da mendicância, candidatos a poetas famosos e um punhado de médicos e advogados lutando contra o tédio de suas profissões. Frequentemente as pequenas folhas davam vazão a essa rica e transgressora sociabilidade dos bares e botequim, com a sua alegre e ruidosa rotina de críticas aos poderes constituídos e sua infinita capacidade de, entre um trago e outro de *Parathy*, produzir receitas imediatas e infalíveis para a cura dos males do mundo. Por que então não dividir essa colaboração com a sociedade? Eis aí o nascimento de mais um jornal.

Ao longo das duas primeiras décadas do século XX, as pequenas folhas, de estilo mais despojado e de linguagem coloquial, passam a ser cada vez menos toleradas no interior do periodismo e constantemente confrontadas por jornais e jornalistas que, projetando-se como portadores diletos do

¹⁶⁶ PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. Op. cit., p. 168.

¹⁶⁷ MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 381.

refinamento cultural e da vida civilizada, passaram a impor regras e convenções.¹⁶⁸

Oriunda de pequenos círculos letrados, as pequenas folhas, que em sua grande maioria apresentavam divergência ao governo local, utilizavam o jornal como forma de divulgação de suas ideias, oportunizando a utilização dos espaços públicos como os cafés, botequins, leitarias e livrarias. Não tinham a preocupação de ser a voz da respeitabilidade social, antes desejavam ser o “cisco” incômodo que atuava nesse meio social. Seus títulos já denunciavam esse desejo de “punir” o desvio, propondo uma satírica correção de rumo pela crítica ferina: “*O Pao*”, o “*KCT*”, “*O Chicote*”, “*O Martelo*”, etc. Por tais motivos, Pinheiro argumenta que o fato dessas pequenas folhas se constituírem preferencialmente em espaços não institucionais não foi mera coincidência¹⁶⁹. Inversamente, Maria Helena Capelato argumenta que:

Na grande imprensa, onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são indispensáveis ... o periódico que se destina a um público de elite caracteriza-se geralmente, pela apresentação sóbria, como é o caso de *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Os que se dirigem a outras faixas de mercado apelam, em maior ou menor grau, para ilustrações, títulos espetaculares, crime, sexo, humor, esporte, folhetins, etc.¹⁷⁰

Seja como for, na primeira década do século XX, o quadro havia se complexificado sensivelmente e as imagens e opiniões publicadas nos jornais pelas mulheres já não se materializavam de uma maneira uniforme e monolítica. Com o tema da emancipação feminina como pano de fundo, o debate se instaurou na imprensa, deixando perceber que já havia se alastrado ingualmente no seio da sociedade.

Assim é que, num pequeno jornal da cidade de Itacoatiara¹⁷¹, o jornalista E. Pinheiro assinou uma crônica intitulada “*Um Confronto*”, onde discorria sobre o preconceito sofrido pelas mulheres, a sua desqualificação e inferioridade, sendo subjugada perante o homem. Na mesma crônica, Pinheiro fazia a apologia da mulher, destacando sua importância e influência da produção intelectual de grandes escritores e na resolução dos grandes conflitos, reafirmando um poder que se encobria pelo seu corpo frágil, dando em seguida vários exemplos.

¹⁶⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*: Op. cit., p. 83.

¹⁶⁹ Idem, p. 85.

¹⁷⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. Op. cit., p. 15.

¹⁷¹ *Paladio*, nº 1. Itacoatiara, 09 set. 1908.

Dias depois o artigo recebeu a crítica ferina de Fakir (claramente um pseudônimo), cronista do jornal rival da cidade (*Arauto*) que, além de questionar essa suposta força inerente às mulheres, trazia uma dezena de contra-argumentos, lembrando mulheres que no passado assumiram posturas de vilãs, para, por fim, lembrar que um dia as mulheres se tornam “sogras”.

Neste particular, cabe salientar que o próprio *Paládio*, em tempo, assumira também essas representações “negativas” da mulher, em especial quando busca expor a seu público “o que é a sogra”:

A mulher depois que vira sogra é uma natureza difícil de definir. Enquanto mãe, é muitas vezes modelo de virtudes de ternura para com o seu marido e filhos, tornando-se assim o lar um paraíso. Depois de sogra é diametralmente aposta a essas belas qualidades, torna-se um verdadeiro demônio que só vive procurando meios para nos aborrecer instigando nossa esposa a que seja má como ella que sempre por melhor que seja não passa de sogra. Como não há regra sem excepção, encontram-se as vezes sogras que substituem as mães como quem escreve estas linhas teve a dita de encontrar, mas isso é tão raro. – regra geral é que a sogra sempre tenta perturbar a paz doméstica de um ou outro modo, fazendo com que a mulher odeie o marido lançando assim um casal que poderia viver feliz, num verdadeiro inferno.¹⁷²

O texto de Fakir é, na verdade a reprodução do ideário depreciativo já comum à literatura mais tradicional, reafirmando os preceitos que conduziam o pensamento médio da sociedade patriarcal sobre a condição feminina. O que realmente chama a atenção é a força e o vigor com que E. Pinheiro busca rebater, em sua tréplica, ponto a ponto, tais opiniões e desqualificações.

Na tréplica, Pinheiro reafirma seu inconformismo contra o que chamou de “absurdo conceito, que ainda hoje perdura, de julgar-se o homem um ser mais perfeito que a mulher, devendo, conseqüentemente, até exercer predomínio sobre esta”.¹⁷³ E vai mais longe, chamando a atenção para a incoerência e falta de equidade quando se trata da aplicação do código penal e da discussão acerca de direitos políticos:

... a sociedade considera a mulher um ser frágil, incapaz de exercer e gosar dos mesmos direitos que cabem ao homem, e no entanto, essa fragilidade não é levada em linha de conta no direito penal. Parece-me que a incoherencia é flagrante. Se a mulher, como diz Vivéiros de Castro, “não pode elevar-se à altura dos negócios públicos, se ella precisa de um tutor para os actos da vida civil, é

¹⁷² Ruy Canellas. “O que é a sogra”. *Paládio*, nº 7. Itacoatiara, 15 out. 1908.

¹⁷³ E. Pinheiro, “A propósito da mulher”. *Paládio*, nº 6. Itacoatiara, 08 out. 1908.

também fraca diante do crime, não pode resistir-lhe com a energia do homem, e então a coerência e a lógica reclamam seus direitos”.

Quando o nosso legislador constitucional enumera os direitos civis e políticos, o direito de votar e ser votado, exclue a mulher de participar dessas prerrogativas, mas o legislador penal esquece que as crises e acidentes a que está sujeito o organismo feminino, não lhe servem ao menos de atenuantes dos crimes que possa cometer.¹⁷⁴

Quanto à crítica de Fakir que acusa Pinheiro de, em seu primeiro artigo, só ter mencionado heroínas, esquecendo-se de registrar as “célebres perversas da antiguidade”, o cronista do *Paládio* argumenta que “a perversidade é um característico da degenerescência e ninguém afirmará que constitua regra, e sim exceção no gênero humano”. Ainda assim, diz Pinheiro,

Se quisermos saber qual dos dois sexos fornece maior número de perversos, certamente nos convenceríamos de que o contingente prestado pelo sexo forte é muito mais numeroso, pois a História registra com horror os nomes de Nero, Callígula, Brutus, Herodes, Iscariotes, Torquemadas, etc, etc.¹⁷⁵

A enfática defesa da mulher feita pelo cronista do *Paládio* parece ser um fato excepcional, em especial pela radicalidade com que defende a adoção de uma postura mais igualitária e inclusiva, e sem sombra de dúvida, não representava a visão majoritária da época ainda aferrada aos preceitos já descritos da sociedade patriarcal brasileira. Um bom exemplo dessa ambiguidade está no fato de que neste mesmo pequeno jornal de Itacoatiara, encontramos crônicas e matérias que, inversamente, ratificavam as imagens negativas sobre as mulheres.

A Mulher

– Foi então assim que fez a mulher?

Foi. Depois colocou os olhos para que ellas podessem iludir, sem falar; os lábios para beijar, irreprimindo a mentira, e as faces para zangar as rosas.

– Estás muito amável,

– O physico estava prompto. Faltava o moral: de um pouco de argilla, fez a alma; colocou algumas gotas de circunstância, outras de ciúme...

– E aonde foi ele buscar esse requebro languido, a elegância?

– Às azas de uma borboleta!

–Bravíssimo! E a voz?

– Extrahiu-a da garganta de um rouxinol que cantava na ocasião: D’ahi essa melodia que se torna a perdição dos homens.

– E os seios?

– Foi buscar a um pombal que se ocultava entre as roseiras... Ferio-se entre os espinhos e...

–Adivinho, disse ella, interrompendo-o. Foi uma bela obra.

– Dizes antes – uma maravilha. Entretanto não há gosto completo. Depois de linda e faceira orgulhoso de seu feito, mandou-a que fosse em procura da

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Idem.

felicidade... Pouco depois, porém, se ficou triste, apprehensivo como que arrependido por tel-a deixado.

- Porque?

- Tinha-se esquecido do coração. ¹⁷⁶

A crônica, como se vê, aludindo à simbologia bíblica da criação do mundo, inocula na mulher todos as características advindas do pecado original, e assim ela se faz Eva, bela, sedutora, dissimulada, fria, e por isso mesmo tão temida, quanto admirada.

Examinando as duas matérias veiculadas pelo Paládio em perspectiva, é possível argumentar que a postura do jornal itacoatiarense parece ser bastante representativa do posicionamento ambíguo (ou em transição) da Imprensa com relação à condição feminina naquele início de século XX.

Os impressos pesquisados surpreenderam também pela busca e ratificação do ideal da *esposa devota e mãe dedicada*, arquétipos sempre propagandeados pela mentalidade da sociedade patriarcal brasileira e inscrustados na história seja pela literatura¹⁷⁷, seja pela imprensa.

Dos jornais de grande circulação aos do interior, a representação da mãe é mais uniforme e percebida como algo inabalado e quase santificado. A mulher, para ser uma boa esposa e, por conseguinte, uma boa mãe, já vinha sendo moldada desde a sua infância para os ofícios do lar. Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas, que restringiam a mulher ao espaço privado. ¹⁷⁸

A imagem da maternidade que emerge nos jornais é também carregada de maior emoção e devoção. A mulher mãe é Maria, sublime e capaz de enfrentar todas agruras e tormentos, sem medir consequências. Sua exaltação é total e contundente: “Mãe! Que grandiosa epopeia de dedicação, que inexaurível tesouro de affectos, que maravilhosa fonte de vivificantes elixires, que doces e suavíssimos balsamos não encerra esta pequeníssima palavra de uma só sílaba”, dirá O Progresso, jornal da pequena vila de Manacapuru, em longa matéria. ¹⁷⁹

¹⁷⁶ Armando Duval. “A Mulher”. *Paladio*, nº 1. Itacoatiara, 09 set. 1908.

¹⁷⁷ SOARES, Ana Caroline Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz* Op. cit..

¹⁷⁸ OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: Nos caminhos da civilização. *Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Recife, nov. 2009, p. 1.

¹⁷⁹ *O Progresso*, nº 9. Manacapuru, 12 mar. 1911.

Mas, afinal de onde vem essa percepção? É o próprio jornal quem explicitara esses significados que se expressam pela figura maternal, argumentando que :

A palavra mãe exprime a mulher no exercício da sua missão augusta: a missão da maternidade, tudo isso é quando ela desenvolve toda a sensibilidade, toda majestade, todos os desvellos, carinhos, affectos e cuidados, enfim, todo veemente amor de sua organização nervosa e privilegiada.

É o amor de mãe o mais puro e santo, o manancial de prazeres castíssimos, é o sentimento feito a toque das mais dolorosas privações, dos sofrimentos mais cruéis das dores mais dilacerantes.

A devoção da mulher pelo ente que a gerou nas suas entranhas, atinge muitas vezes as penosas proporções do fanatismo religioso e mystico.

... Por amor do seu filho, a mãe torna-se-á santa ou criminosa, anjo ou demônio, romeira ou heroína! Desce as mais espantosas degradações, aos lamaças, aos abysmos do mundo, ou erguindo-se as ethereas regiões da sublimidade infinita.

Respetamo-las, pois. ¹⁸⁰

Dentro da temática relacionada à figura da esposa devota identificamos as notas que destacavam a importância dos enlaces matrimoniais, sendo tais posições bastante fortes nos jornais do interior, onde o casamento refletia mais pontualmente a importância da sagrada família para a manutenção dos bons costumes. Eram constantes as notas de felicitações: “O nosso estimado collega de redação Raymundo Martiniano Nunes, continua a ser muito felicitado pelo motivo de seu enlace matrimonial com a Ex.^{ma} Snr^a . D. Dyonisia de Castro Nunes”.¹⁸¹ Veja-se outra: “Realizar-se-á em Outubro próximo o casamento da distincta senhorita Quiteria Miranda Araujo, dilecta filha do comendador Miranda Araujo, com o dr. Milton R. de Almeida. Ao jovem e formoso par desejamos infindas felicidades”. ¹⁸²

O casamento representava a solidificação de todos os conceitos que foram apresentados à mulher, sendo a garantia de uma união saudável, para homens e mulheres. Para as mulheres ele se afigurava como a sagração de seu destino, garantidor do sustento, do respeito e da honradez; para os homens, a chance de fugir do mundo de perdições que as ruas e becos ofereciam aos mais “fracos”. Como argumentam Marina Maluf e Maria Lucia Mott:

¹⁸⁰ Idem. Outra matéria de exaltação à mãe aparece no mesmo jornal, números depois, no dia 9 de abril de 1911.

¹⁸¹ *O Barcellense*, nº 1. Barcelos, 3 ago. 1909.

¹⁸² *O Gremio*, nº 1. Manaus, 5 set. 1909.

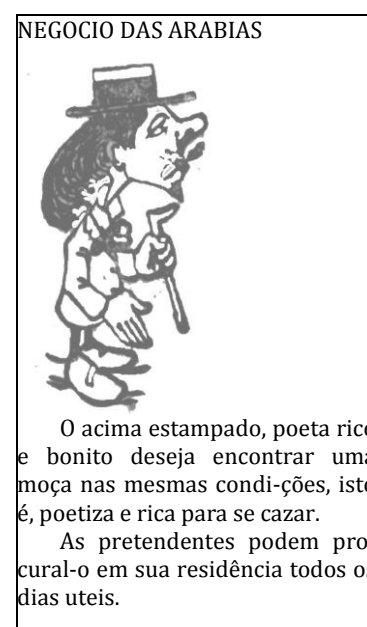
Se o casamento representava uma etapa superior das relações amorosas, se foi proclamado “garantidor da saúde da humanidade”, o melhor remédio para o corpo e para alma, e se constituía uma das maiores fontes de “estabilidade social”, era preciso, então, divulgá-lo e transformá-lo numa necessidade para todos.¹⁸³

Como sustenta Mary del Priore, “a fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina e a falta de fidelidade masculina vista como um mal inevitável que se havia de suportar. E sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousa a perenidade do casal”¹⁸⁴. Se a instituição do casamento, mas que um contrato, era um sacramentado, sempre referenciado e respeitado nos periódicos pelo interior do Amazonas – pelos menos nos que foram utilizados em nossa pesquisa – em Manaus, onde o quadro social se mostrava como mais cosmopolita e complexo, as imagens apresentadas nas pequenas folhas podiam sofrer algumas variações.

Nas inserções em que aparece como matéria, as críticas ao casamento moderno, ou as de mazelas intrínsecas a ele tenderam a ser apresentados na forma de parodia, onde o enlace amoroso quase nunca era destacado. Um exemplo dessa postura aparece no jornal *A Farpa*, periódico satírico que se utilizava de charges e grafismos para realizar a crítica dos costumes, publicou um sem número de pequenas ilustrações (como a intitulada *Negócios das Arábias*) satirizando da busca de um casamento por interesse, em que o amor pouco contava.

Ao que parece, a estrutura e o *status* dos enlaces matrimônios no Amazonas viram-se então abaladas no bojo das transformações produzidas pela dinâmica econômica característica do chamado período áureo da borracha, momento em que a lógica do capital parece ter começado a falar mais alto.

É possível argumentar que uma maior presença feminina no espaço público e o desejo latente de emancipação e equidade nas relações abalam o cotidiano masculino dos maridos, já que no âmbito do tradicionalismo da família patriarcal podiam acomodar as esposas em casa e ter uma vida mais livre na rua (inclusive sexualmente), sem que suas práticas fossem seriamente questionadas no interior das



A Farpa, nº 1. Manaus, 09 out. 1909.

¹⁸³ MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 386.

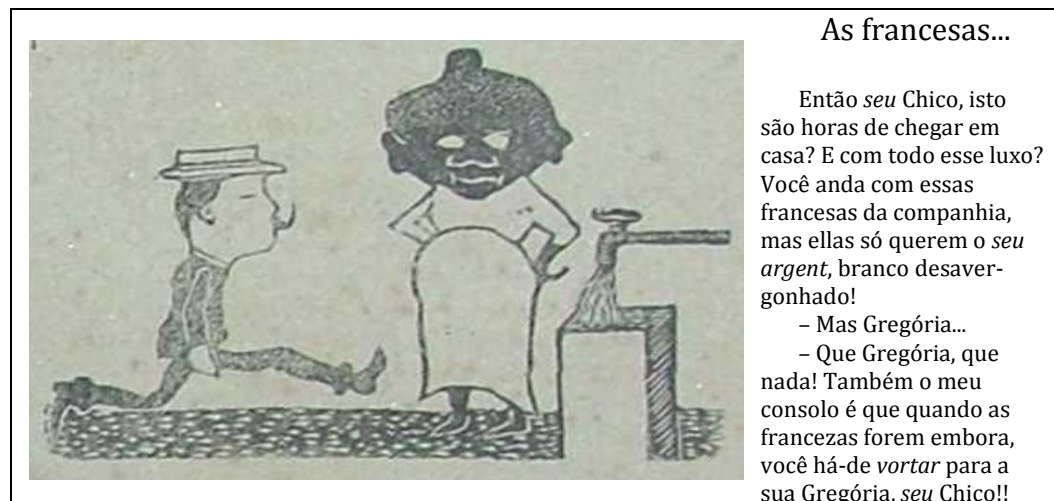
¹⁸⁴ DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Ed. Contexto, 2006, p. 195.

relações familiares e matrimoniais. Com o avanço do novo século, a nova mulher, questiona e confronta o marido, instaurando uma tensão nas relações menos comuns até então. O casamento para os homens passa a ser, desta forma, um tormento cotidiano.

O momento conheceu também o aparecimento e a proliferação dos bordeis, que, com sua simples existência, podiam macular o sagrado laço do casamento e a estabilidade das honradas famílias locais. Local de tentação e descaminho, os bordeis populares tornaram-se bastante frequentados pela imprensa, mas, de acordo com Ednea Mascarenhas Dias, fazia-se “‘vista grossa’ aos luxuosos bordéis frequentados pela elite extrativista, muitas vezes por ela financiados, a mesma burguesia defensora da moral e dos bons costumes”.¹⁸⁵ Sobre a prostituição, a autora sustenta ainda que:

Eram mulheres de todas as nacionalidades que pra cá se deslocaram, atraídas pelo fausto da cidade. Para a imprensa, elas tornam-se responsáveis pela dissolução dos costumes, uma vez que afastam as famílias das reuniões públicas, do convívio alegre das ruas, dos lugares onde as mesmas foram sempre presença constante.¹⁸⁶

Na charge “As Francesas...” apresentada pelo jornal *Ponto nos ii*, era exatamente a atração dos bordeis e das prostitutas estrangeiras e a interferência e instabilidade que causavam nos casamentos, que é explorada.



Fonte: *Ponto nos II*, n. 04. Manaus, 04 ago. 1906.

¹⁸⁵ DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*: Manaus, 1890-1920. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007, p. 149-150.

¹⁸⁶ Idem, p. 137.

A importância da manutenção dos laços do matrimônios e da família na virada para o século XX eram sempre reafirmadas, mas era possível perceber uma crescente fase de desordem nos conceitos familiares, principalmente no que tangia ao casamento. Podemos refletir essa situação com o pedido de alguns eleitores para a retirada de um folhetim que começara a ser publicado no *Tribuna do Caixeiro*. O jornal foi um importante órgão da imprensa operária amazonense, voltado para a organização e defesa da classe caixeiral, mas como muitos periódicos de sua época – inclusive operários – reservava a parte inferior de algumas de suas páginas para a publicação dos folhetins, de grande penetração e aceitação pelo público feminino.

O folhetim alvo da crítica encaminhada pelos leitores de Manaus era o clássico *A Escrava Isaura*, que havia sido escrito originalmente em 1875, por Bernardo Guimarães¹⁸⁷. Os editores receberam críticas de algumas senhoras que haviam identificado no folhetim partes do enredo que retratavam – e, portanto, fomentavam, segundo as queixosas – a degradação total familiar. Os editores apressaram-se em afirmar que as ideias expostas no folhetim não correspondiam ao pensamento do jornal, mas sim do autor e tentaram amenizar a situação, propondo alternar o folhetim com outros assuntos, mais amenos, para não mais agredir ou provocar as susceptibilidades das senhoras locais e, em especial, para não macular a formação das moças que acompanham fervorosamente cada capítulo do folhetim.¹⁸⁸

Nunca é de mais lembrar o alerta feito por Michelle Perrot sobre essa tensa e complexa relação entre as mulheres e a leitura:

Inicialmente, ela [a leitura] é um mundo masculino, de que as mulheres vão lentamente se apropriando. Não sem dificuldades. Os cafés, círculos e clubes, as salas de leitura, onde se leem principalmente os jornais, são reservados aos homens. Todavia, as mulheres insinuavam-se no jornal pelos rodapés – que lhes eram progressivamente reservados, sob forma de crônicas de viagens ou mundanas e sobretudo de romances-folhetins, cada vez mais femininos por suas intrigas, suas heróinas a até por sua moral.¹⁸⁹

Também identificamos nos periódicos amazonenses a veiculação de diversos estereótipos acerca da família burguesa, a partir da qual também se projetava uma imagem modelar. Era a personificação feminina desse tipo de

¹⁸⁷ O romance retratava as desventuras de Isaura, escrava branca, porém, educada ao estilo da época, que sofria nas mãos de seu senhor, devasso e cruel.

¹⁸⁸ *Tribuna do Caixeiro*, nº 42. Manaus, 14 fev. 1909.

¹⁸⁹ PERROT, Michele. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p.78.

família que as grandes folhas propalavam. Como nos alerta Maria Ângela D’Incao, essa característica se apresentava em todo o Brasil a partir do século XIX, com a consolidação do capitalismo, que foi, segundo a autora, o responsável pela reorganização do conceito de vivência familiar e doméstica: “presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade”.¹⁹⁰

2.1.2. CONTROLE, SUBMISSÃO, DESREGRAMENTOS.

Chegamos a nos perguntar se os periódicos pesquisados apresentavam, na verdade, duas cidades, ou pelo menos faces distintas da mesma cidade: uma com toda a pompa das benfeitorias que a economia gomífera trouxera à capital, dedicando a ela páginas inteiras com informações de embarque e desembarque das toneladas de borracha vindas das diversas calhas dos rios, informações sobre casas de cambio, exaltação as grandes figuras políticas locais, notícias da saída e entrada dos grandes navios com sua ilustre tripulação da primeira classe e com seus nomes destacados nas linhas das páginas dos jornais. Essa dimensão de entreposto comercial assumido pela cidade era objeto central da atenção das grandes folhas, onde, inversamente, o cotidiano popular, muitas vezes só era percebido por meio dos desordeiros, dos sem virtudes, dos arruaceiros, das prostitutas e da pobreza.

Na verdade, essa foi uma característica perceptível em várias cidades brasileiras e estavam ligadas ao mesmo processo: o desejo modernizador e saneador assumido pelas emergentes elites urbanas. A esse respeito Rachel Soihet lembra que:

Durante a Belle Époque (1890-1920), com plena instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do país despontaram como lema dos grupos ascendentes, que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares ao modelo parisiense.¹⁹¹

¹⁹⁰ D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e Família Burguesa*. In: PRIORI, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP/Contexto, 2001, p.223.

¹⁹¹ SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil*. In: PRIORI, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. Op. cit., p. 362.

Já as pequenas folhas pareciam dedicar maior atenção aos divergente e, dentre eles, os populares na cidade. Mas soltas e animadas pelo anonimato, podiam com mais efetividade confrontar a norma, ironizando a política e os políticos, denunciando o abandono dos bairros distantes, onde vivia a população carente – em sua maioria trabalhadores que faziam a cidade crescer com sua força de trabalho –, além de enumerar os acidentes com os bondes na capital, a falta de luz, a falta de água, a concentração de imigrantes e o submundo da noite, mostrando, portanto, numa cidade segregada. Como sustenta Dias:

Seguramente, o projeto de urbanização de Manaus do final do século XIX e início do século XX excluiu a classe trabalhadora dos benefícios de viver, de morar e de trabalhar, no saneamento, em transportes, saúde e abastecimento. As coisas públicas, isto é, aquilo a que todos deveriam ter acesso, torna-se privilégios de poucos.¹⁹²

No cerne dessas dissensões apresentadas pela imprensa, emergia uma voz fragmentada, quase silenciada, sem espaço. Essa voz era a da mulher popular, que estava presente nas ruas, mas não era percebida; que podia sofrer agressões e ao mesmo tempo virar a única culpada por sofrê-las; que trabalhava nas casas, dando o seu sangue; ou nas esquinas, dando seu corpo. Já se asseverou que a história das classes populares é extremamente difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar da elite senhorial, exatamente porque ali aparece crivada por preconceitos e estereótipos depreciativos, fazendo com que a exclusão feminina parecesse ainda mais forte.¹⁹³

O desregramento, o controle e a submissão eram sua sina e ganhavam espaço nas páginas policiais das pequenas folhas ou nos dados estatísticos sobre os moribundos, os indigentes, os enfermos e os mortos registrados pela saúde sanitária nas grandes folhas. Essas representações eram expostas em colunas que tinham um perceptível fundo de preconceito na relação com o popular.

Tais colunas traziam obviamente uma carga de preconceituosa pejorativa para com as camadas populares da sociedade local, algumas vezes, tratada de forma genérica como sendo o “populacho”, ou ainda como “marginais”, “ébrios”, “vadios” e “prostitutas”.¹⁹⁴

¹⁹² DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto*. Op. cit., p. 45.

¹⁹³ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Op. cit., p. 186.

¹⁹⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-1930. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM, p.4.

As cidades que os periódicos apresentavam eram, portanto, segmentadas, e permitem estabelecer uma relação com o que estava acontecendo em vários estados do Brasil, em especial com a repercussão das transformações das grandes metrópoles durante o período de maior modernização urbana, conhecido como *Belle Époque*, já que os processos foram bastante similares.¹⁹⁵

Sendo assim, a população masculina e feminina que não era beneficiada pelo apogeu desse momento se viu obrigada a se adequar a uma nova estrutura mais rígida e disciplinadora que o estado passou a impor. Nesse sentido, medidas foram tomadas para adequar homens e mulheres dos segmentos populares ao novo enquadramento, incluindo a difusão vigorosa de novos valores, calcados em formas e modelos de comportamento que passavam pela necessidade de rígida disciplinarização.¹⁹⁶ Mas esse processo se dá também em meio a meandros discursivos que escamoteiam a dominação, fazendo perceber que tais medidas visão, inversamente, a defesa da população. Assim, numa cidade conflagrada por protestos e greves de trabalhadores,

O policiamento, no momento que é solicitado para evitar perturbação da ordem pública que se manifesta pelos mais diferentes “crimes” e delitos, como embriaguez, vadiagem, gatunagem, ofensa a moral, prostituição, etc., justifica-se pela necessidade de proteção ao trabalho.¹⁹⁷

Coube então uma maior pressão e um reforço nos mecanismos de submissão, além da imposição de uma disciplina mais rígida ao comportamento feminino, para que a mesma se adequasse a nova ordem. E um dos pontos sempre destacados de submissão a essa nova ordem era a condição do casamento. Devemos frisar que o conceito do casamento burguês, que norteava os segmentos médios e a elite socioeconômica também se impôs como modelo a ser reproduzido nas camadas populares. Porém, ao que parece, essa forma modelar de matrimônio não foi seguida muito pontualmente nas camadas populares. As uniões informais, os amasiamentos e o concubinato eram tão comuns quanto os casamentos formais¹⁹⁸. Soihet argumenta que no início do século XIX, por exemplo, o modelo

¹⁹⁵ NEEDLELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

¹⁹⁶ SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del e PINSKY, Carla B. (Orgs.). *História da Mulher no Brasil*. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 362.

¹⁹⁷ DIAS, Ednéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus, Ed. Valer, 1999, p.131.

¹⁹⁸ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

de união estabelecido pela família patriarcal chegava apenas a 26 % das uniões, sendo todo o resto constituída por outros tipos de uniões informais.¹⁹⁹

A virada do século XX, os periódicos já identificavam a dissolução da familiar nuclear entre as camadas mais desprovidas de recursos. Como causa dessa dissolução nuclear da família foi comum se identificar a inserção da mulher no mercado de trabalho. A busca de renda familiar pesou como um fardo na figura da mãe, já que ao se ver obrigada a assumir o papel de provedora do lar, acaba tendo que deixar de lado aquelas práticas que eram vistas como verdadeira “missão civilizadora”, a do cuidado da casa, do marido e da educação dos filhos. Transgredia-se, dessa forma, os códigos de bom tom, deixando também de lado os hábitos sadios, as boas maneiras, em nome do imperativo maior e mais premente da sobrevivência cotidiana. Tais são os caminhos que precisam ser, muitas vezes, trilhados para marcar presença nesse mundo masculino dominante. Portanto, é preciso pensar que o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isso é também um sistema de exploração.²⁰⁰

Tal inserção não se fez, contudo, sem reação, cabendo ao estado tomar todas as medidas para coibir, oprimir e controlar essa mulher popular. Para Soihet, “o Código Penal, o complexo judiciário e a ação policial eram os recursos utilizados pelo sistema vigente a fim de disciplinar, controlar e estabelecer normas para as mulheres dos seguimentos populares”²⁰¹. Tendo a violência como marca registrada nas ações de coerção à mulher; esses atos ocorriam desde a repreensão do seu linguajar, quando esse era considerado obsceno para moral das normas de conduta da cidade, que ocorriam nas vias públicas, as brigas entre mulheres ou mesmo entre mulheres e homens quando esses homens se atrevessem achincalhar com sua pessoa.

O caráter da violência sofrida pela mulher era múltiplo e se fazia de formas que iam das mazelas do sistema a sua condição de gênero. A violência sofrida pela mulher, como citava Marilena Chauí era o resultado da ideologia produzida pela dominação masculina e essa reprodução recaía tanto para o homem quanto na

¹⁹⁹ SOIHET, Rachel. *“História das Mulheres”*. Op. cit., p. 290-291.

²⁰⁰ SANTOS, Cecília MacDowell e IZUMINO, Wania Pasinato. Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil. *Revista Estudos Interdisciplinares de America Latina y el Caribe*. Israel: Universidade de Tel Aviv, vol. 16, nº 1, 2005, p. 4.

²⁰¹ SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil*. Op. cit., p. 363.

mulher. “As mulheres são ‘cúmplices’ da violência e contribuem para reprodução de sua ‘dependência’ porque são ‘instrumentos’ da dominação masculina”.²⁰²

De acordo com Rachel Soihet, “No caso das mulheres, acrescentavam-se os preconceitos relativos ao seu comportamento a sua condição de classe e de gênero acentuava a incidência da violência”.²⁰³

Por mais determinado que o estado se apresentasse em ocultar esse submundo, a imprensa acabava demonstrando essa realidade e a mulher, que antes ganhava destaque pelo seu triplo papel de boa filha, esposa devota e mãe dedicada, apareceria agora, tanto nas páginas dos grandes jornais, quanto das pequenas, revestida em outras representações.

Em sua quase totalidade, as imagens da mulher em desacordo com o ideário patriarcal brasileiro refere-se à uma mulher “popular”, sempre envolvida em situações conflitivas e vexatórias que maculavam sua imagem sacralizada da mulher pura, dedicada e ingênua.

Entretanto, nas páginas dos periódicos locais, a representação dessa mulher acabava sendo apresentada de forma obscura, onde a compreensão da lógica intrínseca os fatos desabonadores cometidos tinha pouca ou nenhuma importância, dando-se um valor maior à divulgação das consequências: prisões, brigas, bebedeiras e atos de libertinagem. Por de trás de cada sentença que os periódicos lançavam às mulheres envolvidas nessas matérias sensacionalistas havia, sem dúvida, uma história, por vezes dramática, mas quase sempre não havia interesse ou importância em sabê-la.

Assim, as matérias publicadas dentro desses perfis editoriais deixavam subentender que qualquer ato de subversão que envolvesse mulheres acabava recebendo o estigma da marginalidade e da exclusão social e, dessa forma, elas tendiam a ser apresentadas invariavelmente como vadias, vagabundas ou prostitutas.

Essa visão estereotipada da mulher popular é tão forte e marcante que torna difícil distinguir com segurança a origem social das mulheres nos atos e conflitos registrados em plena rua. Seria ela simplesmente uma mãe trabalhadora

²⁰² CHAUÍ, Marilena. “Participando do debate sobre mulher e violência”. In: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTE, Maria Laura e HEIBORN, Maria Luiza (Orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. São Paulo: Zahar Editores, 1985.

²⁰³ SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil*. Op. cit., p. 366.

envolvida nas agruras cotidianas que marcam a vivência popular, repleta de opressões e violências, ou, como frequentemente induzem os jornais, seriam apenas mulheres desqualificadas disputando um amante ou um ponto na cidade para se prostituírem?

Descrevendo as mulheres populares da Paris do século XIX, Perrot destacava a sua maior presença da rua, vista agora como extensão da moradia. A rua também era local de trabalho, e assim, seu espaço primordial não era “o ‘o interior’ da casa, que para elas ainda não existe, mas o exterior. Depois que os homens vão para os canteiros de obras, para as oficinas, a rua pertence a elas. Ela ressoa com seus passos e vozes”.²⁰⁴

2.2. IMAGENS DO DESREGRAMENTO FEMININO

Quando a imprensa amazonense comentava ou informava aspectos relacionados à mulher e à condição feminina e, em especial, sempre que o fato discutido e informado contraditasse as normas de “boa conduta” que toda boa mulher deveria seguir, esse suposto ato de “contravenção” tendia a ser relacionado mais diretamente nas colunas policiais.

Muitas dessas matérias não traziam identificação ou sequer explicação do fato ocorrido, utilizando-se, em muitos casos, apenas a informação genérica: “*uma mulher*”. A falta de preocupação em relatar os fatos ocorridos parecia estar relacionada diretamente com a desimportância social atribuída pelos jornais ao agente da infração, a mulher popular. Mais ainda, os jornais não demonstravam nenhum interesse de lhes ouvir os argumentos, de lhes dar a palavra a respeito das acusações que lhe eram imputadas.

Outro ponto interessante observado na pesquisa foi a preocupação da fonte jornalística em sempre divulgar a origem (naturalidade) da transgressora (por vezes chamada pelo jargão policial de “*meliante*”, quando não de meretriz), destacando que estas eram, frequentemente, imigrantes e, inversamente, isentando em tais ocorrências a população local, tida por essencialmente ordeira e

²⁰⁴ PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. Op. cit., p. 200.

pacata. Somava-se assim ao preconceito de gênero, outro, direcionado ao imigrante pobre, notadamente quando provenientes dos estados nordestinos.

É notória a condição precária em que o imigrante se inseria no cenário regional na época de vigência da economia de exportação da borracha. Para Dias,

o espaço urbano atrai os mais diferentes tipos de pessoas, vindas de diversos pontos do País e do mundo e que passam a fazer parte do cotidiano da cidade, não tendo as mesmas condições de sobrevivência daqueles que vão usufruir a vida de "fausto" que a borracha propicia.²⁰⁵

Grande parte das ocorrências ligadas ao desregramento feminino estava relacionada a bebedeiras em vias públicas e brigas envolvendo outras mulheres. Nas grandes folhas as matérias se apresentavam sempre de forma contida e resumida, em alguns jornais com identificação das partes, enquanto em outros apenas as informações mais gerais. Vejam-se alguns exemplos:

Severiana Maria da Conceição foi presa por desordens, a ordem do subprefeito Cavalcante.²⁰⁶

Por ordem do subprefeito do 3º districto, foi presa Izabel Ferreira dos Santos, 27 annos, rio-grandense, desordens.²⁰⁷

Por ordem do subprefeito do 3º districto, foram presos Bernado José Gabino, 31 annos, solteiro, maranhense, por embriaguez e Antonia Cruz, 25 annos, solteira, engomadeira, paraense, por embriaguez.²⁰⁸

Não podemos deixar de destacar nessa situação que apesar de diversas mulheres populares dos estados brasileiros que migraram para o Amazonas abarrotarem as páginas policiais, o mesmo também aconteceu com as estrangeiras que aqui vieram atraídas pela borracha:

Veio hontem a esta redação Maria, hespanhola, e referiu-nos o seguinte: estando em sua casa hontem as 7 horas da manhã, perfeitamente tranquila, foi inesperadamente intimidada a comparecer à chefatura de segurança publica. Surprehendida, porque semelhante fato nunca lhe acontecera, visto como tem consciência de portar-se sempre bem, contudo compareceu áquella repartição, ao cumprimento da ordem recebida. O subprefeito Carlos Lobo, presente na ocasião, nem mesmo quis tomar o incomodo de chama-la á sua presença e mandou recolhe-la ao xadrez, sem até agora saiba ella a razão desse acto do referido subprefeito.²⁰⁹

²⁰⁵ DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do fausto*. Op. cit., p. 119.

²⁰⁶ *O Globo*, nº 117. Manaus, 2 fev. 1902.

²⁰⁷ *Correio do Norte*, nº 6. Manaus, 27 jan. 1906.

²⁰⁸ *Correio do Norte*, nº 6. Manaus, 27 jan. 1906.

²⁰⁹ *Correio do Norte*, nº 52. Manaus, 22 mar. 1906.

Além das usuais páginas policiais que destacavam essas situações havia as queixas diretas aos periódicos, encaminhadas em forma de cartas ou através de idas pessoais às redações. Quando a polícia não conseguia intervir no momento da ação ocorrida, os queixosos levavam a sua denuncia ao público na esperança que fossem posteriormente atendidos pela policia local.

Queixas do Povo

Procurou-nos o Sr. Patricio Monteiro e Silva e queixou-se nos de que, hontem a 1 hora da tarde, indo com a pessoa da sua familia, a passar pela rua da Matriz junto a “Mercearia Cabacense”, onde moram umas holandesas, foi por uma dessas chamado com palavras offencivas á mora. Esperamos que a policia providencie afim de diminuir a petulancia de tal mulher. ²¹⁰

Nas leituras dos jornais conseguimos identificar somente uma única vez a repetição de delitos cometidos por uma mesma mulher. Esse fato só ocorreu, pois o periódico pesquisado teria detalhado informações sobre a mulher:

Por embriaguez foi presa hontem Leonor Maria da Conceição, com 46 annos, pernambucana. ²¹¹

Sr. Manoel Rendeiro, residente a rua da matriz n. 35, queixou-se hontem ao sub-prefeito de permanência, de que Leonor Maria da Conceição, lhe havia furtado um relógio de mesa. ²¹²

Ficava claro que as formas de repreensão que o estado tomava para inibir as ações femininas na cidade pareciam ser de ordem paliativa, infelizmente (ou felizmente) não conseguimos identificar outras personagens que tenham feito ecoar de forma contínua seus nomes nas paginas policias da época.

A maneira de como eram mencionadas as mulheres quando não se encaixavam na estrutura estabelecida pela urbe era representada nas páginas impressas variando de vagabunda a desocupada, sendo esse o perfil do desregramento mais corriqueiro apontado na imprensa local: “Foram hotem presos por desordem os indivíduos: Sabino Antonio dos Reis, de 25 annos, solteiro, embarcado, brasileiro. Leonor Maria da Conceição, de 43 annos, *vagabunda*, brasileira, viúva”. ²¹³

²¹⁰ *O Globo*, nº 2. Manaus, 3 set. 1901.

²¹¹ *Correio do Norte*, nº 28. Manaus, 22 fev. 1906.

²¹² *Correio do Norte*, nº 45. Manaus, 14 mar. 1906.

²¹³ *Correio do Norte*, n. 45. Manaus, 14 mar. 1906.

Com pouca diferença de intensidade, tanto nas grandes folhas, quanto nas pequenas fazia-se uma representação dessa mulher popular e seus desregramentos de uma forma mais sarcástica e jocosa que “jornalística” (informativa), ganhando destaque o sensacionalismo e a malícia na informação. Nos jornais mais amadores e improvisados, foi bastante comum a inclusão de charges e pequenas ilustrações que aludiam a fatos por eles mesmos informados. Com efeito, as ilustrações caricatas tinham um forte poder de comunicação direta, portanto de fácil compreensão e penetração nas massas²¹⁴, mormente num momento em que as imagens ainda não eram tão frequentes na imprensa. Vejamos alguns exemplos:

O furo na polícia



Fonte: *Ponto nos II*, nº 2. Manaus, 21 jul. 1906.

²¹⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p.16.

<p>E viva a pandega! Lá vão o Procópio e a Michaela num cack-walk doido, levado de todos os demônios. Isso foi apanhado num certo baile da cachoeirinha, onde fechou o tempo, saindo raios e coriscos. Viva a folia!</p>	
---	--

Fonte: *Ponto nos II*, n.04. Manaus, 04 ago.1906.

As ilustrações troçam com todos e por todos os lados. Em primeiro lugar, numa época em que a imagem fotográfica, como instantâneo da realidade, fazia sua penetração nos grandes jornais, como o *Jornal do Comércio*, os “flagrantes” imagéticos dos *Pontos nos ii*, não deixa de ser uma troça consigo mesmo. Ali está, todavia, a degenerescência ou desregramento feminino em sua quintessência: a briga de faca, os puxões de cabelo, sua comparação com gatas assanhadas a induzir motivações ligadas à vida uma vida libidinosa. A referência direta à “Pensão da Mulata” – um bordel já referenciado na literatura da cidade²¹⁵ – e ao bairro da Cachoeirinha, então zona periférica de expansão das moradias populares, fazem a associação desses desregramentos com a vivência popular, para os quais era preciso estar atento.

2.2.1. SOB O ESTIGMA DE EVA: DA SEDUÇÃO À PROSTITUIÇÃO

As imagens consagradas da cidade de Manaus durante o apogeu econômico da economia de exportação da borracha produziram visões deslumbradas de como o dinheiro circulava pela cidade, proporcionando regalias como nunca antes havia se visto na região. A elite gomífera cercava-se de caprichos que – por vezes

²¹⁵ Pinheiro registra que tanto os jornais, quanto as mensagens dos Governadores, falavam frequentemente da existência de uma “zona estragada” e que, nela, “amontoavam-se os cortiços, os hotéis e pensões de terceira categoria, os cabarés, cassinos e as ‘casas de tolerância’, como a ‘Pensão da Mulata’ (situada à praça da República), onde segundo as autoridades ‘reuniam-se indivíduos de toda casta’ e a casa de diversões ‘El Dorado’, reputada como ‘um ninho de mulheres de vida fácil’.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: EDUA, 2003, p. 73.

traduzidas em imagens consagradas, mas pouco prováveis, como o envio das roupas sujas para serem lavadas na Europa – iam da construção de mansões à compra de roupas, móveis e utensílios vindos da França ou de outros países da Europa. Como argumenta Paulo Marreiro dos Santos Júnior, o uso da moda francesa, ou afrancesada, era tomado como prova do refinado, de bom gosto, de requinte, já as roupas consideradas comuns ou em sintonia com a estética popular comprovavam a rudeza e primitivismo.²¹⁶

Paris era a cidade do mundo a ser admirada e referenciada, e dela vinham tanto a nova estética de polimento e sofisticação, quanto a explosão dos desejos mundanos, tão bem traduzidos pela boemia literária e pelo *l'amour rouge*²¹⁷. No mundo inteiro assiste-se à expansão do bordel francês, repleto de cortesãs dispostas à colaborar com o entretenimento masculino em troca, obviamente, de uma paga. Em Manaus não será diferente. De acordo com Raimundo Alves Pereira Filho,

o bordel clássico só chegou à Manaus junto com as pompas e novidades que o dinheiro proveniente do período em que a economia girava em torno do extrativismo da borracha propiciou. Sofisticou-se com a expansão econômica e se extinguiu poucos anos após a derradeira tentativa de revitalização da economia gumífera, em fins da década de 1940.²¹⁸

As prostitutas estrangeiras – francesas ou “afrancesadas” para ampliar seu valor no mercado do corpo – materializavam o desejo pelo amor carnal de todos, mas apenas os homens de melhor condição socioeconômica podiam frequentá-las, não sem o risco iminente de se verem apaixonados por essas ninfas do amor. A prostituição era vista como um mal social, embora necessário, já que era entendida como uma importante válvula de escape à feroz, contínua e insistente busca dos homens pelos prazeres do sexo. Desta forma, cumpriam um papel de salvaguardar a honra das moças de família, para quem o sexo era de todo interdito até o casamento. Como lembra Del Priore, no mundo da virada para o século XX “as

²¹⁶ SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: um cotidiano em tensão. A utopia da modernidade na cidade disciplinar, 1890-1920. *Cadernos de História*. Ano II, nº 1, março de 2007.

²¹⁷ O amor vermelho, na verdade um trocadilho com o famoso cabaré francês *Moulin Rouge*, criado em 1889, sendo um símbolo emblemático da noite parisiense, tendo uma rica história relacionada à boemia francesa.

²¹⁸ PEREIRA FILHO, Raimundo Alves. *Lupanares e Puteiros: Os últimos suspiros do Rendez-Vous na sociedade manauara (1959/1969)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2013, p. 53.

mulheres ocupavam-se da casa e iam à igreja; os homens bebiam, fumavam charutos e divertiam-se com as prostitutas”.²¹⁹

Na Amazônia também foi bastante comum que os bordeis de Belém e Manaus tivessem entre suas praticantes inúmeras jovens estrangeiras, atraídas para as movimentadas capitais para exercer seu ofício.²²⁰

No meio dessa demanda por amor e prazer não foram somente as francesas que vieram para Manaus. Com efeito, deparamos com um grande número de mulheres de outros países, na sua grande maioria da Europa. Jeffrey Needell as visualiza como passageiras dos transatlânticos já em 1850, aumentando sensivelmente de intensidade até o início do século XX.²²¹

Margareth Rago argumenta que “o enquadramento conceitual da mulher enquanto “rainha do lar” ou “mulher da vida” foi o caminho que os homens cultos do período encontraram para se referirem à condição feminina”.²²²

O amor, a sedução e a prostituição assumiam formas distintas na boemia manauara em função da condição socioeconômica de seus participantes. Com mais frequência, os grandes cabarés com suas cortesãs francesas, polacas e de outras nacionalidades conseguiam se manter abertos, recebendo inclusive a proteção dos grandes barões da borracha. Dias articulava esse pensamento contraditória acerca da prostituição e sua relação com a elite extrativista. Para ela, “os discursos revelam-se contraditórios, assim como as atitudes dos setores dirigentes, uma vez que existia uma permissividade muito grande entre a elite extrativista frequentadora dos cabarés famosos da cidade”.²²³

Contudo, as que não tinham os mesmos privilégios se viam obrigadas a disputar na rua o seu ofício, como as *polacas*.

“Polaca” era um termo genérico direcionado a toda mulher branca vinda da Europa Oriental independente de sua nacionalidade. Muitas dessas mulheres não eram realmente polonesas mas sim uma mistura de Austria-Hungria, Galícia e Romênia. A prática e a efemeridade se sua profissão estabelecia a meta de aproveitar tudo que possível antes que a aparência e saúde desaparecessem.²²⁴

²¹⁹ DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. Op. cit., p. 201.

²²⁰ ORUM, Thomas. As Mulheres das Portas Abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica, 1890-1920. *Revista Estudos Amazônicos*, vol. VII, nº 1, 2012.

²²¹ Apud. ORUM, Thomas T. *As Mulheres das Portas Abertas*. Op. cit.

²²² RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890 - 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 20.

²²³ DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. Op. cit., p. 135.

²²⁴ ORUM, Thomas T. *As Mulheres das Portas Abertas*. Op. cit.

As pequenas folhas, mais uma vez, foram aquelas que produziram um maior volume de referências à prostituição, mas em geral dirigiam-se para essa prostituição mais popular que se expressava pelas fimbrias da cidade, causando, quase sempre, uma reação moralizadora.

Moralizadora e hipócrita, essa imprensa é o palco de discursos vãos, radicais na condenação genérica do comércio do corpo, e na difamação das mulheres que neste comércio se veem envolvidas, mas onde o único culpado, algoz e malfeitor, é a própria prostituta, já que nada se fala dos e contra os homens que as procuram.

Assim agirá *O Chicote* que, apresentando-se como “órgão crítico e noticioso”, fará do tema da prostituição em Manaus sua temática, não central, mas única. O periódico assume um projeto de combater sem tréguas a prostituição na cidade, denunciando suas práticas e as “marafonas” que as sustentam. Em seu primeiro número propõe-se a “denunciar fatos deprimentes praticados pelo pessoal da rapioca, acabando assim, de uma vez para sempre, os escândalos, pelo menos, às horas meridianas”.²²⁵

Seu fim é moralizar uns tantos indivíduos que se dizem bons, mas, que não procedem como verdadeiros cavalheiros da sociedade que, semrebuço, escandalizam as famílias... e outrossim chamar a atenção das horizontaes, afim de que não ofendam, consciente ou inconscientemente as famílias, quando se encontrem nos logradouros públicos dessa capital.

²²⁶

Ao longo de seus 26 números *O Chicote* não identifica, uma única vez sequer, alguns desses “bons” que conformam a sociedade manauara. Seu alvo são mesmo os populares, sempre apresentados por meio de apelidos e características depreciadoras: mudinho, zarolho, praça João, Chico da estiva. Mesmo estes são meros coadjuvantes daquelas sobre quem recai uma fúria verborrágica preconceituosa e depreciadora: as prostitutas populares, o “degradado produto local” que inundava as ruas da cidade:

Pelo binóculo eu vi:
A Enedina (do convento Costa Azevedo) no dia 25, num pifão rôxo,
apaixonada pelo seu querido pançudo, vulgo Sinuca.
A velha Carlota, chorando, antes de sahir O CHICOTE...

²²⁵ *O Chicote*, nº 1. Manaus, 6 jul. 1913.

²²⁶ Idem.

Á velha Annica brigando com o seu portuguez (lá da velha) Antonio.
 O portuguez Avelino fazendo 'fita' no Suisso. Não sejas tão 'fiteiro'
 portuguez d'uma figa...
 A Cegueta pedindo a um certo embarcadiço que, quando encontrasse um
 dos nossos redactores, arroxasse a 'lenha'.
 Abre o olho marafona, que com um só tu não enxerga.
 A Maria Soldado na cada da Luzia chorando pela sua querida branquinha
 de Janauacá.
 A Leopoldina, boca de gamela, canella de urubu, esbrogue sem cotação,
 cantando ao som do pinho do seu querido (lá da feia) Thomaz.
 O Bonaparte, conhecidíssimo 'fiteiro', levando os amigos para os
 Educandos para apresental-os à sua 'pequena'. Cuidado rapaz, nessa
 apresentação!...
 A Don'Anna Sete Saias no dia 24, brigando com a Luiza, porque a mesma
 tinha lavado a porta. É a tal coisa: fala o sujo do malavado e o roto do
 farrapado...
 Que belas feiticeiras!...²²⁷

A identificação da mulher popular trabalhadora com a prostituição era tão forte que dificilmente se pode levar a sério boa parte da crônica policial dos jornais, onde invariavelmente o termo prostituta aparece. A falta de detalhes dos materiais dessas crônicas tão não nos ajuda muito: "Prisões: Foi recolhida hontem ao xadrez, Maria da Conceição, de trinta e cinco anos, solteira, cearense, para averiguação...".²²⁸

Na grande imprensa a imagem da mulher popular, mesclando a algazarra licenciosa e o ambiente de prostituição, gerava queixas contínuas em que tais práticas eram confrontadas com o ideário moralizador e civilizador tão em voga no período:



Alguns moradores da rua Joaquim Sarmiento, trecho compreendido entre as ruas Henrique Martins e Saldanha Marinho, nos pedem que chamemos a atenção da polícia para os espetáculos nocturnos que está oferecendo um café ali existente, de frequência muito duvidosa, e no qual, até às 2 horas da madrugada, estrondêa uma música infernal, alternada com berreiro estrídulo de mulheres de má nota e ébrios valentes e possessos, em contínua desordem.

Havendo um artigo do Código de Posturas Municipaes que proíbe terminantemente que assim seja alterado o sossego público, rogamos ao senhor desembargador chefe de Segurança a sua valiosa intervenção no sentido de não ser permitido tal abuso, improprio de uma cidade civilizada.²³⁰

²²⁷ *O Chicote*, nº 1. Manaus, 6 jul. 1913.

²²⁸ *Correio do Norte*, nº 22. Manaus, 15 fev. 1906.

²²⁹ *Ponto nos II*, nº 6. Manaus, 18 ago. 1906.

²³⁰ *Jornal do Commercio*, nº 4. Manaus, 06 jan.1904.

As pequenas folhas ao retratarem a temática da prostituição também utilizaram subterfúgios para descrição dos atos relacionados à prostituição, quase sempre ancorando a informação na linguagem irônica do grafismo. Assim, a imagem da francesa, mesmo na propaganda, era em tudo sensualizada e associada à figura da cocote. Uma (ao lado) apresenta-se em nudez parcial, embora destacando as belezas das *francesinhas*.



O periódico *A Tezoura* faz troça com a história de um bilhete que havia sido encontrado nas ruas de Manaus. No bilhete, informa o periódico, havia um recado apaixonado de uma dama que pedia ao seu “*filhinho*” – nome carinhoso com que ela se reportava ao seu amado – que quando ele retornar-se não se esquecesse de trazer o dinheiro para pagar a modista. E assinava ao final: “*tua para sempre Chicote*”. Em tom irônico o periódico argumenta que o bilhete fora, de fato, abandonado e não perdido, já que bilhetes como aquele faziam *mal às algibeiras*.

232

Como sustenta Dias,

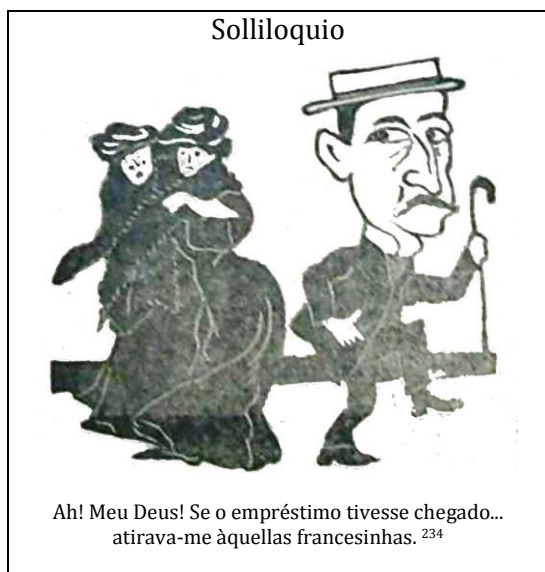
A imprensa de Manaus dedicava grande espaço aos comentários sobre os efeitos maléficos que o desenvolvimento da prostituição trazia à cidade, como comentários que refletiam um discurso com grade conteúdo moralizador, ao mesmo tempo que traduziam a preocupação com a defesa da família e dos costumes.²³³

Ante a mulher sedutora o homem é vítima inerte, pouco podendo fazer a não ser dar vasão a seus impulsos naturais e, desta forma, a imprensa do período traz um rico manancial de peripécias masculinas.

²³¹ *Ponto nos II*, nº 5. Manaus, 11 ago. 1906.

²³² “Bilhetinho: Meu adorável Lulú. Quanto me sinto feliz em endereçar-te estas linhas, dictadas por um coração que te ama sinceramente. Vê, meu benzinho, o quanto te amo, o quanto sou tua. Amo-te muito, não me posso esquecer um só momento de ti, meu filhinho. Espero-te á noite. Quando vieres me traz cem mil reis para pagar a modista”. *A Tezoura*, nº 5. Manaus, 12 dez. 1909.

²³³ DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. *Op. cit.*, p. 134.



Como se vê nas charges, mais uma vez foram as francesas que ganharam a fama de sedutoras no imaginário masculino traduzido nas charges dos jornais.

2.2.2. UMA PEDAGOGIA DA VIOLÊNCIA

Como temos argumentado, o século XX trouxe as mudanças estruturais no capitalismo, então em plena expansão e consolidação e com elas vieram também as necessidades de adequação, em especial dos mais desvalidos, diante deste sistema de opressão. Foram tais adequações que obrigaram a saída da mulher para as ruas e, como consequência, a conquistar um espaço antes limitado aos homens. Mas ao mesmo tempo, se trazia maior mobilidade e visibilidade, tais conquistas não significaram uma liberdade ou independência significativas. Toda mulher que se via obrigada a buscar o sustento de sua família, fosse esse ganho complementar ao do cônjuge ou o único ganho da família, era ignorada como mulher e menosprezada em seu trabalho.

Deve-se ter em mente que para muitos a rua assumia ares de *lar* onde comiam, dormiam e extraíam o seu sustento. Também era nos largos e praças que as mulheres costumavam reunir-se para conversar, discutir ou se divertir, da mesma forma que se aglomeravam nas bicas e chafarizes, não raro brigando pela sua vez.²³⁶

²³⁴ *Ponto nos ii*, nº 2. Manaus, 21 jul.1906.

²³⁵ *Ponto nos ii*, nº 4. Manaus, 4 ago.1906.

²³⁶ SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil*. Op. cit., p. 366.

Para além das conquistas, essas mulheres, estando mais expostas, começaram a vivenciar também todo o tipo de males que a cidade grande podia conter, especialmente entre as ruas marginais e becos escuros por onde elas precisavam se embrenhar.

Nas ruas a violência explodia e também alcançava as mulheres. As relações de violência entre o homens e mulheres das camadas populares revestiam-se de características únicas que estavam interligadas as suas condições de sobrevivência.

Como era grande a sua participação no “mundo do trabalho”, embora mantidas numa posição subalterna, *as mulheres populares*, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao sexo frágil.²³⁷

Identificamos alguns relatos na imprensa sobre julgamentos judiciais que apresentaram como ré as mulheres. Assim, o *Jornal do Commercio* possuía uma coluna denominada “*Estatística do Jury*”, por onde informava os casos mais importantes que haviam sido judicializados. São apenas pequenos registros que mal informavam os nomes das partes, suas nacionalidades e o motivo do julgamento, não chegando aos detalhes do julgamento. Mas o fato importante é que identificarmos um percentual muito baixo de mulheres acusadas de delitos ou crimes naquela coluna, não chegando a representar nem 10% do total. Veja-se um exemplo desses registros:

Estatística do Jury

Nas duas 1ª e 2ª sessão do jury realizadas no anno recém-findo foram julgados os seguintes réos: Emygdio Vieira da Cunha, José Lopes da Souza, José Joaquim Gonçalves, José Joaquim de Oliveira, **Anna Francisca de Oliveira**, João Antonio Baptista, João Candido de Araujo, José Romão, Manoel José Bentes, Estevam José Almeida, **Maria Augusta**, Antonio Seneca Feio, Manoel José Ribeiro, Manoel Felipe (Lamarão), José Santiago, Alfredo Joaquim Borreira, Cordolino Antonio de Oliveira, ao todos, 17 por homicídio: Francisco Marques de Carvalho, **Candida Maria da Conceição**, João Fernades, Ricardo Rodrigues Casas, Francisco Maria da Conceição, por ferimentos graves Manoel Souza, por atentado ao pudor, Manoel José dos Santos, por crime de roubo, Joaquim Torres e Emilio Villegas, por estelionato. Os réos eram naturais: de Portugal 5, do Rio Grande do Norte 4, do Ceará 4, de Pernambuco 3, da Parayba 3, da Hespanha 3, do Amazonas 2, do Pará, Bahia e Maranhão 1.²³⁸

²³⁷ Idem, p. 367.

²³⁸ *Jornal do Commercio*, nº 1. Manaus, 2 jan. 1904. Grifo meu.

Outra situação bem representativa dessa realidade relacionada a carceragem feminina esteve nos índices publicados sobre a população de encarcerados na nova cadeia pública de Manaus, a Raimundo Vidal, onde o número de mulheres era significativamente inferior aos dos homens: “Existem na cadeia pública 52 presos de justiça inclusive uma mulher e um que se acha em tratamento na Santa Casa”.²³⁹

As imagens representadas pelos periódicos pesquisados imputavam toda e qualquer violência cometida ou praticada pela mulher a um único tipo de mulher: a popular. Tanto as pequenas como as grandes folhas não identificamos relatos sobre violência relacionada às mulheres como autoras de crimes hediondos, embora esses crimes tivessem seus espaços garantidos nas páginas da imprensa.

O que aparece nos registros da imprensa é, todavia, o contrário: a mulher é acima de tudo vítima da violência masculina. Espancamentos, raptos, sedução, estupros e defloramentos constituem chamadas corriqueiras nas pequenas notas das colunas “coisas policiais”. Mediante a pesquisa não podemos deixar de salientar que a violência atribuída aos maridos sobre suas esposas podia ser, e muitas vezes acontecia de ser, considerada “legítima”.

Usos e costumes, porém revelam que o âmbito do poder do marido ia mais longe do que o previsto pela lei. A ele cabia deliberar sobre as questões mais importantes que envolviam o núcleo familiar: a apropriação e a distribuição dos recursos materiais e simbólicos no interior da família, o uso da violência considerada “legítima”, cujos limites eram debilmente contornados por aquilo que se considerava excessivo...²⁴⁰

As manchetes publicavam brigas em vias públicas que ultrapassavam a ordem dos insultos à moral, chegando às vias de fatos, com tentativas de agressões físicas e mesmo a consumação de agressões por facas ou quaisquer outros instrumentos denominados de arma branca. A crônica policial é rica de exemplos:

Generina Maria de Jesus, residente nos Tocos queixou-se de ter sido agredida por Izabel Ferreira e seu marido, hontem a noute. Sendo intimada a referida mulher, apresentou-se a praça do 36º batalhão José Francisco das Chagas, que insultou e tentou agredir a queixosa e pelo que não levou o effeito devido á intervenção do agente que ali, tinha ido a ordem do subprefeito de permanência.²⁴¹

²³⁹ *Jornal do Commercio*, nº 6. Manaus, 8 jan. 1904.

²⁴⁰ MALUF, Mariana e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. Op. cit., p. 376.

²⁴¹ *Correio do Norte*, nº 6. Manaus, 21 jan. 1906.

José da Penha dos Santos dos Prazeres, de 40 anos, carvoeiro, casado, brasileiro, [foi preso] por embriaguez e Manoel Carlos Ferreira, de 22 anos brasileiro, pedreiro, por ter espancado uma mulher na avenida Visconde de Porto Alegre.²⁴²

Esses fatos estavam sempre induzidos ao imaginário da mulher popular, a prostituta, a trabalhadora, nunca a matriarca. Resultado de uma visão discriminatória em uma sociedade patriarcal à qual estava submetida a sociedade amazonense.

2.2.3. OS CRIMES DE HONRA

No dia 21 de julho de 1906, um pequeno jornal de Manaus anunciava o assassinato, com diversas facadas, do Delegado de Polícia do Acre, Luiz Ribeiro Gonçalves ocorrido em Manaus na manhã daquele mesmo dia. O assassino identificado era um rico empresário acreano, Neutel Maia, bastante conhecido na região. Além de apresentar um croqui do morto na mesa do necrotério, o jornal apressava-se em esclarecer que “o fato prende-se a questões de família, e trata-se da vingança dum marido ultrajado em sua honra”.²⁴³

Os crimes de honra na virada do século XX ainda representavam um crime que apenas aos homens eram qualificados. Como sustenta Mary del Priore, tais crimes eram de “tempos em que médicos importantes, como o dr. Vicente Maia, examinavam mulheres cujas infidelidades ou amores múltiplos se distanciavam da regra e da higiene desejadas pela ordem burguesa”.²⁴⁴

Conforme defende a autora, coexistiram várias explicações para a justificação desses crimes, transitando da medicina ao jurídico, mas sempre, nesse debate, cabia ao homem a absolvição e a mulher a condenação:

Dentre as razões que se apresentava para comprovar tal afirmação, enumerava a raridade das psicopatias sexuais nesse sexo e a sua capacidade de manter a castidade, por longo tempo; atitude impossível de exigir-se dos homens. Assim, justificava-se que as leis contra o adultério só atingissem a mulher, cuja natureza não a predispunha a esse tipo de transgressão. Apesar de considerar a existência de uma categoria especial de mulheres – as criminosas por paixão –, dizia Lombroso que o tipo puro de criminoso passional seria sempre masculino, pois nunca a

²⁴² *Correio do Norte*, nº 45. Manaus, 14 mar. 1906.

²⁴³ *Ponto nos II*, nº 2. Manaus, 21 jul. 1906.

²⁴⁴ DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. Op. cit., p. 218.

explosão da paixão na mulher poderia ser tão violenta quanto no homem.²⁴⁵

Esses tipos de crimes eram tolerados pela sociedade quando cometidos por homens em nome da sua honra ou em nome da honra de alguma dama. Já a infidelidade feminina era, em geral, punida com a morte, sendo o assassino beneficiado com o argumento de que se achava “em estado de completa privação de sentidos e de inteligência” no ato de cometer o crime...²⁴⁶

Segundo Soihet, algumas pesquisas feitas nos arquivos polícias e jurídicos mostravam que em alguns casos, algumas mulheres tentaram utilizar os mesmos subterfúgios de proteção à honra, como justificativa pelos crimes cometidos, todavia, essa justificativa tendia a não ser aceita, pois o desejo da mulher era tido como algo controlado, diferente dos desejos masculinos que pairavam entre o incontrolável e o animalesco; sendo impossível em muitas casos serem segurados e coibidos.

Tamanho era o significado da honra feminina, que algumas mulheres não vacilavam em exterminar seus perseguidores, ao se virem importunadas pelas insistentes abordagens e tentativas de sedução. Em tais circunstâncias, o recurso extremo aparecia como única alternativa numa sociedade que via a agressão sexual como própria do homem, ao mesmo tempo que desconfiava da mulher que se deixava possuir pela força.²⁴⁷

Outra ponderação da historiografia com relação aos crimes de honra diz respeito ao fato de que:

a abordagem jornalística era distinta quando os envolvidos eram de outra classe social e a vítima considerada uma “senhora de respeito”. Mesmo assim, a hierarquia social que estabelecia a superioridade masculina garantia, na esmagadora maioria das vezes, a impunidade do agressor, especialmente nos casos em que a vítima, por seu comportamento “moralmente condenável”, “merecia” a violência.²⁴⁸

Dos registros que encontramos – e não foram poucos –, recuperamos três – retirados de um único e mesmo jornal – como exemplo da contundência dessa violência direcionada à mulher, servindo também para a análise, exatamente pelos desdobramentos e debates que suscitaram. O primeiro deles, praticados na

²⁴⁵ SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil*. Op. cit., p. 381.

²⁴⁶ Idem, p. 381.

²⁴⁷ Idem, p. 393.

²⁴⁸ LAGE, Lana. NADER, Maria Beatriz. *Violência Contra a Mulher*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p.291.

pequena cidade de Manacapuru, agrega, na verdade, um conjunto de violências: submissão física e psicológica, agressão, estupro, defloramentos:

Joaquim Cláudio de Souza, casado com Simplícia Costa de Souza, morador da costa do Marrecão, é um desses homens para quem o nosso Código Penal não estabelece castigo bastante para os seus crimes. Conta actualmente 60 annos de idade; moreno-claro, cabelos grisalhos, bigode eriçado, olhos pequenos e vivos, testa curta e maxilares salientes, tem Cláudio todos os característicos do criminoso. Desta infeliz união nasceram quatro filhas, Maria e Guilhermina, hoje maiores, Cacilda e Benedicta ainda menores; a todas ellas o monstro pae deflorou!! No momento em que escrevemos, a mulher de Cláudio está sendo interrogada pelo Sr. Delegado de Polícia, afirmando o monstruoso crime de seu marido. Cacilda confessou ser seu próprio pae o autor de seu desvirginamento. Cláudio foi immediatamente preso afim de não escapar ao justo castigo de seus crimes.²⁴⁹

Dias depois, outra nota do mesmo jornal nos levaria diretamente para o chamado crime de honra. Por ser bastante elucidativa, transcrevemos a matéria *in extenso*:

Bárbaro crime

A ordeira e paciente população desta localidade, pela manhã de 24 último acordou emocionada pela notícia de um dos mais bárbaros crimes que se pode conceber o gênio humano.

Em cassa do Sr. Major José Soriano, à rua Eduardo ribeiro, na noute de 23 para 24 realizou-se uma reunião, por motivo do anniversário de um membro de sua família.

Ao som mavioso da orchestra, ao redemoinhar louco das valsas, ao estrídulo das gargalhadas dos convivas alegres, enfim em uma atmosfera onde só se respirava contentamento, um crime espantoso, fria e barbaramente estava sendo delineado pelo facínora.

Bernardino Santos

Barbeiro estabelecido nesta villa, cearense, com 31 annos de idade, casado, que iludindo a expectativa dos convidados prodigalizava a sua destinada victima o maior número de carinhos e atenção para mais facilmente atrahil-a ao local do crime.

De facto, à meia noute mais ou menos o réprobo carinhosamente convidou sua infeliz esposa e victima d. Elvira Santos, amazonense, de 20 annos aproximadamente, a retirar-se para sua resid~encia, que fica contígua à casa onde se dançava.

Momentos depois ouvia-se a detonação de cinco tiros de um revólver mauser, de grosso calibre, partidos da casa de Bernardino; como era natural estabeleceu-se em casa do Major José Soriano entre os convidados, verdadeiro pânico.

O sr. Gaston Rezende, que se achava presente resolutamente dirigiu-se à casa de Bernardino e batendo na porta que se achava fechada à chave, intimou-o à que abrisse, pois queria ver o que se havia passado.

²⁴⁹ *O Progresso*, nº 2. Manacapuru, 22 jan. 1911.

Aberta a porta, o criminoso apenas consentiu que entrasse o referido sr. Gaston, que a sós com o monstro indagou-lhe que eram tiros eram aquelles.

Ao que Bernardino disse-lhe que havia assassinado sua esposa e puxando-o um pouco para a sala apontou com a mão direita, onde conservava ainda a arma homicida, uma rede rêde onde estava deitada com as pernas para fora a infeliz senhora, banhada em sangue.

O sr. Gaston deu ordem de prisão a Bernardino que declarou só entregar-se pela manhã.

Chegada a polícia foi realmente preso e recolhido o criminoso à cadeia pública; procedido ao levantamento do cadáver procedeu o sr. Delegado ao respectivo exame cadavérico, apresentando a infeliz victima cinco ferimentos, produzidos por balas de revólver, uma das quais perfurou-lhe o crânio.

O enterramento da infeliz senhora teve lugar às 4 horas da tarde.

Sabemos que o Sr. Promotor de Justiça ofereceu substanciosa sentença, começando assim a formação da culpa.²⁵⁰

A terceira e última matéria é mais complexa pela discussão que provocou na imprensa, com o jornal voltando ao tema em 3 oportunidades. Se nas duas primeiras notas as mulheres foram o alvo de crimes bárbaros, neste ela não aparece nem como executora, nem como vítima, mas como pivô de um homicídio:

Amores ilícitos

Mais um crime emocionante acaba de abalar os foros de civilidade desta comarca.

Raymundo Massena de Mattos á tempos entretinha amores ilícitos com a adúltera Joaquina Auta de Jesus, que sem o mínimo escrúpulo trahia miseravelmente o seu infeliz esposo Firmino Pires Franco.

Vendo Raymundo Massena no infeliz esposo um obstáculo aos seus criminosos desejos, concebeu a sinistra ideia de eliminal-o por meio do assassinato.

Cinicamente participou à sua amante Joaquina o crime preconcebido, e esta pediu lhe que não effectuasse tal ideia.

A 2 do andante a incauta victima, pelas 5 horas da manhã, dirigiu-se à casa de Massena, no Caapiranga, que descarregou-lhe sobre o craneo duas pancadas com um forte cacete, produzindo-lhe imediatamente a morte.

Acto contínuo arrastou o corpo do infeliz Pires Franco à beira do rio, lançando-o às águas, na esperança de que desaparecia os vestígios do crime.

Depois disto dirigiu-se à casa de Joaquina e com um cynismo pavoroso participou-lhe o ocorrido, dizendo: este crime ficará entre nós; abandonarei a minha mulher e filhos e vou viver contigo; guarda segredo.²⁵¹

Descoberto o crime, e tendo Raymundo Massena Matos assumido sua autoria, abriu-se a discussão acerca da culpabilidade da amante, desejando o delegado incriminar Joaquina Auta de Jesus como coautora do assassinato do marido, mesmo ela tendo sido contra a ideia quando sondada por Raymundo.

²⁵⁰ *O Progresso*, nº 11. Manacapuru, 2 abr. 1911.

²⁵¹ *O Progresso*, nº 12. Manacapuru, 9 abr. 1911.

Nos três casos, não há informação segura sobre como os respectivos crimes foram julgados pela justiça e qual o destino dos seus perpetradores, mas o que chamou nossa atenção foi encontrar em todos eles uma postura decisiva e segura do jornal em não aquiescer diante da violência praticada contra as mulheres, exigindo a punição exemplar de seus algozes. Mesmo no caso de Joaquina Auta de Jesus a posição do jornal, reiterada nas duas edições seguintes do periódico (nº 13 e 14), é pela defesa da inocência da amante quanto ao assassinato do marido, embora o jornal não a isentasse do crime, vigente à época, de adultério.

Isso nos permite argumentar que as posições modelares e permissivas relacionadas à dominação e a violência masculina contra as mulheres, se não havia mudado radicalmente, começava, entretanto a dar sinais de lenta mutação, angariando apoios no seio da sociedade, como os jornais nos permitirem perceber.

CAPÍTULO 3

A FORÇA DE TRANSFORMAÇÃO

3.1. DO PRIVADO AO PÚBLICO: A EXPANSÃO DO TRABALHO FEMININO

De acordo com Margareth Rago, nas primeiras décadas do século XX no Brasil uma considerável parcela dos trabalhadores era constituída por mulheres e crianças. Apesar de sua centralidade, as mulheres não lograram, à época, traduzir politicamente essa importância numérica ou firmar representações positivas de suas experiências. Ao contrário, sobre elas emergiram imagens díspares e ambíguas, e nem sempre lisonjeiras. Rago demonstra que a exploração das mulheres passou também pela força de várias das representações imposta à elas e, com isso, argumenta que o trabalho do historiador faz-se em cima de imagens diferenciadas de um mesmo objeto.

As dificuldades aparecem desde logo, principalmente se considerarmos que o historiador trabalha com imagens diferenciadas, produzidas pelos documentos disponíveis. Frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e “indesejáveis” para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e “degeneradas” para os médicos e juristas, as trabalhadoras eram percebidas de vários modos.²⁵²

Os periódicos por nós pesquisados possibilitaram identificar, no período proposto pela pesquisa no Amazonas, que a passagem da mulher de seu mundo privado para o mundo público ainda encontrava-se em numa transição lenta, especialmente no que tange ao seu emprego como força de trabalho. Porém, seguiam as mesmas primícias no processo de busca da força de trabalho na esfera pública, como outras mulheres que viveram as primeiras décadas do século XX em outras regiões.

Atualmente, ainda mais do que outrora, as “profissões de mulheres”, aquelas que se afirma serem “boas para uma mulher”, obedecem a um certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco monopolizadoras, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial).²⁵³

²⁵² RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, p. 579.

²⁵³ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da História*. Op. cit., p. 251.

Cabia a mulher popular o espaço maior de busca por esses espaços mais amplos no mercado de trabalho, mas isso não dizia respeito à conquista de espaços mais amplos em outras esferas, como a do político, por exemplo. A expansão feminina em direção ao mercado de trabalho mais amplo foi antes sentida como uma necessidade imposta pela própria expansão do sistema capitalista e de suas necessidades. Perrot definiu bem essa situação em relação à mulher popular:

As mulheres principalmente, pois seu trabalho as empurra para fora: nas compras, nos mercados, para ali encontrarem víveres mais baratos e venderem elas próprias alguma mercadoria de segunda mão; nas ruas, para buscarem água das fontes e irem à lavanderia; fazer coisas que lhe rendam alguns trocados, entregar o pão, o leite, a roupa lavada, o produto do seu trabalho em casa...²⁵⁴

A busca da representação dessa mulher operária nas páginas dos periódicos pesquisados levou-nos a detectar as diferenças sociais e quantitativas na difusão dessas notas entre as grandes folhas e as pequenas folhas. Os anúncios e chamados para os trabalhos mais populares direcionados às mulheres em sua maioria apareciam nas páginas diárias das grandes folhas, enquanto os que anunciavam a oferta de trabalhos mais direcionados às trabalhadoras com melhores níveis de instrução – por exemplo, as mulheres que ministravam diversos tipos de aulas – encontravam espaço idêntico entre os diferentes tipos de periódicos.

Neste particular, estamos nos referindo quase que exclusivamente aos periódicos que circulavam pela capital, já que os periódicos do interior do estado apresentavam uma situação adversa, pois em sua grande maioria não apresentavam anúncios, muito menos relacionados à busca de mão-de-obra feminina. Os periódicos do interior do estado apresentavam, mais frequentemente, anúncios focalizados nos pequenos comércios da região.

Exatamente por isso é que os jornais diários, com maior tiragem e circulação, eram os impressos que mais apresentavam anúncios e propagandas relacionadas às mulheres e, em maior número à mulher popular. Esses trabalhos, já afirmamos, representavam frequentemente a extensão do trabalho doméstico, e podia garantir uma renda extra aos módicos ganhos familiares. Como denominou Perrot esses trabalhos tidos como sendo “*bons para uma mulher*”, eram todos relacionados com o trabalho manual.

²⁵⁴ PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Op. cit., p. 47.

A separação crescente entre local de “trabalho” e domicílio privado, consecutiva à regressão do trabalho doméstico e à concentração industrial, fez do trabalho doméstico uma especialidade, economicamente desvalorizada porque não quantificável – um trabalho sujo que os burgueses confiam a suas empregadas – e, do lar, o lugar do consumo e da despesa.²⁵⁵

Desta forma, também conseguimos identifica nos periódicos amazonenses essa oferta de trabalho feminino autônomo: parteiras, costureiras, lavadeiras etc... Sobre esses empregos, Perrot argumenta: “Da ama-de-leite à funcionária de escritório, os casos apresentados aqui são exemplares de uma trajetória – do serviço pessoal aos serviços chamados terciários – e da natureza dos empregos femininos”.²⁵⁶

Outro exemplo de trabalho feminino que se apresentou com destaque nas páginas dos periódicos foi o magistério, ancorando uma exaltação à a figura da professora como pedra de toque do processo civilizador da sociedade burguesa em expansão. Essa forma de trabalho feminino se fez fortemente presente nas páginas de anúncios e colunas “precisa-se”, difundidas em diversos periódicos. Nelas se informam a jornada, o local de lotação e os requisitos necessários.

3.1.1. A MULHER POPULAR

Entre os muitos enunciados relacionados ao trabalho feminino, podemos destacar a atuação de algumas grandes folhas, jornais de grande circulação na capital amazonense, naquele período, com destaque para o *Correio do Norte* e *Jornal do Commercio*. Neles encontramos um número considerável de anúncios diversos em busca de mão-de-obra feminina para trabalhos domésticos entre eles: criadas, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, babás, amas de leite. Estas profissões inscrevem-se no prolongamento das funções ditas “naturais”, maternais e domésticas da condição feminina.²⁵⁷

Quanto mais especializado o trabalho, maior a tendência ao aparecimento de uma preferência por contratar mulheres europeias, entre as quais as mais em destaques estavam às portuguesas, francesas e barbadianas, estas últimas por

²⁵⁵ PERROT, Michelle. *As Mulheres ou o silêncio da História*. Op. cit., p. 241.

²⁵⁶ Idem, p. 244.

²⁵⁷ Idem, p. 252

força da exigência do domínio da língua inglesa impostas pelas poucas, mas exigentes famílias inglesas da cidade. Veja-se alguns exemplos:

CREADA

Precisa-se em casa de pequena família, na rua Joaquim Sarmento n.º29, de uma mocinha de 13 a 16 annos para serviços domésticos, prefere-se estrangeira. ²⁵⁸

AMA DE LEITE

Precisa-se duma bôa ama de leite, à estrada Silverio Nery 112. Paga-se bem. ²⁵⁹

CREADA

Precisa-se de uma, para acompanhar uma creança de Manãos à Lisboa. Trata-se na avenida Silverio Nery n. 185. ²⁶⁰

COSINHEIRA

Precisa-se de 3 a tratar na Mercearia quinta. ²⁶¹

CREADA

Para todo o serviço. Precisa-se Largo de S. Sebastião n.º52. ²⁶²

A preferencia por criadas estrangeiras fica bem mais nítida ao deparamos com anúncios de mulheres estrangeiras oferecendo sua mão-de-obra especializada em atividades do lar nos periódicos locais.

COSINHEIRA PORTUGUESA

Offerece-se uma, chegada a pouco de Lisboa, que entende bem de sua profissão. A tratar na rua da Independencia n° 29. ²⁶³

Aparentemente a busca por esse tipo de trabalho terceirizado que atendia a classe dominante da Manaus da *Belle Époque* esteve mais representada nas grandes folhas em colunas de destaque, já que ocupando as primeiras páginas, como acontecia com a coluna *Annuncios*, do jornal *Correio do Norte. M*

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma, para o interior, logar sadio, paga-se bem. Quem estiver nas condições, dirija-se a Estrada Epaminondas n.140 (Avenida Dr. Constantino Nery). ²⁶⁴

3.1.2. AUTÔNOMAS

²⁵⁸ *Correio do Norte*, n° 34. Manaus, 01, mar.1906.

²⁵⁹ *Jornal do Commercio*, n° 2. Manaus, 04, jan. 1904.

²⁶⁰ *Correio do Norte*, n° 24. Manaus, 17 fev.1906.

²⁶¹ *Jornal do Commercio*, n° 2. Manaus, 04 jan. 1904.

²⁶² *O Globo*, n° 180. Manaus, 22 abr. 1902.

²⁶³ *Correio do Norte*, n° 60. Manaus, 31 mar. 1906.

²⁶⁴ *Correio do Norte*, n° 28. Manaus, 22 fev. 1906.

Apesar de a imprensa reforçar a ideia de que um número expressivo de mulheres havia se lançado ao universo do trabalho no espaço público, notadamente mulher que vinham de um estrato mais popular e que, portanto, já possuíam uma mobilidade maior que as mulheres dos segmentos médios e elevados da sociedade, foi a mulher popular que mais destacou-se nessa transição do espaço privado para público. Ocuparam, prioritariamente, os serviços domésticos nas residências particulares e inseriram-se também comércio local. Elas mostraram-se também através de outras formas de trabalho mais individuais, sem necessariamente a presença de um chefe ou patrão, o que nos dias atuais chamaríamos de autônomas.

Evidentemente, as mulheres pobres não estavam apenas nas indústrias do Sudeste. Muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outros tipos de propriedades rurais. Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas – em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e charutos, floristas e prostitutas.²⁶⁵

Um simples passar de olhos pelos principais periódicos da capital amazonense daquele início de século nos deixaria perceber a ampliação da procura por esses serviços e, mais ainda, a oferta de profissionais para exercê-los. Parteiras, costureiras, modistas, professoras particulares, lavadeiras, sempre expunham nos jornais seu desejo de exercer suas habilidades para novos clientes. Os anúncios relacionados às parteiras, por exemplo, diferentes no tamanho, podiam indicar também uma importante variação no custo do serviço a ser prestado, se a profissional em questão fosse “diplomada”. Assim, o jornal *O Globo*, de 1906 anunciava:

PARTEIRA

Madame Maria Amouroux – parteira diplomada – atende a chamados a qualquer hora do dia ou da noite na rua Barroso nº 28, em frente ao Correio – Manáos.²⁶⁶

PARTEIRA DIPLOMADA

Mercedes de Giron mudou sua residência para a rua da Matriz nº 49, onde pode ser procurada.²⁶⁷

²⁶⁵ RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. Op. cit., p. 603.

²⁶⁶ *O Globo*, nº 250. Manaus, 23 jul. 1902.

Outra profissão de características populares que era apresentada nas páginas diárias era a de costureira, estando dentre aquelas profissões ou ofícios mencionados por Perrot como percebidas como funções naturalmente femininas na virada do século XIX para o XX:

Estas profissões colocam em ação as qualidades “inatas”, físicas e morais: flexibilidade do corpo, agilidade dos dedos – “aqueles dedos de fada” –, hábeis na costura e no piano, propedêutico da datilografia e da estenotipista.²⁶⁸

Manaus não é ainda uma cidade em que os grandes magazines – essa novidade quase excêntrica dos tempos modernos – monopolizem o consumo de roupas. Antes, tais magazines aparecem associados ao consumo de luxo e é para as elites socioeconômicas que dirige seus apelos, com vitrines exuberantes (outra novidade na cidade), diante das quais a imensa maioria da população podia apenas apreciar e sonhar.

As roupas eram ainda produzidas pelas próprias mulheres em suas casas a partir de tecidos baratos que – estes sim – podiam ser comprados nas lojas, junto com adornos e objetos necessários ao cozer, como agulhas, linhas fitas e fitilhos. Mesmo assim, frequentemente, recorria-se a um profissional na falta de habilidade ou para alguma roupa um pouco mais elaborada. Essa é a razão pela qual as costuras (femininas) eram ofertadas por toda a cidade, assim como os alfaiates atendiam as demandas e exigências dos homens.

Se a oferta de costuras era geral, possuir um *ateliê* era indicativo de alguma posse e, quase que exclusivamente eles são indicados como concentrados na área central da capital, como no se vê no anúncio do Jornal do Comércio: “Precisa-se de boas costureiras em casa de Mme. Clara. Av. Eduardo Ribeiro, nº 9 - A”.²⁶⁹ Ou ainda:

COSTURAS

Na rua da Matriz nº 52, aceita-se o encargo e preparo de costuras brancas e de chitas, como sejam vestidos, corpetes, camizas, anáguas e outras peças. Promette-se asseio e modicidade nos preços.²⁷⁰

²⁶⁷ *Jornal do Commercio*, nº 1. Manaus, 2 jan.1904.

²⁶⁸ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da História*. Op. cit., p. 252.

²⁶⁹ *Jornal do Commercio*, nº 1. Manaus, 2 jan. 1904.

²⁷⁰ *Jornal do Commercio*, nº 351. Manaus, 7 fev. 1905.

3.1.3. A PROFESSORINHA: TRABALHO HONRADO PARA MULHERES HONRADAS

De todas as profissões ocupadas por mulheres que a pesquisa pôde nos evidenciar sobressai a figura da professora, quase sempre oferecendo seus serviços para o ensino infantil ou “das primeiras letras”, como se dizia à época. Delas falam tanto as pequenas como as grandes folhas, tanto da capital quanto do interior do estado.

A profissão foi, de fato, fundamental para a emancipação feminina, já que abriu um espaço de trabalho numa área mais valorizada (bem vista), inclusive pelo público masculino. Como outros ofícios, ser professora significava ter adquirido educação, refinamento, sofisticação, tornando a mulher mais apta para atuar no espaço público e até ofertar serviços antes somente oferecidos por homens:

Entre as jovens que provinham de camadas médias e altas muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa feminista Bertha Lutz. Aos poucos, as mulheres iam ocupando todos os espaços de trabalho possível.²⁷¹

Engenheiras, médicas e advogadas não foram, todavia, encontradas na pesquisa. Parece-nos que haveríamos de ver chegar os anos 1930 para que tais ofícios surgissem na cidade. Mas, inversamente, diversas referências foram encontradas nas páginas dos periódicos que detalhavam um pouco do cotidiano da professora primária²⁷². Das professoras que ofereciam seus trabalhos educacionais de forma particular, além do ensino das primeiras letras, pudemos identificar certa variedade de disciplinas, que iam de línguas estrangeiras a aulas de piano.

Maria Gabina
Continua a leccionar piano em casa particulares e em sua residência a rua Ferreira Pena nº 18.²⁷³

Professora de Inglês
D. Guilhermina Cruz, de regresso dos Estados-Unidos da América do Norte, onde visitou os principais estabelecimentos de instrução, aperfeiçoando-se nos métodos de ensino, oferece os seus serviços profissionaes, aos collegios e particulares.
Pode ser procurada em sua residencia à rua Ramos Ferreira nº 17.²⁷⁴

²⁷¹ RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. Op. cit., p. 603.

²⁷² Diz Guaraci Louro: “Para filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática era geralmente complementada pelo aprendizado de piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas”. LOURO, Guaraci Lopes. *Mulheres na Sala de Aula*. Op. cit., p. 446.

²⁷³ *Jornal do Commercio*, nº 1. Manaus, 2 jan. 1904.

A respeitabilidade que era direcionada as mulheres que usavam da educação como forma de profissão era também percebida na forma que esses anúncios eram registrados. Contudo, a conquista desse espaço seria apenas o começo de uma longa jornada da mulher em relação à educação.

Longo foi o processo para a permissão legal do acesso geral e irrestrito das brasileiras à educação escolar. Autorizado em 1827 pela lei Geral do Ensino de 5 de outubro, mas restrita apenas às escolas femininas de primeiras letras, a educação das mulheres só conseguiu romper as [ultimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Base da educação (LDB), que atribuiu equivalência entre os cursos secundários. A partir de então, o curso normal secundário, ramo intensamente frequentado pelas mulheres desde o final do século XIX, não foi mais discriminado por ser “apenas” um curso profissionalizante, mas passou a possibilitar, também, o acesso ao ensino superior. A partir de então, as inúmeras normalista poderiam ingressar na academia.²⁷⁵

Em 1908, uma nota do editor do *Paládio*, jornal da cidade de Itacoatiara, ressalta a recente abertura, naquela cidade, de uma escolinha primária, que funcionaria na residência da jovem professora. Na nota não é somente a formação da professora que era destacada, mas também a sua origem familiar, aparentemente pertencente a uma família de respeito e notoriedade no município:

NOTICIARIO

Communica-nos a senhorita d^a Philomena de Oliveira, irmã do nosso presado amigo e consorcio Antonio de Oliveira, que abrirá nesta cidade, no dia 15 corrente, um curso de ensino primário, o qual deverá funcionar em casa d’aquele nosso amigo.

Recommendamos o futuroso estabelecimento a todos os paes de família desta cidade, tanto mais quanto a Directora é alunna inteligente e bem preparada da Escola Normal de Fortaleza, capital do Ceará.²⁷⁶

Jornais como o *Correio do Norte*, destinavam uma coluna diária para anunciar e comentar as ações e medidas que o governo decretava com relação ao ensino em todos os níveis, coluna esta que recebia o nome de *Instrução Pública*. Embora a coluna fizesse referência a outros temas, a maior parte da publicação estava relacionada aos professores. Vejam-se alguns exemplos:

INSTRUÇÃO PUBLICA

A Instrucção remeteu ao governo, com informação a respeito, uma petição da professora da Canutama, d. Thereza Perez Coelho, pedindo

²⁷⁴ *O Gremio*, nº 1. Manaus, 5 set. 1909.

²⁷⁵ ROSEMBERG, Fúlvia. *Mulheres Educadas e a Educação de Mulheres*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Op. cit., p. 334.

²⁷⁶ *Paladio*, nº 1. Itacoatiara, 09 set. 1908.

justificação de faltas que deu no exercício de seu cargo no período de 1º de outubro do anno p. passado a 1º de fevereiro do corrente. ²⁷⁷

INSTRUÇÃO PUBLICA

Foram assim despachados pela directoria Geral da instrução Publica as petições das professoras d. Angelica da Silva Simões Veras de Puraquequara, e Maria Celeste de Moraes Barros, de Caapiranga. ²⁷⁸

INSTRUÇÃO PUBLICA

Ao sr. dr. Governador do Estado, foi remetido pela directoria da Instrução Publica, uma petição da professora normalista desta capital, d. Adelina Pinheiro de Amorim, solicitando a gratificação de 9% sobre seus vencimentos. ²⁷⁹

Outros periódicos, como o *Jornal do Commercio* de 1904, também expuseram, em notas soltas, essas demandas relacionadas a educação:

Foi, por acto de hontem, do sr. dr. Diretor da Instrução publica, transferida a professora d. Josephina Accacia de Souza da escola mixta de Rosarinho para igual cadeira na Ilha Grande de Soriano. ²⁸⁰

Foi marcado a professora aposentada, d. Maria A. Valente de Couto, o vencimento anual de 2:890\$025 reis, visto contar 18 anos 9 mezes 25 dias de serviço effectivo. ²⁸¹

Na ausência de escolas públicas – ainda em pequeno número – muitas mulheres que haviam conquistado algum grau de instrução buscavam habilitar-se para lecionar, abrindo pequenas turmas em sua própria casa. O estado outorgava a autorização, mas controlava a oferta com fiscalizações e exames periódicos. Em áreas mais carentes o governo chegava a pagar essas professoras para que atendessem a um número específico de alunos em sua residência. Formaram-se assim, inúmeras “escolinhas” onde, invariavelmente, o magistério era exercido por mulheres.

É importante salientar que como acontecia com o restante do mundo o número de mulheres a frente processo educacional no Amazonas era já significativamente maior e em expansão. As barreiras foram muitas, mas a indignação diante da incipiência da instrução feminina aumentou sensivelmente desde o século XIX. ²⁸²

²⁷⁷ *Correio do Norte*, nº 22. Manaus, 15 fev. 1906.

²⁷⁸ *Correio do Norte*, nº 24. Manaus, 17 fev. 1906.

²⁷⁹ *Correio do Norte*, nº 30. Manaus, 24 fev. 1906.

²⁸⁰ *Jornal do Commercio*, nº 7. Manaus, 09 jan. 1904.

²⁸¹ *Jornal do Commercio*, nº 8. Manaus, 10 jan. 1904.

²⁸² ROSEMBERG, Fúlvia. *Mulheres Educadas e a Educação de Mulheres*. Op. cit., p. 337.

O papel civilizador e educador atribuído às mães havia sido carreado pelas mulheres para o magistério, o que lhes abriu um espaço significativo:

Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trabalho com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar à educação escolar dos pequenos.²⁸³

Se o magistério abria portas às mulheres, não significa que nele elas tenham tido uma boa vida ou condição. Na maioria das vezes o magistério funcionava mais como um subemprego de tão módico que eram os vencimentos. O jornal *Correio do Norte* de 1906, apresentava uma queixa de uma professora direcionada ao estado pela falta de pagamento de seus vencimentos. O jornal transcreve em ricos detalhes a chegada da professora que fazia a denuncia e, ao final, chega a exprimir seus sentimentos diante da situação apresentada:

NOTICIARIO

Veio hontem ao nosso escriptorio uma senhora, professora no interior, queixar-se de nem ella, nem outras duas irmãs, que igualmente são professoras, recebem vencimentos há cinco mezes; ella esta ha quasi dois anos, e pedir-nos que lhe emprestassem cincoenta mil reis para a compra de remedios e alimentos para dous filinhos doentes. Compungia o coração de ouvir as suas queixas contra a falta de pagamentos de alguns meses de ordenados, aos pobres professores.²⁸⁴

3.2. EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO

Educação e emancipação mostraram-se intimamente relacionados ao longo de todo o fim do século XIX e início do século XX. O contexto, como se viu, era de mudanças:

Na última década do século XIX intensificou-se o processo de “modernização” do Brasil, com o fim da escravidão e do regime monárquico, atrelado à crescente urbanização, imigração, migrações internas e industrialização, particularmente no sudeste do país. Essas mudanças provocaram, num curto espaço de tempo e em ritmo acelerado, transformações econômicas e sociais, gerando um novo perfil populacional, com considerável aumento demográfico, e mudanças com relação à presença feminina no universo do trabalho nas cidades e nos campos.²⁸⁵

²⁸³ LOURO, Guaraci Lopes. *Mulheres na Sala de Aula*. Op. cit.

²⁸⁴ *Correio do Norte*, nº 52. Manaus, 22 mar. 1906.

²⁸⁵ MATOS, Maria Izilda e BORELLI, Andrea. *Espaço feminino no mercado produtivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Op. cit., p.

De acordo com a autora, discutir a emancipação feminina em pleno início do século XX era abrir um leque de desconfiças e olhares tortuosos sobre uma sociedade patriarcal arraigada em seus conceitos. Simone de Beauvoir havia argumentado que a emancipação feminina em um lar burguês provocaria uma ameaça à solidez de sistema, o que pode nos dar visão mais clara da diferença entre o trabalho feminino nas camadas sociais mais opulentas, onde as mulheres se apoderavam do termo emancipação, ligando-o mais pontualmente à educação; daquele que se destinava às mulheres “do povo”, fazendo essa mulher trabalhar não pelo simples fato do anseio de emancipação, mas pela necessidade imediata de sobrevivência.

De qualquer forma, estivessem acima ou abaixo da linha da pobreza ou da riqueza, o que a Imprensa nos ajuda a perceber é que as mulheres haviam enveredado num caminho sem volta, de forte ruptura com o passado, embora o futuro ainda lhes parecesse inserto. Como sustenta Jane Almeida:

Cada mês do século XX contou tanto para a formação das mulheres quanto todos os séculos anteriores deste milênio. À luz dessas mutações, as discussões dos séculos anteriores sobre educação a ser dada às mulheres se assemelham a antecipaões monstruosas, mesquinhas e desajeitada: máquinas voadoras de Leonardo ao lado do Concorde.²⁸⁶

3.2.1. PARA ALÉM DAS PRENDAS DOMÉSTICAS

Segundo Soihet a virada dos séculos XIX para o XX, representaram mudanças significativas, principalmente após a instalação da República, e tais mudanças influenciaram os anseios e desejos femininos, dentre eles o desejo da realização profissional e de sua independência econômica, em especial entre as mulheres da media a alta sociedade brasileira. Essas mulheres a partir do acesso as escolas e posteriormente à continuação dos seus estudos conseguiam, aos poucos, fazer a lenta transição de suas vidas para além das prendas domésticas que tradicionalmente lhes cabiam.

A essas causas também aderiram mulheres da alta burguesia, igualmente desejosas de realizaões profissionais e autossuficiência econômica. Acesso pleno à educação de qualidade, direito de voto e de elegibilidade

²⁸⁶ ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 34.

foram, então, considerados instrumentos essenciais ao alcance desses objetivos.²⁸⁷

Alguns periódicos dedicavam seus comentários a ressaltar a participação de moças e mulheres que se destacavam em seu desempenho estudantil nos liceus e na sua diplomação na Escola Normal. A normalista ganhava as ruas da cidade e para elas a imprensa guardará boas referências, já que ser normalista era estar no caminho certo, da ordem e da tradição:

As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissão não se chocasse com sua feminilidade.²⁸⁸

O *Jornal do Commercio* de 1904 fazia o destaque para o encerramento das inscrições do concurso para diplomados da Escola Normal e dava ênfase para a nomeação das cadeiras primárias da capital, onde apresentavam-se apenas mulheres:

Encerrou-se hontem a inscrição ao concurso, que vae realizar-se entre os diplomados da escola Normal do Estado para o provimento effectivo de uma cadeira primaria da capital.

São candidatos os seguintes normalistas D. Francisca Ursula Barreiros, Julia Bittencourt, Isabel Firmina da Silva, Virgilia Corrêa e Brasilina Pedrosa.²⁸⁹

Outra presença de destaque nas páginas do *Jornal do Commercio*, com espaço reservado, era o resultado dos aprovados da Escola Normal, onde novamente sobressaía o numero maior de mulheres aprovadas.

ESCOLA NORMAL

Resultado da 2ª turma dos exames de admissão, procedidos hontem ás 9 horas da manhã na Escola Normal: Aprovada simplesmente, grau 7, Eulina de Medonça Lima, idem, grau 6, Zolina Guimarães, Luiza Mavignier Paes Lima e Virginia Roque da Silva, idem, grau 5, Esther de Almeida Cruz, Francisco Celino de Oliveira de Oliveira e Abilio de Alencar Feitosa, idem, grau 4, Luis Mestrinho. Reprovado, 2.

– Às 2 horas da tarde. 3ª turma aprovada com distincção, grau 10, Alzira Norinelia Fernandes Costa, aprovados simplesmente, grau 7, Maria Pinheiro Guedes, Corina Martins Nunes e Wenceslão Mello, idem grau 6, Alvina Jennings e Zulmira Maeques, idem grau 5, Antonietta Sampaio Caulamy, idem grau 4, Maria Mendonça dos Santos e Apurinã Sampaio Caulamy. Reprovados 1. Faltou 1.²⁹⁰

²⁸⁷ SOIHET, Rachel. *A Conquista do Espaço Público*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. Op. cit., p. 218.

²⁸⁸ LOURO, Guaraci Lopes. *Mulheres na Sala de Aula*. Op. cit., p. 453.

²⁸⁹ *Jornal do Commercio*, nº 2. Manaus, 04 jan. 1904.

²⁹⁰ *Jornal do Commercio*, nº 4. Manaus, 6 jan. 1904.

Hontem fizeram exame de geometria na escola Normal, ultimo que lhes faltava para conclusão do respectivo curso, as alunas Ursula Monteiro de Souza e Raymunda Souza Santos, sendo esta aprovada grau 4 e a primeira, grau 6. ²⁹¹

3.3. LUZES DA RIBALTA?

O momento peculiar que vivenciava o Amazonas na primeira década do século XX, proporcionado pelo auge da exploração da borracha, favoreceram o crescimento e a transformação da cidade, com o alargamento das ruas e avenidas, a construção de teatros e casas de show, entre eles o monumental Teatro Amazonas um dos símbolos do ciclo da borracha. A borracha trouxe à capital do Amazonas inúmeros artistas que rechearam as páginas dos periódicos:

A capital crescia na virada do século XIX para o XX. A população de cerca de 29.000 habitantes em 1872 passou para 61.000 em 1900. A agitação ligada à circulação de passageiros e de mercadorias no porto evidenciava o seu dinamismo. Com a reestruturação urbana e com a pujança da economia gomífera passaram a viver na capital não só as elites agroexportadoras, mas grandes negociantes, técnicos, profissionais diversos e uma gama de trabalhadores que exerciam suas atividades na cidade que se expandia. ²⁹²

Os artistas que os periódicos aludiam em suas páginas tinham como destaque, em sua grande maioria, as atrizes. Descritas em riqueza de detalhes ao fim de cada apresentação onde ressaltavam a sua performance teatral ou sua voz na ópera, eram ainda seguidas pela afirmação de suas belezas. Ao mesmo tempo que encontramos imagens positivadas como essas, nos depararmos em alguns momentos com situações em relação às quais as atrizes representavam papéis considerados não tão apropriados à uma dama de renome.

Apesar das imagens femininas ligadas ao mundo artístico estar presente em todos os tipos de periódicos, pode-se argumentar que um diferencial entre eles poderia estar na forma como tais imagens eram descritas. Nas grandes folhas, que naquele momento buscavam edificar uma alta imagem como periódicos de “respeito e renome”, apareciam de forma mais cuidadosa e respeitosa as críticas e elogios a beleza das apresentações das artistas, não muito diferente das pequenas

²⁹¹ *Jornal do Commercio*, nº 8. Manaus, 10 jan. 1904.

²⁹² SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. *Cotidiano da Suspeita: etnia e criminalização na Belle Époque amazonense. Portugueses, índios, tapuios, cabocos e nordestinos, 1890-1920*. Tese de doutorado em História. São Paulo: PUC, 2011, p. 29.

folhas que exaltavam da mesma forma as suas belezas e apresentações, porém permitiam-se em alguns momentos ampliar seus comentários para além do palco.

3.3.1 ATRIZES E *COCOTTES*

As apresentações do Teatro Amazonas eram as que mais ganhavam espaço nas páginas dos periódicos, que destinavam colunas inteiras para comentar, criticar e receber críticas do público sobre as apresentações locais e exaltavam a beleza das atrizes e cantoras dos teatros. Essas mulheres eram, em sua maioria, estrangeiras de diferentes nacionalidades, entre elas espanholas, portuguesas, e francesas. Todavia, havia também os destaques nacionais:

O Teatro Amazonas foi outro ícone da modernidade, espaço por excelência onde deveria haver maior empenho na manutenção de posturas, expressando hábitos e comportamentos convencionados como civilizados. Obviamente que era um ambiente exclusivo das elites nascidas ou identificadas com a cidade e os representantes oficiais de países com os quais Manaus mantinha um intenso fluxo comercial.²⁹³

Periódicos como *A Tezoura* e o *Jornal do Commercio* mantinham colunas permanentes para descrição dos espetáculos da cidade.

PALCOS

Theatro Amazonas – Angela Pinto, a consagrada artista que todos nós admiramos, continua a iluminar com as refulgências do seu peregrino talento o palco do nosso primeiro teatro. A genial artista, embora lutando com elementos dissonantes à sua qualidade, cada dia nos dá provas eloquentes do seu mérito. Na *Zazá*, a *chanteuse de Cafés*, *Severa* a protectora do *fado*, *Hamlet* o melancólico philosopho, revelou-nos todo o seu talento em plenitude, desvendando todos os segredos de sua arte nestas antagônicas personagens.²⁹⁴

THEATROS

Há um mez funciona no Theatro Amazonas a companhia de operetas e revistas “Silva Pinto”, que o festejado empresario Juca trouxe diretamente do Rio de Janeiro. Os espectáculos, bastantes variados, teem sido muito concorridos, conseguindo os artistas por vezes vencer a habitual frieza da nossa platéia, e fazer-se aplaudir francamente.

²⁹³ Idem, p. 43.

²⁹⁴ *A Tezoura*, nº 1. Manaus, 9 out. 1909. Em outra edição, o jornal faz publicar nova nota: “PALCOS: Bar Amazonense – Mais um attrahente espectáculo offerece hoje esta casa de diversão aos seus frequentadores. As cançonetistas Alayde, a rainha do *Bar*, Darcy, a bela *gommeuse*, e Paulini, que estreiou hontem com geraes aplausos, por si só valem um espectáculo. E o Eurico, o engraçado cançonista comico, ha de fazer rir até *mané chegá*. *A Tezoura*, nº 5. Manaus, 12 dez. 1909.

E estrelada companhia a gentil Pepita Anglada, um bocadinho de mulher, formosa e interessante, que diz e canta com extrema graça, e que logo na estréia conseguiu do publico. ²⁹⁵

PALCOS

Theatro Amazonas – Está fechado o nosso bello theatro. Angela Pinto que tanta saudade nos deixa pelas agradaveis *noitadas* que nos proporcionou, seguiu rumo á Europa e o restante da *troupe*, uma perambula por aqui e outros seguiram para Belém. Voltamos de novo ao estado de apathia, lamentavel numa capital moderna como Manáos. ²⁹⁶

Periódicos do interior do estado também destacam em suas páginas a chegada e apresentações de atrizes e cantoras em suas cidades. Como relatava o jornal o *Paladio*, de Itacoatiara, em 1910: “NOTICIAS: Itacoatiara hospedará brevemente a eximia cantora e pianista madame Laura Largo, que far-se-á ouvir em publico”. ²⁹⁷

Alguns periódicos ao descreverem a beleza e a atuação dessas atrizes que encantavam a *Belle Époque* Amazônica chegavam a fazer o retrato da bela atriz como forma de aproximação com a realidade presenciada no espetáculo.



Esta que está ahi ao lado os senhores já o conhceram: é a Ricourdeau É a mais bela plástica que tem apparecido no nosso Teatro. Alta, divinamente elegante, dum chic supremo, é uma tentação ambulante. Cabelos fulvos, olhar cheio de promessas, tem também umas *toilettes* dum raro gosto parisiense da rua Royale e da rua de la Paix. Nos *Sahimbances* a esplendida soprano nos aparece triunfante de beleza, tal como ella é, soberbamente encantadora.

Tem uma palestra adorável e sabe fazer uns interessantes trocadilhos. Ainda outro dia, numa ceia deliciosa, ella encantava-me com a sua prosa, a mim que tive o prazer de ficar ao seu lado.

Do Amazonas só não gostou duma coisa: dos mosquitos, que têm uma predilecção especial pelos cotovelos e afinal por toda a Ricordeau. Devoram-na! Perseguem-na dia e noite! Isto vem provar que o mosquito não é imbecil, pois gosta de mulheres extraordinariamente formosas. Eu, neste ponto, vou com o mosquito: adoro a Ricordeau!

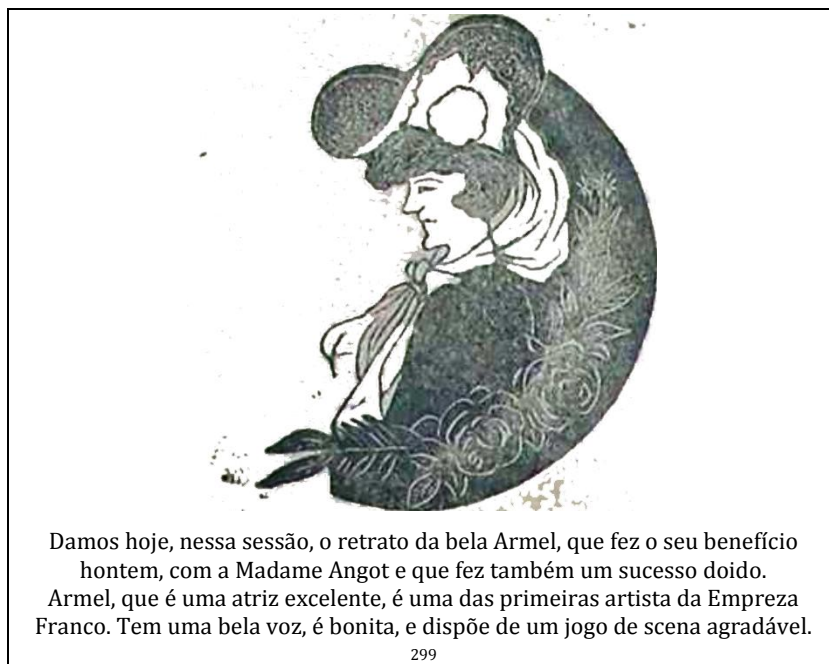
Zomó²⁹⁸

²⁹⁵ *Jornal do Commercio*, nº 1. Manaus, 2 jan. 1904. Dias depois, o jornal publicaria outra nota sobre o assunto: “THEATROS: Hoje vae á scena, pela primeira vez nesta temporada “Os vinte e oito dias de Clarinha”, *vaudeville* muito conhecido, de muita graça e musica saltitante. Encarregaram-se dos principaes papeis Pepita e Luiza d’Oliveira e Machado etc. Pepita está na obrigação de nos dar uma *Clarinha* devéras interessante e endiabrada e Luiza deve fazer uma *Berenice* completa”. *Jornal do Commercio*, nº 3. Manaus, 5 jan. 1904.

²⁹⁶ *A Tezoura*, nº 2. Manaus, 16 out. 1909.

²⁹⁷ *Paladio*, nº 65. Itacoatiara, 28 jul. 1910.

²⁹⁸ *Pontos nos ii*, nº 1. Manaus, 14 jul. 1906.



O jornal *Pontos nos II* tinha essa característica, a de utilizar ilustrações em seus artigos, principalmente, quando relatava um acontecimento que considerava de certa relevância. Como se percebe, não somente a beleza física, mas também a apresentação era descritas e valorizadas nas matérias.

O jornal *Pontos nos ii*, na coluna “Ribaltas e Gambiarras” citava ainda as percepções dos expectadores, cujos olhares persistente fitavam a bailarina³⁰⁰. Dos teatros à vida noturna dos clubes e bares, as atrizes/cocotes francesas faziam as delícias da população e da imprensa. Afinal, argumentam, fora dos teatros, as damas do palco lançavam-se pelas ruas da cidade e interagiam com seu público. O periódico *A Tezoura* relata a passagem de uma atriz – Margarida – por uma das da capital amazonense, recebendo dos transeuntes comentários não muito corteses ou elegantes:

O Octavio Durval conversa com o Ariel no Canto das Novidades, quando passa a actriz Margarida, e querendo fazer espirito exclama: que bellos seios! Serão della mesmo?
 – Diz o Ariel; são della, meus, teus e de todos.³⁰¹

²⁹⁹ *Pontos nos ii*, nº 4. Manaus, 4 ago. 1906.

³⁰⁰ “Ribaltas e Gambiarras: Porque o Dr. Raphael Banaion binocúla tanto, no theatro, uma bailarina que tem os tornozelos grossos como todo o corpo do Bayma? – É pra vêr se a gordura pega”. *Pontos nos ii*, nº 2. Manaus, 21 jul. 1906.

³⁰¹ *A Tezoura*, nº 3. Manaus, 23 out. 1909.

Na abordagem ao mundo da noite e das festas as atrizes estrangeiras, podiam despertar furor e serem idolatradas, como Ricordeau, mas não escapariam, mesmo elas, das comparações maliciosas e desqualificações, que as apresentavam como se fossem meras meretrizes de luxo. O periódico *A Tezoura* relatava uma dessas situações:

PEQUENINOS BOATOS: Chamamos a atenção da policia para certas mulheres do *demi monde* que se fazem acompanhar de menores, tarde da noite, nos centros viciosos. A atriz Emma Biari é uma d'ellas.³⁰²

³⁰² *A Tezoura*, nº 3. Manaus, 23 out. 1909.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idealização da mulher e sempre esteve no imaginário social e tal idealização não passava apenas pela afirmação da beleza estética feminina, mas incluíam, antes, os diversos papéis que elas podiam ocupar na sociedade: a filha, a esposa, a mãe. A partir dessas visões modelares as mulheres se viam enquadradas em rígidos parâmetros de beleza e comportamento. Em todos os locais do globo a imprensa foi pedra de toque fazendo ecoar tais papeis, reforçando-os no mais das vezes, mas também sendo capaz de contradita-las. Os jornais do Amazonas não fizeram diferentes: a partir de poemas e folhetins, de colunas e de matérias que retratavam seu mundo particular produziam eles também essas representações.

Nas páginas de vários periódicos, a idealização da beleza feminina se fazia maciçamente ancorada na estética europeia e, em contraponto, a mulher amazonense era preterida, por não se enquadrar a tais preceitos estéticos. Essas comparações eram muitas vezes remetidas as atrizes estrangeiras que agraciaram a vida noturna da capital da borracha no Amazonas. Mesmos as meretrizes, sempre desqualificadas, na Manaus da borracha podiam ganhavam uma aura de destaque e até *glamour*, desde que fosse estrangeira, francesa, de preferência ou pelo menos afrancesada.

Foi surpreendente, portanto, constatar que alguns periódicos, na contramão desse avassalador discurso modernizador eurocêntrico, conseguiam descrever e exaltar a mulher amazonense. Assim ocorreu com *O Gremio* em seu primeiro número, por onde apresentaria ao público uma coluna que descrevia a força, a beleza e a sabedoria da mulher amazonense, misturando seus argumentos com elementos da floresta amazônica.

A CONQUISTA

A alma da mulher amazonense exulta de prazer, vai como uma ave alegre, cortando o espaço indefinido, ligeira, quando foge da prisão de uma gaiola abjeta, sem ar, libertando-se da escuridão da ignorância vil para se banhar na benfazeja luz vivificante do sol da sebedoria. E essa avezinha tão frágil vai em busca de um novo pozo, longe, numa floresta virjem, de arvores frondosas e verdejantes, iluminada por um astro de claridade intensíssima, cercada de fontes murmurantes, de águas límpidas, frescas e inspiradoras.³⁰³

³⁰³ *O Gremio*, nº 1. Manaus, 5 set. 1910.

Outro periódico, *O Parinarium*, também trazia em suas páginas um poema sobre uma moça bela nascida no Amazonas.

Nasceu na terra dos Barés, mas foi educada na Europa. Corpo regular, morena, alegre, sympathica, seu riso faz o mais duro coração ficar loucamente apaixonado. Mora n'uma rua que faz lembrar a terra dos verdes mares bravios: seu nome lembra a terra de Olivaes em Portugal. Há quem diga que es seu semblante jamais pairaram ares de tristeza.³⁰⁴

Novamente temos pelo poema a valorização e exaltação da beleza de uma amazonense, mas mesmo ali, a imagem generosa parece mais uma concessão idílica à terra e, mas que isso, não deixa também de ser uma imagem em que esta mulher local emerge como que redimida pela afirmativa de que teria sido “educada na Europa”. As representações são assim: múltiplas e contraditórias, apontam o avanço, enquanto sugerem o recuo; denunciam o arcaísmo em nome da modernidade, mas pouco conseguem escapar do desejo de encontrar no seio da sociedade, a mulher do passado, frágil, calma, pacata, a representar velhos papéis tranquilizadores.

O feminismo ensaiava seus primeiros passos, mas ainda teria que esperar o futuro para apresentar resultados mais significativos.

Ao concluirmos a pesquisa para a construção da dissertação, ficou em nós a sensação que muito ainda pode ser desvendado. A possibilidade de termos tido acesso, para além das fontes pesquisadas, a inúmeros outros impressos, ligados a linhas editoriais diversas; jornais ou revistas de todos os tipos, nos traz um sentimento de trabalho inacabado. Embora essa sensação venha envolvida com o sentimento de dever cumprido, nos deixa várias portas abertas para uma continuidade, já que há muito ainda para ser revelado. Entraves existiram, em especial relacionados ao acesso das fontes. Afinal,

A documentação local, necessária às pesquisas geralmente está em mãos de pessoas que se consideram “donas” e não querem cede-la. Isto talvez aconteça porque, em locais menores, onde predominam relações de tipo pessoal e privado, haja mais dificuldade em identificar patrimônio histórico com patrimônio público. Mas acontece também porque, nestes lugares, muitos “donos” da documentação pertencem às oligarquias locais, estão habituados a mandar.

³⁰⁴ *O Parinarium*, nº 1. Manaus, 26 set. 1909.

E não hesitam em usar este poder contra o pesquisador, principalmente quando desconfiam que o resultado da pesquisa poderá prejudicar seus interesses ou comprometer sua imagem.³⁰⁵

Essa dificuldade de acesso foi sensivelmente minorada pelo acesso ao Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA), que luta ano a ano vem lutando para ampliar seus acervos e vem conseguindo manter-se aberto, franqueando espaço e meios para a que as pesquisas com jornais se realizem a contento. De lá tem saído algumas pesquisas e dissertações sobre o tema que em muito tem contribuído com a construção da história da imprensa no Amazonas.

A pesquisa foi para mim descoberta e autodescoberta porque como nos lembrava historiador Marc Bloch nós somos o próprio objeto da história³⁰⁶. Pensar a ação dos homens (e mulheres!) no tempo é pensar nossa própria trajetória. Como mulher, me vi representada em inúmeras passagens e notas lidas nesses periódicos. Guardadas as proporções, muitas situações de angústia e sofrimento eu as vivi pessoalmente, o que só reforça a convicção de que as lutas femininas são tão necessárias hoje quanto foram ontem, pois nem tudo foi resolvido e acertado. Ainda padecemos com preconceitos incrustados na cultura, mas que ditam consequências no mundo físico, tangível, do aqui e do agora. Ainda temos os menores salários e somos preteridas na oferta de emprego e promoções. O que vestimos, o que fazemos, com quem fazemos e por que fazemos ou não fazemos é ainda assunto inquisidor de uma sociedade de homens e mulheres que ainda se pauta muito pelos valores *deles*.

É por isso que, passados mais de 100 anos, e consciente de que muita coisa já separa àquelas mulheres de mim, mesmo assim eu consigo sentir o peso e a pressão que elas sentiram para galgar um espaço, e fazer avançar sua própria história. Ao mesmo tempo, no exato momento da realização desta pesquisa, tive a consciência, de uma forma assustadoramente cristalina, da pressão social – e mesmo mais próxima, familiar – de que não podia deixar de cumprir minha *missão* “de mulher” e priorizar o papel da esposa devotada e, em especial, da mãe

³⁰⁵ AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. (Org.). *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 11-12.

³⁰⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editos, 2001.

dedicada, já que, mal iniciada a pesquisa, deparei-me com a constatação de uma nova gravidez.

O tempo da pesquisa foi também o tempo da gestação, do parto, e de ser também de mãe de Cecília – já sendo mãe de Zidane a uma década –, enquanto também desempenhava a honrada profissão de “professorinha” em escolas públicas da cidade. Tudo me impulsionava a parar, largar todo o “resto”, o “desimportante” (como muitos diriam), e me concentrar em ser “*apenas mulher*”, como muitos também diriam!

Minha alternativa era seguir adiante, lutando com o que tinha nas mãos e com os limites que trago comigo, o que significa, para mim, não ter a certeza de encontrar no fim de tudo um “pódio de chegada ou beijo de namorado”, como dizia Cazusa. Assumi os riscos, recebi ajuda e apoio dos mais próximos, juntei um pouco força e uma pitada de coragem e, enfim, aqui estou.

Incurável, coloco um ponto final na pesquisa cheia de esperanças futuras, vendo aqui, como num rito de passagem, um ponto de partida também para outro um outro momento, profissional e pessoal. Como cidadã vejo na continuidade dos estudos de gênero, um caminho para a mudança tão sonhada da sociedade, mudança essa que se expressa nas lutas cotidianas de todas nós mulheres. Como mãe quero poder viver num país e numa sociedade que seja melhor para Cecília do que foi para todas as que a antecederam. Que assim seja!

REFERÊNCIAS

1 – PERIÓDICOS:

- *A Farpa. Manaus, 1909*
- *A Pátria. Manaus, 1898-1899*
- *A Rosa. Manaus, 1987*
- *A Tezoura. Manaus, 1909*
- *Amazonas. Manaus, 1895-1910*
- *Borboleta. Codajás, 1909 (manuscrito)*
- *Correio do Norte. Manaus, 1906-1910*
- *Diário de Notícias. Manaus, 1899*
- *Diário do Amazonas. Manaus, 1895-1910*
- *Jornal do Commercio. Manaus, 1904-1910*
- *O Atheniense. Manaus, 1907-1909*
- *O Barcelense. Barcelos, 1909-1912*
- *O Beijo. Manaus, 1897-1898*
- *O Globo. Manaus, 1901-1902*
- *O Grêmio. Manaus, 1909-1910*
- *O Parinariun. Manaus, 1909-1910.*
- *O Progresso. Manacapuru, 1911-1912*
- *O Sport. Manaus, 1909-1911*
- *O Vesúvio. Manaus, 1909*
- *Paladio. Itacoatiara, 1908-1911*
- *Pontos nos ii. Manaus, 1906*
- *Quo Vadis? Manaus, 1902-1904*
- *Tribuna do Caixeiro. Manaus, 1908-1909*

2 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERT, P. e TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2009.

ALVES, Maria Angélica. *A Educação Feminina no Brasil do entre séculos (XIX e XX)*. Imagens da Mulher Intelectual. UERJ.

- AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A.(Org.). *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 7-16.
- ANDERSON, Perry. *A crise da crise do Marxismo*: Introdução a um debate contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: A Revista da Associação Comercial e as representações acerca do trabalho no Amazonas, 1909-1919*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. *Como escrever uma história da imprensa?* II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, 15 a 17 de abril de 2004.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: v. 1: Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: v. 2: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: Imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História. Vol IV: Acordes Historiográficos: uma nova proposta para a teoria da História*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Manaus, Editora Valer, 1999.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editos, 2001.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Ática, 1986.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de Papel a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 2009.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALIRI, Jordana Coutinho. “Entre poesias e folhetins: Leituras femininas nos jornais do Amazonas Provincial”. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014, p. 47-60.

- CALIRI, Jordana Coutinho. *Folhas da Província: a imprensa amazonense durante o período imperial, 1851-1889*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. “Na imprensa e pela imprensa: Representações da mulher amazonense”. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014, p. 89-132.
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus, 1890-1940*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- CAMPOS, Raquel Discini de. *Mulheres e crianças na Imprensa paulista (1920-1940)*. São Paulo, Editora da UNESP, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista, 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O Que é Escrita Feminina*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. v. 2. São Paulo: Ática, 1999.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo, Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. “Participando do debate sobre mulher e violência”. In: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTE, Maria Laura e HEIBORN, Maria Luiza (Orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. São Paulo: Zahar Editores, 1985.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- COSTA, Claudia de Lima. O sujeito do feminismo. *Cadernos Pagu*. (19) 2002, p. 80.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo: EDUC, 2000.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. São Paulo, nº 35, 2007, p. 255-271.
- D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary. Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 223-240.

- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DAVIS, Natalie Zemon. “Antropologia e História nos Anos 80”. In: NOVAES, Fernando Antonio e FORASTIERI, Rogério (Orgs). *Nova História em Perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 329-340;
- DAVIS, Natalie Zemon. “As Mulheres por Cima”. In: *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 107-127.
- DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do Progresso”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-102.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002.
- FARIA E SOUZA, João Baptista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo, Ática, 1988.
- FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado Brasileiro: uma herança ocidental. *Revista Fato & Versões*, n. 2 v. 1, p. 3-16, 2009.
- FONSECA, Joaquim. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito, CORRÊA, Maria Letícia (Orgs). *200 Anos de Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- FONTANA, Josep. *História: Análise do Passado e Projeto Social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950) - Catálogo de Jornais*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Atlântica, 2004.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. "A nova mulher". In: *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 271-306.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- HUNT, Linn (Org.) *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KIRSCHNER, Tereza Cristina. "Robert Darton". In: LOPES, Marcos Antonio e MUNHOZ, SIDNEY (Orgs.). *Historiadores de Nosso Tempo*. São Paulo: Alameda, 2010.
- LAGE, Lana. NADER, Maria Beatriz. *Violência Contra a Mulher*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 286-312,
- LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: *História e Memória*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-549.
- LOBO, Elisabeth Souza. *A Classe Operária tem dois Sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LUCA, Tania Regina. "História dos, nos e por meio dos Periódicos". In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2006, p. 111-153.
- LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, História e Literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de História: O caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: Editora FGV / EDIPUCRS, 2010.
- MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do Mundo Feminino". In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revistas: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp /Fapesp /Imprensa Oficial, 2001.
- MATOS, Maria Izilda e BORELLI, Andrea. *Espaço feminino no mercado produtivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 126-147.
- MATOS, Maria Izilda Santos e SOIHET, Rachel (Org.). *O Corpo Feminino em Debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

- MENEZES, Bianca Sotero de. *Imprensa e Gênero: A condição feminina e as representações da mulher amazonense na Imprensa Provincial (1850-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus: EDUA, 2009.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Notas Sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas*. Jornal A crítica, 1988.
- MOREL, Marco. “Os primeiros passos da palavra impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-44.
- MOREL, Marco. *Palavra, Imagem e Poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz (Orgs.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- NASH, Mary. Invisibilidad y Presencia de la Mujer en Historia. *Historia*, México, 10, 1985.
- NEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- NEVES, José Luís. Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades. *Cadernos de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º sem./1996.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 8, n.2/2000, p. 09-41.
- OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara, 1877-1917*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: Nos caminhos da civilização. *Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Recife, nov. 2009.
- ORUM, Thomas. As Mulheres das Portas Abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica, 1890-1920. *Revista Estudos Amazônicos*, vol. VII, nº 1, 2012.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas faces da História: nove entrevistas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- PARENTE, Temis. *Sentimentos e Ressentimentos de Eva, uma Mulher de Vida Livre*. In: ERTZOGUE, Marina H. e PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: paralelo 15, 2006, p. 295-310.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas – uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
- PEDRO, Joana Maria. *Os Sentimentos do Feminismo*. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 255-270.

- PEDRO, Joana. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. Revista *História*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24 (1), p. 77-98, 2006.
- PEREIRA FILHO, Raimundo Alves. *Lupanares e Puteiros: Os últimos suspiros do Rendez-Vous na sociedade manauara (1959/1969)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2013.
- PERROT, Michele. Entrevista à Hermetes Reis de Araújo. *Projeto História*, São Paulo, (10), dez. 1993, p. 125-136.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da História*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *Mundo Além do Espaço: por uma história cultural do urbano*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol.8, nº 16, 1995, p. 279-290.
- PESSOA, Alba Barbosa. *Infância e Trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus, 1890-1920*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade*. Portugueses Letrados na Amazônia, 1885-1936. Tese de Doutorado. Porto: Universidade do Porto, 2012.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro e PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Orgs.). *Imprensa Operária no Amazonas*. Manaus: EDUA, 2004.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: EDUA, 2003.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 2001.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-1930*. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *O Espelho Francês na "Paris das Selvas"*. In: VIDAL, Laurent e LUCA, Tania Regina de (Orgs). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Estudos de Gênero e História Social Revista Estudos Feministas*. vol. 17 n. 1/2009 p. 159-189.
- PINTO, Célia Regina Jardim, *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

- PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 217-236.
- PRIORE, Mary Del. *Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- PRIORI, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP/Contexto, 2001.
- QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. *Vinte Anos de Feminismo*. Tese de Livre Docência. Campinas: UNICAMP, 1996.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e código de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- RAGO, Margareth. *Pensar Diferentemente a História, Viver Femininamente o Passado*. In: GUAZZELLI, Cezar, PETERSEN, Sílvia, SCHMIDT, Benito e XAVIER, Regina (Orgs.). *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 41-58.
- RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 578-605.
- RELAÇÕES de Gênero e Escrita da História (Dossiê). *Esboços*, Florianópolis, nº 17, 2007.
- RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Jornal do Comércio: construtor e artífice dos hábitos de modernidade em Manaus, 1904-1920*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Mulheres Educadas e a Educação de Mulheres*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 333-359.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANCHES, Nanci Patrícia Lima: *Fora do tom, fora da ordem: vadios, mulheres e escravos no Império do Brasil*. *Revista Caderno Espaço Feminino*, UFU, Uberlândia, 2007.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. *Cotidiano da Suspeita: etnia e criminalização na Belle Époque amazonense. Portugueses, índios, tapuios, cabocos e nordestinos, 1890-1920*. Tese de doutorado em História. São Paulo: PUC, 2011.
- SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. *Manaus da Belle Époque: um cotidiano em tensão. A utopia da modernidade na cidade disciplinar, 1890-1920*. *Cadernos de História*. Ano II, nº 1, março de 2007.
- SANTOS, Cecília MacDowell e IZUMINO, Wania Pasinato. *Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil*. *Revista Estudios Interdisciplinários de America Latina y el Caribe*. Israel: Universidade de Tel Aviv, vol. 16, nº 1, 2005.

- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia, 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 63-96.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes, São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- SILVA, Francine Medeiros da. Código de bom-tom: Os manuais de etiqueta e a formação de uma “boa sociedade” nos trópicos (Rio de Janeiro, 1840-1850). *Anais do XVIII Encontro Regional de História*. ANPUH/SP. Assis, 24 a 28 de julho de 2006. CD-ROM.
- SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: Relações de gênero e História em José de Alencar*. Bauru, SP: EDUSC, 2012.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOIHET, Rachel. “A conquista do espaço público”. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 218-237.
- SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, p. 275-295.
- SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil”. In: PRIORE, Mary Del e PINSKY, Carla B. (Orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 362-400.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 281-300, 2007.
- SOUZA LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SOUZA, Leno José Barata. Cultura impressa no Amazonas e a trajetória de um jornal centenário. *Revista Tempos Históricos*, vol. 14, nº 2, p. 109.
- STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 14, n.1/2006. p. 15-42.
- TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- THOMPSON, Edward Palmer. *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*, estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- TOLEDO, Cecília. *Mulheres: O gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo: Sunderman, 2008.
- VAINFAS, Ronaldo. "A História Cultural". In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-163.
- VAZ, Paulo Bernardo. "De Liberty a Marinoni: Feição e feitura jornalística". In: CASTRO, Maria Céres et al. *Folhas do Tempo: Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte (1895-1926)*. Belo Horizonte: UFMG / Associação Mineira de Imprensa / Prefeitura de Belo Horizonte, 1997, p. 47-68.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. *A Imprensa Como Fonte Para a Pesquisa Histórica. Projeto História*, nº 3. São Paulo: EDUC, 1984, p. 47-54.
- VIEIRA, Maria do Pilar et al. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. *Projeto História*. São Paulo, nº 3, 1984, p. 48-49.
- WEINSTEIN, Barbra. *A Borracha da Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. A Imprensa e a Cultura Popular. *Projeto História*. São Paulo, nº 35, 2007, p. 15-26.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história*. Alto Juruá (1890-1945). São Paulo, HUCITEC, 1999.
- ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo, nº 4, 19